

## Os irmãos Martins: Manuel e Gaspar

os mais reputados entalhadores e escultores algarvios na primeira metade de Setecentos



Francisco Lameira  
Martina del Rio João

2005

- 01 *O retábulo em Portugal. Das origens ao declínio* (impresso).  
Francisco Lameira

2006

- 02 *O retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759* (impresso).  
Francisco Lameira

2007

- 03 *O retábulo no Algarve* (impresso).  
Francisco Lameira

2009

- 04 *Retábulos nas Misericórdias Portuguesas* (impresso).  
Francisco Lameira

2013

- 05 *Retábulos na Diocese de Beja* (impresso).  
Francisco Lameira e José António Falcão

2014

- 06 *Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa* (impresso).  
Francisco Lameira e João Canha e Sá

- 07 *Retábulos na Diocese de Setúbal* (impresso).  
Francisco Lameira e Hélder Rodrigues

- 08 *Retábulos na Diocese do Funchal* (impresso).  
Francisco Lameira, Paulo Ladeira e Renato Freitas

2015

- 09 *Retábulos na Arquidiocese de Évora* (impresso).  
Francisco Lameira e Artur Goulart

- 10 *Retábulos na Diocese de Viana do Castelo* (impresso).  
Francisco Lameira e Paulo Ladeira

- 11 *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (impresso).  
Francisco Lameira, José João Loureiro e frei José Carlos Vechina

2016

- 12 *Retábulos no Estado de Goa* (impresso).  
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

- 13 *Retábulos Relicários* (impresso).  
Francisco Lameira, Carlos Evaristo e José João Loureiro

2017

- 14 *Retábulos na Diocese de Lamego* (impresso).  
Francisco Lameira, Pedro Vasconcelos Cardoso e José João Loureiro

- 15 *Retábulos na Diocese de Leiria - Fátima* (impresso).  
Francisco Lameira, José João Loureiro e Virgolino Ferreira Jorge

- 16 *Retábulos em Minas Gerais* (impresso).  
Francisco Lameira, Aziz José de Oliveira Pedrosa, Alex  
Fernandes Bohrer e José João Loureiro

2018

- 17 *Retábulos no patriarcado de Lisboa* (impresso).  
Francisco Lameira e José João Loureiro

2019

- 18 *Retábulos na Província do Norte. Baçaim, Damão e Diu* (impresso).  
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

2020

- 19 *Retábulos nos Açores* (impresso).  
Francisco Lameira, José Meco, José João Loureiro e Marta Bretão

- 20 *Retábulos no Mundo Português* (impresso e em formato eletrónico).  
Francisco Lameira

- 21 *Retábulos no Pará e no Maranhão* (em formato eletrónico).  
Francisco Lameira, Isabel Mayer Godinho Mendonça e Renata  
Malcher de Araujo

- 22 *Retábulos no Brasil Colonial* (em formato eletrónico).  
Francisco Lameira, Mozart Bonazzi da Costa e Martina del Rio João

- 23 *Retábulos na Arquidiocese de Braga* (em formato eletrónico).  
Francisco Lameira, Raúl Sampaio Lopes e José João Loureiro

- 24 *Retábulos na Diocese de Vila Real* (impresso e em formato eletrónico).  
Francisco Lameira, José Bernardo Carvalho e Martina del Rio João

2021

- 25 *Retábulos na Diocese do Porto* (impresso e em formato eletrónico).  
Francisco Lameira e Martina del Rio João

- 26 *Retábulos das Almas no Purgatório* (em formato eletrónico).  
Francisco Lameira, Inês Afonso Lopes e Martina del Rio João

- 27 *Retábulos na Diocese de Bragança* (em formato eletrónico).  
Francisco Lameira, D. José Cordeiro, Martina del Rio João e  
Padre Augusto A. Ferreira Pires

2022

- 28 *Os irmãos Martins: Manuel e Gaspar* (em formato eletrónico).  
Francisco Lameira e Martina del Rio João

## Os Irmãos Martins: Manuel e Gaspar



### **EDIÇÃO**

Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve

### **DESIGN GRÁFICO**

Martina del Rio João

### **FOTOGRAFIA**

António Martins, Arquivo Fotográfico do Museu do Traje de São Brás de Alportel, Elsa Ferreira, Elvira Gonçalves, Enrique Arroio Berrones, Hélio Ramos, Ismael Medeiros - Município de Lagoa, J. Costa - Município de Lagos, João Palma, José Berardo Carvalho, Marco Lopes, Marco Pedro, Maria João del Rio, Martina del Rio João, Sistema de Informação do Património Arquitetónico.

### **EDIÇÃO DAS IMAGENS**

Martina del Rio João

**ISBN:** 978-989-9023-77-2

### **LOCAL E ANO**

Faro | 2022

**CAPA:** . Pormenor do retábulo-mor da igreja da ordem terceira do Carmo, em Faro. Foto Hélio Ramos.

**CONTRACAPA:** Pormenor do retábulo da igreja de Santo António, em Lagos. Foto J. Costa - Município de Lagos.

## Índice:

Editorial.....	7
Introdução.....	9
Manuel Martins (1667 - f. 1742) por Francisco Lameira e Martina del Rio João	
-Dados biográficos.....	17
-Obras executadas e/ou atribuídas.....	29
Gaspar Martins (1703 - f. 1747) por Martina del Rio João	
-Dados biográficos.....	89
-Obras executadas e/ou atribuídas.....	95
Considerações finais.....	127
Fontes e estudos citados nas notas e nos textos.....	132
Apêndice documental.....	135
Índice Documental.....	135



Almancil. Igreja de São Lourenço.  
Pormenor do retábulo.  
Foto Hélio Ramos.



Lagos. Igreja de Santo António.  
Pormenor do retábulo.  
Foto J. Costa - Município de Lagos.



Lagos. Igreja de Santo António. Pormenor do retábulo. Gaspar Martins. 1718.  
Foto J. Costa - Município de Lagos.

## Editorial

O Departamento de Artes e Humanidades da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve assume a publicação, em suporte eletrónico, do volume 28 da coleção Promontoria Monográfica História da Arte, que se dedica exclusivamente ao estudo dos retábulos no Mundo português.

O presente volume, com o título *Os irmãos Martins: Manuel e Gaspar, os mais reputados mestres entalhadores e escultores algarvios na primeira metade de Setecentos*, debruça-se sobre o património retabular e escultórico executado na primeira metade do século XVIII por dois irmãos entalhadores e escultores, os mais reputados na diocese algarvia desse período. Ambos com oficinas sediadas na sede do bispado e curiosamente aprendendo o ofício na loja ou tenda de um italiano radicado na cidade de Faro desde a década de 1680 e que, entretanto, casou com a irmã mais velha dos Martins.

A clientela mais esclarecida e abastada, não só da cidade de Faro, mas de toda a diocese, nomeadamente o bispo, os membros do cabido, os religiosos da Companhia de Jesus, os mesários das ordens terceiras e algumas irmandades, recorreu sistematicamente a estes dois profissionais, os melhores existentes na região.

Ao editar mais este número da coleção, a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve pretende dar o seu contributo, não só no estudo e na preservação dos valores patrimoniais em análise, mas também na sua divulgação.

Felicitemos os dois investigadores que preparam a presente publicação: Francisco Lameira, docente na Universidade do Algarve e coordenador desta coleção e Martina del Rio João, investigadora e colaboradora da coleção.



Faro. Igreja do Carmo. Imagem do Senhor Crucificado. Manuel Martins 1731.  
Foto Marco Pedro.

## Introdução

Se tivermos em conta que os retábulos enquadravam a mesa do altar e acolhiam as representações escultóricas de Cristo, da Virgem e dos santos, estes equipamentos eram entendidos como imprescindíveis pelos responsáveis religiosos, como se verifica com alguma regularidade na documentação da época. Por exemplo, no dia 15 de agosto de 1719, no *assento que se fez da obra da cornija e reformação do retábulo* da igreja da ordem terceira de São Francisco, em Faro, *estando ali congregados em Mesa o reverendo padre comissário frei José das Brotas e o ministro, o reverendo doutor Manuel de Sousa Teixeira e mais deputados da Mesa, entre todos ajustaram ser mais conveniente, para maior glória e honra de Deus e do nosso Patriarca São Francisco, uma cornija em roda da capela para dividir a obra do azulejo (...) tanto para a grandeza da mesma capela, quanto para incitar o ânimo dos fiéis a maior devoção, se determinaram a dar logo princípio à dita obra para o que foi chamado Manuel Martins, oficial de entalhador e escultor famoso (...) e a respeito dessa mesma obra ficou reeleita outra vez a mesma Mesa segundo ano, que foi o ano de 1720 para o de 1721, no qual ano não só se acabou a dita obra senão que se principiou segunda, que é a reformação do retábulo*<sup>1</sup>.

O presente estudo monográfico debruça-se sobre a vida e obra dos dois mais reputados mestres entalhadores e escultores algarvios da primeira metade do século XVIII: os irmãos Martins, Manuel e Gaspar. Nascidos em Faro, filhos de um mareante, aprenderam a profissão nesta cidade com o escultor italiano, João Baptista Severino, que aqui se fixou e



Faro. Igreja da Ordem Terceira de São Francisco. Cornija. Manuel Martins. 1720. Foto Marco Pedro.

<sup>1</sup> Ver Apêndice, doc. 8.

casou com a irmã mais velha de ambos.

A clientela mais esclarecida e com maiores recursos financeiros, incluindo o bispo, os membros do cabido, os religiosos da Companhia de Jesus, os mesários das ordens terceiras e algumas irmandades mais relevantes, recorreu sistematicamente à oficina de cada um destes dois prestigiados profissionais.

De realçar que o estudioso americano Robert C. Smith ao analisar, em 1963, a *talha algarvia* identifica *três obras-primas*, cuja autoria desconhecia. As duas relativas à primeira metade de Setecentos (o retábulo da igreja de Santo António de Lagos e o retábulo-mor da igreja do Carmo, em Faro<sup>2</sup>, foram executadas respetivamente por Gaspar Martins e Manuel Martins, a primeira em 1718 por encomenda dos responsáveis do Regimento da Praça de Lagos, entre eles Álvaro Pereira de Lacerda, irmão do então bispo do Algarve, D. Álvaro Pereira de Lacerda e a segunda em 1735 pelos mesários da *venerável da ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo*.

Este último retábulo foi o mais dispendioso de sempre na região algarvia. Excluindo o custo da madeira, só pelo entalhe foi despendido 1.200\$000 réis<sup>3</sup>, bastante mais do que os 840\$000 réis pagos pelos mesários da prestigiada irmandade dos mareantes da cidade, em Faro, pela feitura da Casa do Compromisso Marítimo<sup>4</sup>.

Resta, por fim, agradecer o empenhamento e a colaboração dos responsáveis dos diversos templos, públicos ou privados, que nos facultaram o acesso e o levantamento fotográfico dos retábulos recenseados. Registamos ainda o importante contributo de algumas instituições e de todos aqueles que gentilmente nos ajudaram, a



Faro. Igreja do Carmo. Retábulo-mor.  
Foto Hélio Ramos.



Faro. Casa do Compromisso Marítimo.  
Foto Marco Pedro.

<sup>2</sup> SMITH, 1963.

<sup>3</sup> LAMEIRA, 2001-2002, p. 176.

<sup>4</sup> LAMEIRA, 2001-2002, p. 196.

seguir referenciados por ordem alfabética: Alexandra Rufino, Álvaro Encarnação, António Martins, Elsa Ferreira, Elvira Gonçalves, Emanuel Sancho - Museu do Traje de São Brás de Alportel, Enrique Arroio Berrones, Hélio Ramos, Ismael Medeiros, J. Costa, João Canha e Sá, João Palma, padre Joaquim Beato, José Bernardo Carvalho, padre José Pedro Martins, D. Manuel Quintas, Marco Lopes, Marco Pedro, Marco Sousa Santos, Maria João del Rio, padre Miguel Neto, Município de Faro, Município de Lagoa, Município de Lagos, Sandra Martins.



Faro. Igreja do Carmo.  
Pormenor do retábulo de Santa Teresa.  
Manuel Martins. 1741.  
Foto Marco Pedro.

*Quem escreve a cidade com o seu hálito?  
Vapores cinza e rosa  
levantam em leque a barca da terra.  
Um ouvido sutil ouve o silêncio oblíquo.*

*Uma cidade de pedra e de água, de rumores  
-verticais, de ténues transparências,  
que sede a surpreende inicial,  
quem abraça no voo de um nascimento?*



*É aqui ainda a terra, nas colinas,  
no odor a peixe, nos obscuros insetos.  
Algo se espera talvez entre os plátanos.  
Há estrelas e barcos nas calçadas.  
Todas as superfícies oscilam à claridade do vento.*

António Ramos Rosa, "A cidade que habito", No *Calcanhar do Vento*, 1987.

Foto António Martins.





eu do Traje de São Brás de Alportel.





Faro. Planta da cidade em 1841.

Manuel Martins (1667 - f. 1742).

O mestre entalhador e escultor Manuel Martins afirmou-se como o principal executante da talha e da imaginária religiosa em madeira, na primeira metade do século XVIII, não só no Algarve, mas também na região mais a sul do Alentejo. De realçar o facto de ter concebido a maior parte das suas obras, apresentando alguns dos seus retábulos especificidades de grande mérito, mesmo no contexto nacional.

### Dados biográficos

Amaro Martins, mareante e sua mulher Maria da Conceição moravam na cidade de Faro, sede do bispado do Algarve, na Rua dos Capuchos, atual Serpa Pinto. Esta artéria, em plena zona ribeirinha, ligava a igreja matriz de São Pedro, sede de uma das duas freguesias citadinas, ao convento de Santo António, de religiosos capuchos da Piedade. Este casal já tinha uma filha, Maria da Encarnação, quando a 10 de março de 1667, é batizado na igreja matriz de São Pedro, o segundo filho: Manuel Martins<sup>5</sup>. Sucedem-se mais dois irmãos, Gaspar Martins e Vicente Martins, também batizados neste templo.

Por volta de 1682, chegam a Faro dois escultores forasteiros, João Baptista Severino, italiano e Gaspar Cavalhero, nascido na Flandres. É muito provável que tenham vindo de Lisboa, onde já se haviam familiarizado com o novo formulário artístico então vigente na corte portuguesa, que designamos por Barroco Pleno<sup>6</sup>. O primeiro trabalho assumido por estes dois escultores na cidade de Faro pode ter sido o retábulo da capela-mor da igreja dos religiosos capuchos da Piedade. Por esta al-



Faro. Igreja matriz de São Pedro.  
Foto Marco Pedro.



Faro. Igreja conventual dos Capuchos.  
Foto Marco Pedro.

<sup>5</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 27 e 54.

<sup>6</sup> Conjuntura artística que sucede ao Protobarroco e antecede o Barroco Final. Vigorou no último quartel do século XVII e nas duas primeiras décadas de Setecentos (LAMEIRA, 2020, pp. 165 a 168).

tura estava a ser concluído o retábulo principal da vizinha matriz de São Pedro, ainda obedecendo ao formulário Protobarroco<sup>7</sup>, que estava a cair em desuso em Lisboa e em muitas outras localidades portuguesas.

O local escolhido por estes dois escultores para fixarem a sua oficina de escultura e de entalhe foi na freguesia da sé. Em 1683, inesperadamente, falece o flamengo, deixando por herdeiro e testamenteiro o seu colega italiano<sup>8</sup>.

Pouco depois, João Baptista passa a residir na Rua dos Capuchos. Aí conhece a filha mais velha, ainda solteira, da família Martins. Ao namoro seguiu-se o casamento e pouco depois surgem os filhos: primeiro, António Severino, que é batizado neste templo e que mais tarde será sacerdote e posteriormente Águeda Severina. A integração de João Baptista Severino nas estruturas religiosas existentes nesta cidade decorre com naturalidade, inscrevendo-se na confraria das Almas da dita igreja matriz de São Pedro<sup>9</sup>, onde estavam agrupados os oficiais mecânicos ou mesterais residentes nesta freguesia.

O jovem Manuel Martins, se porventura já não tinha iniciado a aprendizagem da profissão da arte do entalhe noutra oficina cidadina, eventualmente a de Gabriel Domingues da Costa, o mestre mais prestigiado na cidade, passa a integrar a do seu cunhado João Baptista Severino. É possível que tenha colaborado no entalhe do referido retábulo da capela-mor da igreja do convento de Santo António dos Capuchos.

Pouco depois ingressam na oficina de João Baptista os dois irmãos mais novos de Maria da Encarnação, Gaspar Martins e Vi-



Faro. Igreja conventual dos Capuchos.  
Retábulo-mor.  
Foto Hélio Ramos.

<sup>7</sup> Conjuntura artística que vigorou no segundo e no terceiro quartéis do século XVII (LAMEIRA, 2020, pp. 168 a 172).

<sup>8</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 11, 13, 46 e 47.

<sup>9</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 12 e 46.

cente Martins. Se o primeiro rivalizará, alguns anos mais tarde, com Manuel Martins e disputará alguns trabalhos, o segundo será um modesto oficial de carpinteiro, integrado certamente na oficina de Gaspar Martins.

No dia 7 de maio de 1700, na cidade de Faro, nas casas do tabelião de notas Manuel Lopes Valada é celebrada uma escritura notarial entre o mestre escultor João Baptista e o procurador do convento de Nossa Senhora dos Pobres da então vila de Loulé, administrado pelos agostinhos descalços. Aí João Baptista, com o consentimento de sua mulher Maria da Encarnação, compromete-se a executar um retábulo para a capela-mor da dita igreja, *tudo de talha moderna<sup>10</sup> e primorosa (...) e de não meter outra nenhuma madeira na dita obra mais que bordo e castanho, ficando também de assentar a dita obra na capela de Nossa Senhora dos Pobres por sua conta, dele dito mestre e por conta dos sobreditos reverendos padres mandá-la levar desta cidade para a dita vila de Loulé (...) por todo o mês de novembro próximo que vem desta presenta era de 1700<sup>11</sup>*. Conforme os prazos definidos, após o entalhe deste retábulo na oficina de João Baptista, o mestre e os diversos oficiais, incluindo Manuel Martins, transferem-se durante algum tempo para Loulé com o objetivo de ensamblar, isto é, de encaixar as diversas peças que compõem o retábulo e de assentá-lo no local previamente definido. Este exemplar ainda subsiste, apesar de ter sido bastante remodelado posteriormente em duas campanhas de obras distintas.

Durante esta estadia em Loulé, Manuel Martins serve de testemunha num contrato levado a cabo, em 1701, pelos padres grilos ou agostinhos descalços, sendo identificado como *morador*

10 A expressão *ao moderno*, no presente contexto, significa de acordo com o formulário artístico que então vigorava e que nós apelidamos de Barroco Pleno. Em cada nova conjuntura artística, os agentes envolvidos, quer na encomenda, quer na execução, designavam por *moderno* o formulário artístico entretanto surgido, passando o(s) anterior(es) a ser referido(s) por *ao antigo*. A periodização que estabelecemos no estudo dos retábulos no Mundo Português e que pode ser alargada a outras modalidades artísticas, incluindo a azulejaria, assenta neste pressuposto, tentando nós identificar, através da leitura sistemática das fontes documentais primárias, cada um dos ciclos assumidos pelos principais agentes.

11 Ver Apêndice, doc. 1.

*em Faro e ora assistente nesta vila de Loulé*<sup>12</sup>.

É provável que Manuel Martins tenha ainda participado no entalhe do retábulo que o seu cunhado João Baptista ajusta, em 1701, com os responsáveis da ordem terceira de São Francisco, em Tavira, em que se compromete *a pô-lo na sua capela e deixá-lo de todo perfeito (...) deste dia a um ano completo*<sup>13</sup>. Nada subsiste deste retábulo.

Só em 1702 deve ter ocorrido a emancipação profissional de Manuel Martins, já com trinta e cinco anos de idade. É interessante constatar que nos retábulos assumidos nos anos seguintes, concretamente a partir de 1703, João Baptista já surge associado a Gaspar Martins. Esta situação verifica-se, quer nos pagamentos que ambos recebem pelo entalhe do retábulo da capela do Santíssimo Sacramento na igreja da sé, em Silves<sup>14</sup>, quer na escritura notarial em que ajustam esse mesmo retábulo<sup>15</sup>. Destas intervenções subsiste um sacrário, na sé de Silves e grande parte do retábulo da capela do Santíssimo, deslocada em 1955 para a igreja da Misericórdia de Beja<sup>16</sup>.

Em 1705, na devassa<sup>17</sup> promovida pelo distinto bispo do Algarve, D. António Pereira da Silva, vai ser interrogado Gaspar Martins. Ainda residindo com os seus irmãos e algo incomodado pelos dotes artísticos de Manuel Martins, aproveita esta ocasião para o denunciar. Vejamos o seu depoimento: *disse que na Rua do Forno de Luís Álvares mora Catarina de Belém, casada com Gaspar dos Reis, soldado, o qual é parente dele testemunha, em cuja casa entra seu irmão, dele testemunha, Manuel Martins, com alguma frequência, sendo primo segundo do dito Gaspar dos Reis e se murmura na vizinhança desta*

<sup>12</sup> SANTOS, 2019, pp.186 e 187.

<sup>13</sup> Ver Apêndice, doc. 2.

<sup>14</sup> Arquivo Paroquial de Silves, *Livro da despesa da renda do pé do altar que as mesas episcopal e capitular devem a esta igreja de Silves*, de 1699 a 1739, fls. 13, 13v.º, 14, 14 v.º, 15, 18, 18 v.º, 19, 19v.º, 24 e 25v.º.

<sup>15</sup> LAMEIRA, 2000, pp. 242 e 243.

<sup>16</sup> LAMEIRA, 2005, pp. 101 e 102.

<sup>17</sup> Inquirição de testemunhas sobre o comportamento dos fiéis e do clero de uma determinada freguesia, que decorriam com alguma frequência.

*entrada por ser muito repetida, como ele testemunha também, o que dá algum escândalo e pede a Sua Ilustríssima ponha nisso emenda*<sup>18</sup>. Como resultado desta situação, Catarina de Belém vai ser repreendida por este prelado e *condenada em seis tostões*.

Nova devassa, ainda promovida por este prelado, ocorre em 1711. Manuel Martins é denunciado por três marítimos, por um barbeiro<sup>19</sup> e um carpinteiro. Este último era o seu irmão Vicente, que faz o seguinte depoimento: *na Rua dos Capuchos mora Manuel Martins, solteiro, escultor, filho de Amaro Martins, mareante, já defunto e de Maria da Conceição, o qual haverá mais de três anos que anda amancebado com Catarina de Belém, casada com Gaspar dos Reis, soldado do terço velho e é moradora na Rua de Luís Álvares, o que ele testemunha sabe por ser público e notório e por ele ser visto entrar muitas vezes em tal casa, de dia e de noite e dormir lá algumas noites e além disso porque é seu irmão e sabe o estado em que anda e o tem repreendido muitas vezes*<sup>20</sup>. Vejamos um outro testemunho mais esclarecedor: *Manuel da Costa, homem do mar, casado com Joana Madeira, morador nesta cidade, na Rua do Capitão Luís Álvares Ribeiro, de idade de 50 anos pouco mais ou menos, jurado aos Santos Evangelhos (...) disse que na rua mora Catarina de Belém, casada com Gaspar dos Reis, soldado que está no Alentejo, a qual anda amancebada com um homem viúvo, não sabe de quem e é filho de Vicente Dias, sapateiro, que mora na Rua da Sapataria, o que ele testemunha sabe por ver entrar o dito homem em casa da dita Catarina de Belém, assim de dia como de noite fora de horas e que também entra na mesma casa Manuel Martins, escultor, porém quem mais vezes entra é o filho de Vicente Dias, o que se murmura na rua*.<sup>21</sup>

Também Manuel Martins é interrogado nessa devassa, mas

<sup>18</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 26 e 53.

<sup>19</sup> João Moreira era vizinho de Manuel Martins, pois também morava na Rua dos Capuchos. O seu filho Tomé da Costa, alguns anos mais tarde integrará a oficina de Manuel Martins e pouco depois da morte deste último casará com a sua filha Águeda Severina e dará continuidade à sua prestigiada oficina de escultura e de entalhe de madeira.

<sup>20</sup> Ver Apêndice, doc. 3.

<sup>21</sup> Ver Apêndice, doc. 3.

nada declara. Tanto Catarina de Belém como Manuel Martins são condenados ao pagamento de uma multa, respetivamente 1\$600 réis e 2\$000 réis<sup>22</sup>.

Em 1713, após o casamento do seu irmão Gaspar, Manuel Martins resolve mudar de vida e decide casar, já com 47 anos de idade. A cerimónia ocorre a 29 de janeiro do ano seguinte, em 1714, na igreja matriz de São Pedro<sup>23</sup>, sede da freguesia da sua residência. A noiva, seguramente muito mais nova, é Maria Josefa, filha de António Martins, carpinteiro e de Filipa da Cruz. Deste casamento nascem três 3 filhas: a Ilda, a Maria Josefa e a Águeda Severina. Esta última casará com Tomé da Costa, oficial de entalhador, que trabalha na oficina de Manuel Martins.

De entre os imóveis adquiridos por Manuel Martins e que testemunham algum desafogo económico referimos uma courela de vinha, que irá vender, já na parte final da sua vida, ao alferes António da Costa da Fonseca<sup>24</sup>.

À semelhança do seu cunhado, o escultor João Baptista Severino e da maior parte dos oficiais *mecânicos* ou mesteirais residentes na freguesia de São Pedro, em Faro, Manuel Martins integra-se na confraria das Almas desta igreja matriz, a 4 de julho de 1721<sup>25</sup>. Contudo a sua conduta moral não permitiu que fosse irmão da mais prestigiada associação de leigos em toda a diocese algarvia, a venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Faro, onde estavam inscritos as mais altas personalidades de toda a região, nomeadamente o bispo e o governador militar do Algarve. Foram membros desta ordem terceira os seus dois irmãos Gaspar e Vicente Martins, Tomé da Costa, seu futuro genro e con-

---

<sup>22</sup> Ver Apêndice, doc. 3.

<sup>23</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 27 e 55.

<sup>24</sup> Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, *Livro de Notas n.º 60*, fls. 30 vº a 32.

<sup>25</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 27 e 55.

tinuador da sua oficina e vários entalhadores e pintores/douradores farenses<sup>26</sup>. Pelo mesmo motivo não chegou a desempenhar cargos públicos, como o seu irmão Gaspar Martins que foi nomeado, em 1723, pelo Conselho da Casa da Rainha para tesoureiro do concelho de Faro<sup>27</sup>.

Manuel Martins foi foreiro das confrarias das Almas da igreja matriz de São Pedro e da sé, passando a pagar anualmente as quantias de 500 réis e de 4\$900 réis, respetivamente<sup>28</sup>. Estes foros deveriam corresponder provavelmente ao aluguer da sua oficina e de um armazém para as madeiras a utilizar nas suas obras.

Em relação às madeiras utilizadas, na região algarvia, predomina a de castanho, originária de Monchique. Convém referir que esta vila, situada no barlavento, afirmou-se como um dos principais centros fornecedores de madeira, não só para o Algarve, mas também para o Alentejo, incluindo para a cidade de Évora<sup>29</sup>. Só pontualmente se recorreu à madeira de bordo<sup>30</sup> e ao pinho<sup>31</sup>, estas últimas importadas da Flandres e como tal mais dispendiosas. Tal como ocorria em todo o Mundo Português, no período em questão, na sua larga maioria os retábulos de madeira eram integralmente entalhados, dourados e policromados.

Ao formar a sua oficina de escultura sacra, de entalhe e debuxo de retábulos e outras obras, Manuel Martins vai contar com a colaboração de vários profissionais. Lembramos que nalgumas situações, como ocorreu, por exemplo, no ajuste do retábulo da capela-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Portimão,



Portimão. Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus. Pormenor do retábulo-mor. Foto Marco Pedro.

26 Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, *Livro segundo do assento dos irmãos da ordem terceira do Carmo, de 1736 a 1800*.

27 LAMEIRA, 1987, p. 26.

28 LAMEIRA, 1987, pp. 27, 28 e 55.

29 LAMEIRA e GOULART, 2015, p. 167.

30 Na escritura do ajuste, atrás referido, referente ao retábulo principal da igreja do convento de Nossa Senhora dos Pobres, em Loulé, é mencionado *não meter outra nenhuma madeira na dita obra mais que bordo e castanho*.

31 Em 1742, Gaspar Martins assume a remodelação do retábulo da capela da ordem terceira de São Francisco, em Tavira, ficando definido que a madeira a utilizar será *tudo de pinho de Flandres* (ver Apêndice, doc. 41).

é exigido *que ele, com assistência de seis oficiais, trabalhe na dita obra*<sup>32</sup>.

Como eventuais oficiais da sua oficina referimos, de seguida, alguns entalhadores, que surgem associados a Manuel Martins em diversas escrituras notariais, nomeadamente as que se referem ao ajuste de algumas obras: Francisco Xavier Guedelha que, no testamento de Manuel Martins, *assinou a seu rogo por ele, testador, não estar capaz de o fazer com a sua própria mão*<sup>33</sup>; João Baptista, seu cunhado, isto é, irmão da sua mulher; Tomé da Costa, seu futuro genro (estes três profissionais vão dar continuidade à oficina de Manuel Martins); Francisco Tavares, João dos Santos e Manuel Dias de Ataíde<sup>34</sup>, bem como os futuros mestres Francisco Martins Xavier e Manuel Ribeiro da Cruz.

Na primeira fase da sua carreira, como mestre de uma oficina, Manuel Martins vai ter como principais concorrentes os seguintes profissionais:

-Gabriel Domingues da Costa, originário do bispado do Porto, mas sediado na cidade de Faro há longos anos<sup>35</sup>, onde se afirmara como o mais prestigiado mestre entalhador.

-João Baptista Severino<sup>36</sup>, escultor italiano, seu cunhado e antigo mestre, morador em Faro, desde os primeiros anos da década de 1680.

-António Nunes Coelho<sup>37</sup>, também residente na cidade de Faro.

A partir da década de 1720, já falecidos os três mestres atrás referidos, surgem como concorrentes os seguintes profissionais:

Gaspar Martins<sup>38</sup>, seu irmão; Francisco Martins Xavier<sup>39</sup>, Francisco

<sup>32</sup> Ver Apêndice, doc. 5.

<sup>33</sup> Ver Apêndice, doc. 23.

<sup>34</sup> Em 1725, Manuel Martins foi padrinho de batismo de um filho deste oficial de entalhador (LAMEIRA, 1987, p. 11).

<sup>35</sup> LAMEIRA, 2007, pp. 32 e 33.

<sup>36</sup> LAMEIRA, 2007, p. 33.

<sup>37</sup> LAMEIRA, 2007, p. 33.

<sup>38</sup> LAMEIRA, 2000, pp. 239 a 241.

<sup>39</sup> Lembramos que este profissional tinha casado recentemente, em 1728, com Laurência Maria, na igreja matriz de São Pedro, em Faro, tendo sido testemunhas os dois irmãos Manuel Martins e Gaspar Martins (LAMEIRA, 1987, p. 43; LAMEIRA, 2000, p. 250).

de Ataíde<sup>40</sup> e Miguel Nobre<sup>41</sup>.

Referimos, de seguida, alguns entalhadores, formados ou estabelecidos temporariamente na cidade de Faro. Devido à forte concorrência das oficinas com maior aceitação da clientela fareNSE, estes artistas acabam por se transferir para outros centros urbanos na região algarvia, procurando satisfazer as necessidades locais:

-Custódio de Mesquita, originário de Painzela, no arcebispado de Braga<sup>42</sup>, fixa a sua residência na vila de Monchique, nos princípios de Setecentos, onde casa e executa vários trabalhos, não só no barlavento algarvio<sup>43</sup>, mas também muito provavelmente no sudoeste alentejano<sup>44</sup>.

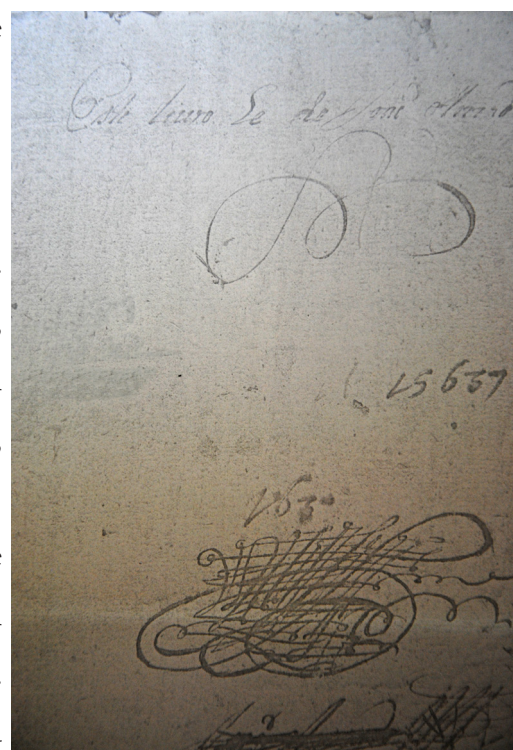
-António Rodrigues Mendes surge em Tavira, em 1705<sup>45</sup>.

-João Tomás Ferreira fixa-se em Lagos, em 1715<sup>46</sup>.

-João Amado estabelece-se na década de 1720 na então vila de Loulé<sup>47</sup>.

De salientar que, em 1729, adquire um tratado de Jácome Vignola, *Regla de las cinco ordenes de arquitectura*, publicado em Madrid, em 1693<sup>48</sup>, consultado seguramente por outros profissionais amigos, incluindo Manuel Martins.

Apesar de a diocese algarvia ser praticamente autossuficiente no respeitante à execução de retábulos e outros equipamentos em talha, constatamos a presença de alguns entalhadores forasteiros. Se alguns se fixam e adotam a região como a sua terra, como ocorreu com os mestres Gabriel Domingues da Costa, Gaspar Cavalhero, João Baptista Severino e Custódio de Mesquita; outros passam por aqui temporariamente, acabando por partir. De entre estes últimos



Biblioteca Municipal de Faro.  
Primeira página do Tratado de Jácome Vignola,  
onde se lê: *Este livro é de João Amado.*

40 LAMEIRA, 2000, pp. 246 e 247.

41 LAMEIRA, 2000, pp. 249 e 250.

42 Informação inédita cedida pelo investigador Marcos Sousa Santos, a quem agradecemos.

43 LAMEIRA, 2000, p. 241; SIMÕES, 2005, pp. 185 e 186.

44 LAMEIRA e FALCÃO, 2013, pp. xx

45 LAMEIRA, 2000, p. 241.

46 LAMEIRA, 2000, p. 245.

47 LAMEIRA, 2000, pp. 248 e 249.

48 LAMEIRA, 1987, p. 9.

referimos os seguintes:

-Manuel Francisco, de proveniência desconhecida. Em 1714 e 1715, executa respetivamente o retábulo principal da igreja da ordem terceira de São Francisco, em Faro, como veremos oportunamente e o da capela-mor da igreja do convento de São Francisco, também nesta cidade, recebendo casa e comida durante o tempo de trabalho<sup>49</sup>.

-André Coelho, que falece em Faro, sem testamento, em 1717, na casa do reverendo arcediogo de Lagos, D. José da Gama<sup>50</sup>.

-Domingos Lourenço, castelhano. Em 1720, ajusta um retábulo da invocação das Almas para a igreja do convento dos eremitas de São Paulo, em Tavira<sup>51</sup>.

-João Tomás, o moço, de Beja, que assume a feitura de um retábulo para a igreja matriz de Santa Maria, em Tavira<sup>52</sup>.

Bastante mais novo do que Manuel Martins era o jovem Manuel de Abreu do Ó, nascido em 1698 e morador em Tavira, filho do padre Gaspar da Costa de Carvalho e de Maria Torina, mulher solteira, sua concubina. Em 1724, deixa definitivamente o Algarve: *o dito Manuel de Abreu, com sua mulher e filhos foram para a cidade de Évora, por causa da grande obra da sé da mesma cidade, a que foi chamado por ser insigne escultor, não só em madeira, mas em pedra*<sup>53</sup>.

Na Quaresma de 1741, Manuel Martins, juntamente com a mulher, as duas filhas e uma criada, confessa-se na igreja matriz de São Pedro, em Faro, morando então na Rua Jerónimo Dias<sup>54</sup>.

No dia 5 de setembro de 1742, manda chamar a sua casa o tabelião de notas Clemente Velho de Sarre, que também exercia

49 LAMEIRA, 2000, p. 242.

50 LAMEIRA, 1987, p. 13.

51 LAMEIRA, 2000, pp. 381 e 382.

52 LAMEIRA, 2000, pp. 382 e 383.

53 LAMEIRA, 2000, p. 247.

54 Ver Apêndice, doc. 22.

as funções de pintor e que fora seu colega em muitas obras, quer no douramento de retábulos, quer na carnação de esculturas. Pede para escrever o testamento, *o qual dito Manuel Martins estava aí presente, doente de doença natural. (...) disse, que sendo caso Nosso Senhor o levar, quer seu corpo seja amortalhado em um hábito do seráfico Padre São Francisco (...) e sepultado seu corpo na igreja matriz de São Pedro, sua freguesia (...) e que a preparação do seu enterro deixa à atenção de sua mulher Maria Teresa, que fará o que melhor lhe parecer, segundo as suas possibilidades (...) e para ajudar a dita sua mulher no cumprimento deste seu testamento, nomeia o seu cunhado João Baptista, mestre carpinteiro desta cidade.*<sup>55</sup>

Numa clara demonstração do desafogo económico em que vivia, referimos ainda o número de ofícios que pretende que se celebrem, após o seu falecimento: *Item disse ele, testador quer que de corpo presente se lhe digam por sua alma doze missas rezadas com a esmola de cento e vinte réis cada uma e que no mesmo dia se lhe faça por sua alma um ofício cantado com a esmola costumada. Item disse ele, testador, quer que por sua alma, no decurso do ano, se lhe digam cinquenta missas rezadas e por seu encargo dez e ao Anjo da sua Guarda uma e outra à Senhora da Boa Morte e outra a Jesus Nazareno e pelas almas de seus pais que se digam quatro, todas estas missas, acima nomeadas, com esmola cada uma de cento e vinte réis, as quais mandará dizer sua testamenteira, por quem lhe parecer e aonde quiser.*

Em relação aos descendentes pretende que *o que se achar é de suas filhas, assim de posses de ouro como de prata e vestidos de seu uso e que se não lhes inventarie, porquanto elas o ganharam por suas rendas e costuras.*

Destacamos ainda o facto de estarem presentes na escritura

---

<sup>55</sup> Ver Apêndice, doc. 23.

deste testamento, não só alguns dos seus oficiais, mas também os sucessores da sua oficina, a saber, *o seu cunhado João Baptista, mestre carpinteiro desta cidade (...); Francisco Xavier Guedelha (que) assinou a seu rogo por ele, testador, não estar capaz de o fazer com a sua própria mão e (...)* Tomé da Costa. Este último casará com a sua filha Águeda Severina, alguns meses depois<sup>56</sup>.

A 24 de setembro de 1742, falece, tendo sido sepultado na igreja matriz de São Pedro<sup>57</sup>, sede da sua freguesia, de acordo com a sua vontade.

Nos meados do século XX, os responsáveis da autarquia de Faro, reconhecendo a importância de Manuel Martins no contexto artístico regional, resolvem atribuir o seu nome a duas artérias, uma na freguesia de São Pedro e a outra na freguesia do Montenegro.



Faro. Rua Manuel Martins, na freguesia de São Pedro.  
Foto Marco Pedro.

<sup>56</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 16 e 49.

<sup>57</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 28 e 55.

### Obras executadas e/ou atribuídas

Apresentamos, de seguida, as principais manifestações artísticas (retábulos, tronos, nichos, esculturas de vulto perfeito e de vestir, etc.) executadas ou atribuídas ao mestre Manuel Martins, sendo possível encontrar obras suas ou da sua oficina, não só em diversas localidades algarvias: Almancil, Portimão, Lagos, Vila do Bispo, Faro, Tavira, Cacela e Vaqueiros, mas também na freguesia do Espírito Santo, no termo de Mértola.

#### O retábulo da capela do Santo Lenho, na sé de Faro

A catedral algarvia localiza-se no interior da Vila-Adentro, isto é, no núcleo amuralhado medieval. No mesmo largo situam-se os paços do concelho, o paço episcopal e o seminário episcopal de São José.

De 1704 a 1715, governa o bispado D. António Pereira da Silva (1704 - 1715), o maior mecenas na época barroca. Entre as diversas obras patrocinadas por este prelado referimos a capela do Santo Lenho ou das relíquias, localizada na cabeceira, no lado da Epístola, destinada a receber a sua sepultura.

O retábulo, ainda subsistente, um dos melhores exemplares do Barroco Pleno no mundo português é possível atribuí-lo a Manuel Martins. Apesar de não subsistir qualquer registo documental da sua participação nesta capela, não temos a menor dúvida do seu envolvimento, não só no risco, mas também no entalhe do retábulo, de uma pequena parte do revestimento em talha das paredes laterais e do arco de entrada. Esta obra, a melhor na longa carreira deste profissional, é complementada pelo túmulo de mármore e de embrechados existente numa das paredes laterais e que se destinava a receber o corpo do referido prelado. De salientar que o dito monumento sepulcral, o de maior relevância no Algarve, pode ter sido projetado e executado pelo mais prestigiado arquiteto régio e mestre de obras lisboeta - João Antunes.



Faro. Igreja da sé.  
Capela do Santo Lenho. Túmulo destinado ao bispo  
D. António Pereira da Silva  
Foto Marco Pedro.



Faro. Igreja da sé. Retábulo do Santo Lenho.  
Foto Hélio Ramos.

O falecimento inesperado do bispo, em 1715, motiva a interrupção da obra de entalhe, ficando por terminar grande parte do revestimento em talha das paredes laterais da capela. No entanto, fica concluído, não só o retábulo, mas também o revestimento do arco de entrada da capela, sobressaindo no topo de ambos as armas de D. António Pereira da Silva.

O altar desta capela utiliza uma composição ímpar. Por um lado, o retábulo propriamente dito, de planta em perspetiva convexa, tem dois corpos e três tramos, inscrevendo-se o intercolúnio central entre colunas duplas. Já nas extremidades dos tramos laterais há somente uma coluna. Excetuando o nicho central do primeiro corpo, de maiores dimensões, destinado à representação escultórica do orago, toda a restante composição é constituída por múltiplos nichos ou lóculos, inscritos entre colunelos torsos e frontões triangulares abertos, destinados à ostentação de relicários. O ático é tripartido, sendo os dois nichos centrais ressaltados e delimitados por quatro atlantes, em alto-relevo. Por outro lado, convém realçar a nada usual utilização de um *arco*, com uma composição arquitetónica individualizada, a enquadrar o retábulo. Lembramos que o recurso a *arcos* retabulares é normalmente frequente em capelas ligeiramente reentradas em relação às paredes onde se inscrevem. Neste caso particular, o *arco* é composto por um embasamento com duplo registo, por duas colunas monumentais, torsas, revestidas com cachos de uvas, parras, fénix e meninos vindimando, existindo um macaco em relevo escultórico na coluna do lado da Epístola. A rematar as ditas colunas surge um arco salomónico, cortado transversalmente por seis aduelas, decoradas com cabecinhas de serafins e no eixo, o brasão do bispo, sobreposto por um chapéu eclesiástico.

A execução deste retábulo, localizado no principal templo da diocese algarvia, proporcionou a Manuel Martins um prestígio profissional que perdurará até ao final da sua carreira.



Faro. Igreja da sé. Pormenor do retábulo do Santo Lenho. Foto Martina João.

### Talha do coro-alto da sé, em Faro

Apesar de atualmente não subsistir qualquer obra de talha no coro-alto, temos conhecimento que, em 1717, a mesa capitular da sé entrega *ao chantre para acabar de fazer a obra do coro, a quantia de 114\$500 réis*<sup>58</sup>. Pouco tempo depois, mas antes de 1721, o coro é descrito pelo cronista dos religiosos agostinhos descalços, de Lisboa, quando veio visitar a cidade de Faro: *a sua catedral igreja (...) é hoje ricamente adornada de ricas capelas, com preciosos retábulos, de muito boa talha; o seu coro, que é de novo renovado e coberto de volante e rica talha e escultura, que depois de dourado será coisa muito vistosa*<sup>59</sup>.

Atendendo a que Manuel Martins executa a maior parte das obras de entalhe para a clientela mais distinta da cidade de Faro, é muito provável que tenha também sido o responsável por este trabalho.

### O retábulo da capela das Almas, na igreja de São Paulo, em Tavira

Os eremitas de São Paulo administravam um convento em Tavira, mais concretamente na antiga Praça da Alagoa, ligeiramente a norte da ponte medieval que liga as duas margens do rio Gilão, que atravessa a cidade. Na sua igreja esteve sediada, durante alguns anos, a ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo que, nos princípios do século XVIII, manda executar um retábulo numa capela lateral, do lado da Evangelho.

Ainda que não subsista documentação desta época no arquivo da ordem terceira, pensamos tratar-se de um retábulo executado, por volta de 1716, por Manuel Martins. Esta dedução resulta, não só da análise formal deste exemplar, mas também de uma cláusula inscrita na escritura notarial que este mestre ajusta, em junho de 1717, com os padres da Companhia de Jesus, em Portimão, em que

<sup>58</sup> PINHEIRO E ROSA, 1984, p. 233.

<sup>59</sup> SANTA MARIA, 1721, pp. 584 e 585.



Tavira. Igreja conventual de São Paulo. Retábulo das Almas. Foto Marco Pedro.

se compromete a *começar logo que cesse o impedimento de outro retábulo que tem em Tavira.*

Trata-se de um interessante exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia muito frequente (a de corpo único e um só tramo) e um modelo compositivo igualmente bastante usual (o intercolúnio inscreve-se entre elementos arquitetónicos triplos). Como especificidades, algumas delas frequentes nos retábulos deste mestre, apontamos a seção diferenciada dos diferentes elementos arquitetónicos, o desenho do nicho e a diversidade de representações figurativas, em relevo escultórico.

De planta em perspectiva côncava, o embasamento tem duplo registo. A mesa do altar, de formato paralelepípedo, tinha um frontal têxtil, que já não subsiste. Nas ilhargas há dois pedestais revestidos com flores e enrolamentos vegetalistas e no banco quatro pedestais, bem como duas mísulas, cujo espaço intermédio se encontra dividido em três faixas retangulares, ornamentadas com folhagem de acanto. Enquanto a do meio envolve um menino, em cada uma das restantes está uma fénix. O corpo é definido por quatro pilastras, de diferentes seções, decoradas com flores e alguns meninos e duas colunas torsas com sete espiras integralmente preenchidas com cachos de uvas, parras e meninos. Ao centro surge um nicho, de elevado pé-direito, delimitado por dois colunelos torsos, rematados por uma arquivolta plena. Esta última acolhe uma cúpula. No interior do nicho devia estar a representação escultórica de Nossa Senhora do Carmo. Nas ilhargas há quatro figuras em relevo escultórico: na parte inferior dois meios corpos a arder nas chamas do Purgatório e no registo superior dois anjos rematados por nuvens e cabecinhas de serafins. O entablamento restringe-se aos elementos arquitetónicos, sendo o ático delimitado por duas arquivoltas e um arco salomónico, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por quatro aduelas, pontuadas por cabecinhas de serafins. Ao centro surge uma cartela, com as insígnias carmelitas,



Tavira. Igreja conventual de São Paulo.  
Pormenor do retábulo das Almas.  
Foto Marco Pedro.

sobreposta por uma coroa. No tímpano destaca-se a representação, também em relevo escultórico, de Deus Pai envolto em nuvens e numa glória de serafins.

Este retábulo encontra-se sem qualquer douramento ou policromia. Curiosamente, os restantes três retábulos laterais deste templo também nunca chegaram a ser dourados.

### O retábulo da capela-mor da igreja do colégio, em Portimão

Os padres da Companhia de Jesus tiveram duas casas religiosas no Algarve: uma na sede do bispado e outra em Portimão. Nesta última localidade, concluídas as obras, a igreja é consagrada solenemente em 1707.

Dez anos depois, a 18 de janeiro, o reitor do colégio, o padre Sebastião de Mira ajusta com o mestre entalhador João Tomás Ferreira, então morador na cidade de Lagos, a feitura do retábulo da capela-mor, pela quantia de 225\$000 réis, *como também toda a madeira que for necessária para a dita obra, cotada e serrada da maneira que se costuma preparar em Monchique*, de acordo com uma planta que se comprometera a executar previamente<sup>60</sup>.

Esta obra não chegou a se concretizar, pois no dia 15 de junho deste mesmo ano de 1717, Manuel Martins encontra-se em Portimão onde assume com o referido reitor a feitura do mesmo retábulo, pelo montante de 270\$000 réis, mais a madeira, *cuja obra há de começar logo que cesse o impedimento de outro retábulo que tem em Tavira e o há de findar por todo o mês de dezembro deste presente ano*<sup>61</sup>.

É muito provável que os padres da Companhia de Jesus de Portimão conhecessem o retábulo da capela-mor da igreja do colégio de Elvas, executado alguns anos antes e que tivessem solici-



Elvas. Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus. Retábulo-mor. Foto Hélio Ramos.

<sup>60</sup> LAMEIRA, 2001-2002, p. 231.

<sup>61</sup> Ver Apêndice, doc. 5.

tado, primeiro ao mestre João Tomás e depois a Manuel Martins, um exemplar idêntico.

A principal especificidade reside na profundidade dos tramos laterais do retábulo de Portimão, ainda mais acentuada do que ocorre no de Elvas, acabando por ficar praticamente paralelos às paredes da capela-mor.

De planta em perspectiva côncava, adota uma tipologia muito frequente (a de corpo único e três tramos) e um modelo compositivo igualmente bastante usual (os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado). O embasamento tem duplo registo, sendo os diferentes elementos compositivos suportados por atlantes no registo inferior e meninos hercúleos no registo superior. A mesa do altar, de formato paralelepípedo, resulta de uma modificação posterior, passando a incorporar a imagem de vulto perfeito do Senhor Morto. No centro do banco, acima da banquetta, principia o sacrário, trifacetado, delimitado por colunelos torsos no corpo inferior e quartelões no superior. De referir que o enquadramento do corpo superior do sacrário ocupa parte do espaço normalmente reservado ao camarim. A composição retabular é definida por quatro colunas torsas com sete espiras integralmente ornamentadas com cachos de uvas e parras. Ao centro evidencia-se o camarim, com um pé-direito mais baixo do que era usual, preenchido com um trono piramidal. No primeiro degrau destaca-se um pelicano a sustentar as crias, alusão à morte de Cristo para salvar a humanidade e no último uma urna envolvida por um resplendor. Nos tramos laterais há dois nichos, destinados a duas imagens de vulto perfeito dos santos mais relevantes da Companhia de Jesus. O entablamento restringe-se aos tramos laterais, estruturando-se o ático entre dois arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por quatro aduelas, pontuadas por cabecinhas de serafins e por duas cartelas centrais, a de cima com as insígnias dos jesuítas.



Portimão. Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus. Retábulo-mor. Foto Marco Pedro.

### Os retábulos colaterais da igreja do colégio, em Portimão

O retábulo da capela-mor da igreja do colégio de Portimão, executado por Manuel Martins no prazo previsto, foi muito louvado pelos padres jesuítas. Em agosto de 1718, no dia 20, este profissional compromete-se com o reitor do colégio e protetor da irmandade de Nossa Senhora da Encarnação a lhes fazer um retábulo para uma das capelas colaterais da cabeceira da referida igreja. O montante ajustado foi de 90\$000 réis, exigindo *que o dito retábulo seja com aquela perfeição de talha que ele costuma fazer as suas obras e fez o retábulo da capela-mor do mesmo colégio*<sup>62</sup>.

Seis meses depois, a 15 de fevereiro de 1719, este mestre assume novamente com os referidos padres jesuítas de Portimão a feitura do outro retábulo colateral, *da parte do Evangelho, que leve entalhado e em tudo corresponde ao que o mesmo há de fazer no outro colateral, que é da capela de Nossa Senhora da Encarnação (...), o qual tem preço tem ajustado, de 110\$000 réis e além destes mais 2\$000 réis para ajuda dos pregos e escáfulas, como também lhe porão à sua custa na cidade de Faro toda a madeira que for necessária para a dita obra e a condução e gasto que fizer o dito retábulo da dita cidade para esta vila*<sup>63</sup>(de Portimão).

Estes dois retábulos, praticamente idênticos, são devocionais a três temas. Apresentam como especificidade o facto de a composição tripartida ser definida por quatro elementos arquitetónicos diferenciados: duas colunas nas extremidades e dois modestos colunelos a delimitar o nicho central. Por sua vez o ático conjuga duas soluções, que não são usuais ser utilizadas em simultâneo: a compartimentação em três partes distintas, valorizando-se a central e a utilização de um arco salomónico, pleno, que acompanha o remate da capela.

---

<sup>62</sup> Ver Apêndice, doc. 6.

<sup>63</sup> Ver Apêndice, doc. 7.



Portimão. Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus. Retábulo colateral. Foto Marco Pedro.

De planta em perspectiva ligeiramente côncava, têm embasamento com duplo registo. A mesa do altar, de formato paralelepípedo, ostenta um frontal pintado, parcialmente adulterado por uma intervenção já ocorrida no século XX. Nas ilhargas sobressaem dois atlantes. No banco há duas mísulas e dois pedestais suportados por meninos hercúleos. Nos painéis intermédios são empregues enrolamentos de folhagem de acanto envolvendo meninos em alto-relevo. O corpo é delimitado nas extremidades por duas colunas torsas, com setes espiras, integralmente decoradas com cachos de uvas e parras. Por outro lado, o tramo central inscreve-se entre dois colunelos, que se limitam a ladear o nicho central, onde assentava a representação escultórica do orago. Os tramos laterais acolhem mísulas, assentes em cabecinhas de serafins, destinadas a abrigar mais duas imagens de vulto perfeito. Sobre o entablamento contínuo, desenvolve-se o ático, tripartido, ainda que delimitado por um arco salomónico, cortado transversalmente por quatro aduelas decoradas com cabeças aladas e uma cartela. Ao centro, inscrito entre dois quartelões, surge uma outra cartela com as insígnias da Companhia de Jesus. Nas ilhargas são empregues enrolamentos acânticos.

Atribuímos ainda a Manuel Martins uma escultura representando Nossa Senhora do Carmo existente na igreja do extinto colégio, em Portimão.



Portimão. Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus.  
Imagem de Nossa Senhora do Carmo.  
Foto Marco Pedro.

### O retábulo das Almas na igreja da sé, em Faro

Uma das capelas laterais da igreja da sé era administrada pela irmandade das Almas. Nos princípios do século XVIII, os mestreiros inscritos nesta associação solicitam ao mestre entalhador António Nunes Coelho, com oficina sediada nesta cidade, a feitura de um novo retábulo. Em 1712, os mesários solicitam ao cabido autorização para permutar com a mesa capitular a sua capela. Desta forma podiam construir uma sacristia, situação impossível de realizar no anterior local.

Aceite a permuta, é edificada a sacristia, iniciando-se, em 1719, as obras de adaptação do retábulo à nova capela. Atendendo a que o anterior mestre tinha falecido, é solicitada a participação de Manuel Martins. Os pagamentos pelo seu trabalho prolongam-se até 1721, tendo recebido no total a quantia de 111\$200 réis<sup>64</sup>.

Este exemplar subsiste numa capela do lado do Evangelho, contém três imagens de vulto perfeito: o Senhor Crucificado, o Arcanjo São Miguel e o Anjo da Guarda e as representações em alto-relevo de dois anjos, sendo somente estes últimos da autoria de Manuel Martins.

De planta reta ou plana, adota uma tipologia muito frequente (a de corpo único e três tramos) e um modelo compositivo igualmente bastante usual (os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado). Como elemento dissonante referimos o formato das mísulas que suportam as quatro colunas. A mesa do altar, com a forma de urna, é posterior, tendo substituído a original, de formato paralelepípedo. O registo inferior do embasamento apresenta como especificidade o facto de incorporar as portas de acesso à sacristia, ornamentadas com folhagem de acanto. Consequente-



Faro. Igreja da sé.  
Pormenor do retábulo das Almas.  
Foto Marco Pedro.

<sup>64</sup> Ver Apêndice, doc. 9.



Faro. Igreja da sé. Retábulo das Almas. Foto Marco Pedro.

mente os capitéis encontram-se interligados por um modesto registo horizontal. As referidas mísulas do banco suportam quatro colunas torsas com sete espiras integralmente ornamentadas com cachos de uvas e parras. O nicho central encontra-se delimitado por pilastras e uma arquivolta plena. No seu respaldo evidencia-se a imagem do Senhor Crucificado, ladeado por dois anjos em alto-relevo. Nos intercolúnios laterais, assentes em mísulas, estão as imagens do Arcanjo São Miguel e do Anjo da Guarda. O entablamento restringe-se aos tramos laterais, estruturando-se o ático entre dois arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por quatro aduelas, pontuadas por cabecinhas de serafins e por uma cartela central, onde figuram as cinco chagas de Cristo.

Já o *arco* ou enquadramento arquitetónico em talha que envolve o retábulo propriamente dito é ajustado, em 1724, pelo mestre entalhador Francisco de Ataíde<sup>65</sup>, também com oficina aberta na cidade de Faro. Esta última intervenção provocou nos mesários da confraria de São Brás, localizada na capela fronteira, administrada pelo cabido, a necessidade de mandar reconstruir um novo arco. Consequentemente, vão pedir autorização *para tirar o arco que hoje está na dita capela e romper alguma parte de parede, para efeito de lhe porem um arco de madeira, para ficar em correspondência com a capela das Almas*<sup>66</sup>, num espírito de emulação com os mestreiros.



Faro. Igreja da sé.  
Pormenor do *arco* do retábulo das Almas.  
Foto Elsa Ferreira.

<sup>65</sup> LAMEIRA, 2001-2002, p. 151.

<sup>66</sup> LAMEIRA, 2001-2002, p. 154.

### *Obra da cornija e reformação do retábulo da igreja de São Francisco*

A igreja da ordem terceira de São Francisco, em Faro, foi um dos templos com maior prestígio na cidade. Após vários anos de obras, a bênção solene da igreja ocorre em 1703. O retábulo é somente ajustado em 1714, assumindo esta tarefa um mestre entalhador forasteiro, Manuel Francisco<sup>67</sup>. Contudo a imagem do Santo Cristo, provavelmente destinada a ser colocada no camarim, foi executada por Manuel Martins<sup>68</sup>, parecendo-nos que integra, desde 1730, o andor do Calvário da procissão das Dores, como veremos mais adiante.

Em 1718, a nave e a abóbada da igreja são revestidas com azulejos figurativos, que ainda subsistem, apesar de alguns terem



Faro. Igreja de São Francisco.  
Cornija em talha.  
Foto Marco Pedro.

<sup>67</sup> LAMEIRA, 1987, p. 20.

<sup>68</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 28 e 55.

sido renovados após o terramoto de 1755.

A 15 de agosto do ano de 1719, os responsáveis mandam fazer uma cornija em talha, na nave da igreja: *estando congregados em mesa o reverendo padre comissário, frei José das Brotas e o ministro, o reverendo doutor Manuel de Sousa Teixeira<sup>69</sup> e mais deputados da mesa e entre todos ajustaram ser muito conveniente para maior glória e honra de Deus e de nosso patriarca São Francisco uma cornija em roda da capela para dividir a obra do azulejo e como pareceu justo, tanto para a grandeza da mesma capela, quanto para incitar os ânimos dos fiéis a maior devoção, se determinaram a dar logo princípio à dita obra para o que foi chamado Manuel Martins, oficial de entalhador e escultor famoso e foi ajustada a dita obra pelo dito Manuel Martins, só de suas mãos 180\$000 réis. Madeiras, carretos e todos os mais aprestos importaram 76\$660 réis, que tudo importa em 252\$660 réis, que tudo se satisfez com grande pontualidade e a respeito dessa mesma obra ficou reeleita outra vez a mesma mesa segundo ano, que foi o de 1720 para 1721, no qual ano não só se acabou aquela primeira obra, senão que se principiou segunda, que é a reformação do retábulo<sup>70</sup>.*



Faro. Igreja de São Francisco.  
Pormenor da cornija.  
Foto Marco Pedro.

Em relação à reformulação do retábulo da capela-mor da igreja, no dia 4 de julho de 1721 os mesários desta ordem terceira decidem justificar os motivos desta intervenção: *para que condiga com a mais obra do corpo da capela e assim foi logo ajustada em 80\$000 réis só das mãos do mestre (...) que ao todo chegou a 100\$000 réis, que tudo satisfez esta mesa.<sup>71</sup>* A referida remodelação justifica-se, em nosso entender, pela necessidade de atualizar o retábulo aos novos cânones entretanto surgidos na cidade de Lisboa e que designa-

69 É curioso verificar que este ilustre membro do cabido da sé de Faro e ministro da ordem terceira de São Francisco, também nesta cidade, quando adoeceu com alguma gravidade não pediu a intervenção do patrono da sua irmandade, recorrendo à igreja dos terceiros carmelitas, com que mantinham uma grande rivalidade: *estando com um terrível acidente de pedra, sem poder aquietar, nem sossegar, untando-se com o azeite da lâmpada da Senhora do Carmo, com muita fé, se viu logo de todo livre e em ação de graças lbas foi dar à sua igreja e visitá-la como devia a tão grande benefício* (SANTA MARIA, 1721, p. 583).

70 Ver Apêndice, doc. 8.

71 Ver Apêndice, doc. 11.

mos por Barroco Final<sup>72</sup>.

Este retábulo foi vendido, em 1747, aquando da grande campanha de obras promovidas neste templo. Os religiosos franciscanos de Silves compraram-no para a igreja do seu convento<sup>73</sup>. Atualmente já não subsiste.

### O retábulo da capela-mor da igreja matriz, em Portimão

Certamente por ameaçar ruína, em 1717 é derrubada a capela-mor da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição da então Vila Nova de Portimão, iniciando-se de seguida a sua reconstrução.

Após a conclusão das obras, a 17 de fevereiro de 1721, Manuel Martins encontra-se novamente nesta localidade, ajustando com o reverendo prior António de Oliveira de Azevedo, a execução do retábulo da capela-mor *de entalhado, vestido com pássaros e figuras, os pedestais e contra pedestais com figuras e meninos e a tribuna entalhada e casa com seu trono, de anjos e assim mais três imagens, a saber, uma de São Pedro, outra de São Paulo e outra de Nossa Senhora da Conceição (...)* pela quantia de 640\$000 réis. Compromete-se ainda *a dar princípio à dita obra de talha deste (dia) a um ano*<sup>74</sup>. Desconhecemos a data e os motivos que levaram a que Manuel Martins desistisse desta obra pouco depois. No entanto, ainda deve ter executado alguns trabalhos, pois no ajuste respeitante ao entalhe deste mesmo retábulo, que é celebrado no dia 28 de março de 1724, com o mestre João Tomás Ferreira, então com oficina aberta em Portimão, não só o montante é de 500\$000 réis, valor inferior aos 640\$000 réis assumidos por Manuel Martins, mas também é referido: *em razão*

<sup>72</sup> Conjuntura artística que sucede ao Barroco Pleno e antecede o Tardobarroco e o Rococó. Vigorou, grosso modo, no reinado de D. João (LAMEIRA, 2020, pp. 172 a 176).

<sup>73</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 28 e 55.

<sup>74</sup> Ver Apêndice, doc. 10.



Portimão. Igreja matriz. Retábulo-mor. Foto Marco Pedro.

*de ser a dita obra já muito adiantada*<sup>75</sup>.

Em nosso entender, é possível atribuir a Manuel Martins o risco ou projeto do retábulo principal da igreja matriz da Portimão, pois utiliza determinados elementos que são específicos a algumas das suas obras. O mais importante tem a ver com o modelo compositivo usado, inscrevendo-se o camarim entre doze elementos arquitetónicos, seis de cada lado. Quer as colunas, quer as pilastras, apresentam seções diferenciadas, umas mais estreitas do que outras, tendo as duas colunas mais próximas do camarim um pé-direito mais baixo do que os restantes elementos. Também a utilização de atlantes e cariátides no registo inferior do embasamento e meninos hercúleos no registo superior é outra solução muito frequente nas suas obras.

Neste retábulo, a mesa do altar e os painéis centrais do banco resultam de uma intervenção menos adequada, já efetuada no último quartel do século XX.

### **O retábulo das Almas na igreja matriz de São Pedro, em Faro**

Também na igreja matriz de São Pedro havia uma capela administrada pela irmandade das Almas e tal como na igreja da sé nela estavam inscritos os mesteirais residentes nesta freguesia.

Em 1723, os mesários solicitam a feitura de um novo retábulo. Manuel Martins encarrega-se desta tarefa, cujos pagamentos se prolongam até 1725<sup>76</sup>.

Três anos depois, no dia 6 de junho de 1728, assume a feitura de *um arco levantado até ao teto de acima e proporção da capela, para a mesma capela das Almas, o qual arco há de ser uma obra tão perfeita que se lhe não ponha falta alguma (...) de forma que tudo há de estar assen-*

<sup>75</sup> LAMEIRA, 2001-2002, p. 227.

<sup>76</sup> Ver Apêndice, doc. 12.



Faro. Igreja matriz de São Pedro. Arco do retábulo das Almas. Foto Marco Pedro.

tado até dia de Santa Iria de 1729, por preço tudo e quantia certa de 190\$000 reis<sup>77</sup>.

O retábulo foi bastante vitimado pelo terramoto de 1755. A remodelação efetuada, alguns anos depois, é muito pouco interessante, apesar de se terem reaproveitado alguns ornatos em talha.

No entanto o *arco* foi pouco danificado, encontrando-se ainda contornado por sucessivos enrolamentos acânticos. Na sua face há dois pedestais suportados por meninos hercúleos e duas pilastras revestidas por folhagem de acanto e alguns meninos em relevo escultórico. Sobre o entablamento surgem mais duas pilastras, de reduzido pé-direito, antecedidas por duas figuras, também em relevo, que servem de suporte a dois anjinhos, um de cada lado, segurando gadanhas (numa alusão à morte que ceifa a vida). No eixo do frontispício surge uma cartela com as cinco chagas de Cristo, ladeadas por dois anjinhos esvoaçantes. No topo avulta um nicho emoldurado, onde está Nossa Senhora do Carmo a salvar duas alminhas do Purgatório.

Referimos ainda o revestimento azulejar, figurativo, azul e branco, que envolve integralmente toda a composição retabular, sendo diversas as cenas representando as alminhas a serem resgatadas do Purgatório.



Faro. Igreja matriz de São Pedro.  
Pormenor do *arco* do retábulo das Almas.  
Foto Marco Pedro.



Faro. Igreja matriz de São Pedro.  
Pormenor do revestimento azulejar da capela das Almas.  
Foto Maria João del Rio.

<sup>77</sup> Ver Apêndice, doc. 12.

### O retábulo de Santa Bárbara na igreja do colégio, em Faro

Após a conclusão desta casa religiosa, no segundo quartel do século XVII, são construídos os primeiros retábulos. Na primeira metade de Setecentos, assistimos à renovação parcial ou mesmo integral de alguns destes exemplares.

O de Santa Bárbara, localizado numa das seis capelas da nave, é ajustado no dia 28 de dezembro de 1724. Nesta ocasião, Manuel Martins compromete-se com o prefeito do colégio, o padre João de Figueiredo, a fazer um retábulo com *arco*, pela modesta quantia de 140\$000 réis, comprometendo-se *a dar a dita obra feita e acabada e posta na dita capela até ao fim do mês de outubro deste presente ano que embora vier de 1725*. De entre as condições exigidas referimos as seguintes: *todo o corpo exterior da dita capela e arco, assim exterior, como interior, de talha, com toda a perfeição (...) no retábulo será obrigado a fazer um trono para se colocar a imagem da mesma santa (...) e cortinas com dossel no mesmo trono, como também será obrigado a fazer duas imagens de quatro palmos e meio cada uma que convém, a saber, uma de São Francisco de Bórgia e outra do beato São Francisco de Regis, com suas peanhas para se colocarem nos dois nichos colaterais da mesma capela, como será também obrigado a pôr no frontispício do arco da mesma capela um escudo da mesma talha e levar as armas e insígnias da senhora Santa Bárbara, como também será obrigado a fazer no mesmo retábulo seis colunas retorcidas com seus salomónicos (...) na qual dita obra se obrigará a fazer uma banquetta da mesma talha e lavor<sup>78</sup>.*

Chamamos a atenção para uma cláusula desta escritura notarial, nada frequente na época: *depois da dita obra feita, fosse avaliada pelos mestres que melhor o entenderem, se não a avaliarem em 200\$000 réis, não quer nada por ela*. Deste modo, ao cobrar 140\$000

<sup>78</sup> Ver Apêndice, doc. 14.

réis por um retábulo que vale 200\$000 réis, Manuel Martins mostra não só a sua devoção, mas também a necessidade de compensar uma imagem menos abonatória da sua idoneidade moral que durante anos o perseguiu.

Apesar deste exemplar não subsistir, já utilizava um novo formulário, o Barroco Final, conforme se depreende da expressão *cortinas com dossel no mesmo trono*.

Sobrevive, no entanto, na vizinha igreja matriz de São Pedro, a representação escultórica

de Santa Bárbara, orago desta capela, cuja autoria atribuímos a Manuel Martins.

Referimos ainda que no século XIX, a igreja e o antigo colégio dos jesuítas foram adquiridos, em 1843, por um italiano residente na cidade de Faro, o Dr. Lázaro Doglioni e adaptadas a teatro, pouco depois, pelo seu sobrinho, o Dr. Justino Cúmano.



### Intervenções na capela do Santíssimo da matriz de São Pedro

A irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de São Pedro, uma das mais prestigiadas da cidade de Faro, administrava uma capela da cabeceira, no lado da Epístola. Em 1726 e nos anos seguintes, Manuel Martins executa pequenos trabalhos no retábulo, a saber, na boca da tribuna, tocheiros, etc. Nada resta desta intervenção.

Poucos anos depois, em 1736, o seu irmão Gaspar Martins ajusta a feitura de um novo retábulo para esta capela<sup>79</sup>, exemplar que também não subsiste.

Finalmente, em 1748, os mesários desta irmandade resolvem mandar fazer um novo retábulo, o que ainda existe numa capela localizada na cabeceira, mas no lado do Evangelho, executando esta obra os sucessores da oficina de Manuel Martins, então dirigida pelo seu genro, Tomé da Costa<sup>80</sup>.

### O retábulo da capela-mor da igreja matriz, em Querença

A pequena aldeia rural de Querença pertence ao termo de Loulé, ficando a poucos quilómetros a norte da sede do concelho.

A 11 de agosto de 1728, Manuel Martins assume com os eleitos desta freguesia a feitura de um novo retábulo para a capela-mor, pela modesta quantia de 115\$000 réis, comprometendo-se *a dar obra de todo assentada, em 15 de agosto do ano de 1729*<sup>81</sup>.

É muito provável que este ajuste notarial não se tenha concretizado. Em nosso entender, este exemplar, que ainda subsiste, foi executado pouco tempo depois por João Amado, colega de Manuel Martins, entretanto sediado em Loulé. De igual



Querença (Loulé). Igreja paroquial.  
Retábulo-mor.  
Foto Hélio Ramos.

79. Ver Apêndice, doc. 39.

80 LAMEIRA, 1987, pp. 17 e 49.

81 Ver Apêndice, doc. 15.

modo, os restantes quatro retábulos subsistentes neste templo devem ser também da autoria de João Amado, denotando todos eles grande proximidade com a obra deste profissional na igreja matriz de São Clemente, em Loulé.

### Imagens da procissão das Dores, em Faro

Em 1730, os mesários da ordem terceira de São Francisco, em Faro, passam a realizar na Quaresma a procissão das Dores. Consequentemente decidem mandar fazer várias esculturas, umas de vulto perfeito, outras de vestir.

Solicitam então a participação das várias oficinas de escultura estabelecidas na cidade.

Neste contexto Manuel

Martins executa uma imagem de São

João Evangelista, que já não subsiste. Esta

escultura destinava-se muito provavelmente ao andor do Calvário, juntamente com a imagem de Cristo Crucificado, esculpida por este profissional, uns anos antes, mais concretamente em 1714, conforme referimos previamente.

Em 1735 e no ano seguinte, Manuel Martins é pago por pequenos trabalhos que faz para a ordem terceira de São Francisco, em Faro<sup>82</sup>.

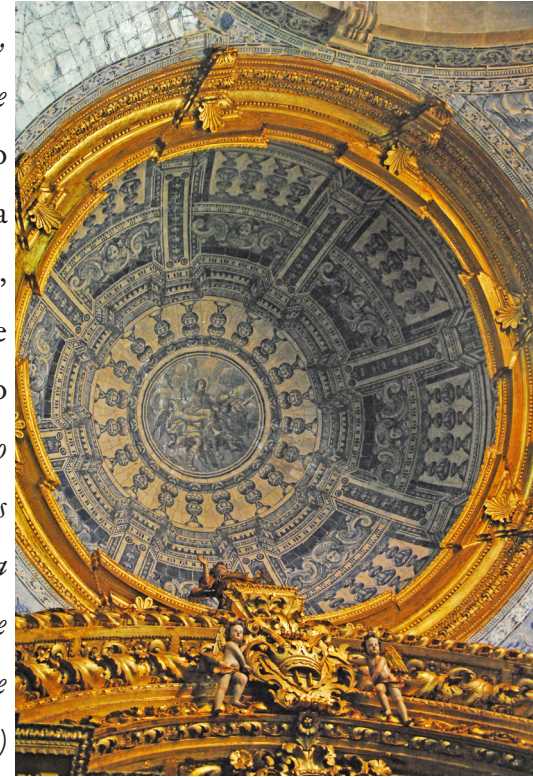


Faro. Igreja de São Francisco. Imagem do Senhor Crucificado.  
Foto Marco Pedro.

<sup>82</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 28, 55 e 56.

### O retábulo da igreja de São Lourenço, em Almancil

Este pequeno templo, localizado no termo de Loulé, outrora designado por São Lourenço dos Matos, encontrava-se isolado<sup>83</sup>. Após o milagre ocorrido, em 1722, nas imediações da então arruinada ermida, as dádivas dos inúmeros romeiros aumentaram consideravelmente: *houve ano em que a receita passava muito de dois mil cruzados, com as quais esmolas se fez ao santo um primoroso templo, não pela grandeza dele, mas pelo ornato, asseio e magnificência com que se vê, não havendo igual em todo este reino*<sup>84</sup>. Após a edificação do novo templo, é celebrada uma escritura notarial, na cidade de Faro, a 16 de novembro de 1729, entre o Dr. Manuel de Sousa Teixeira, na qualidade de vigário geral do bispado e juiz da confraria de São Lourenço dos Matos, em Almancil e os mestres de azulejo Manuel Borges, morador na cidade de Lisboa e assistente nesta de Faro e Antão Borges, morador nesta dita cidade, que eles estavam ajustados (...) de darem por sua conta todo o azulejo necessário para se azulejar a capela do dito Santo, tanto paredes como a meia laranja, que conforme o orçamento que entre eles está feito, levará de azulejo do mais subido e fino 6220 azulejos e do outro menos fino 2730 pouco mais ou menos (...) e outrossim se obrigam eles a fazer a dita obra e assentar o dito azulejo nesta primavera seguinte de 1730<sup>85</sup>. Estes profissionais vão solicitar a intervenção de uma das mais destacadas oficinas lisboetas, a de Policarpo de Oliveira Bernardes.



Almancil (Loulé). Igreja de São Lourenço. Revestimento azulejar da cúpula da capela-mor. Foto Martina del Río João.

Lembramos que, já em maio de 1718, o Dr. Manuel de Sousa Teixeira, quando era ministro da ordem de São Francisco, em Faro, encomendara o revestimento azulejar deste importante templo a Manuel Borges<sup>86</sup>.

<sup>83</sup> Hoje desempenha as funções de matriz e nas suas imediações passa a EN125.

<sup>84</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Memórias Paroquiais de São João da Venda*, de 1758, vol.39, nº 124.

<sup>85</sup> Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, *Livro do tabelião João da Silva Vasconcelos*, 1729, fl. 20.

<sup>86</sup> Arquivo Municipal de Faro, *Livro dos decretos e assentos mais particulares da ordem terceira de São Francisco de Faro*.



Almancil. Igreja de São Lourenço. Retábulo. Foto Hélio Ramos.

Em relação ao retábulo, um dos mais interessantes de toda a diocese, apesar de não subsistir documentação, a escolha recaiu, sem qualquer dúvida, sobre o mais prestigiado mestre entalhador e escultor algarvio, Manuel Martins, que executa esta obra por volta de 1730.

Este grandioso exemplar, devocional a um só tema, recorre a uma tipologia muito frequente (a de corpo único e um só tramo), mas um modelo compositivo pouco usual (o intercolúnio inscreve-se entre dez elementos arquitetónicos, cinco de cada lado). Como especificidade apontamos o avanço das extremidades da composição retabular, ocupando uma parte das paredes laterais da capela-mor. Deste modo, adquire maior impacto visual, contrastando com o omnipresente revestimento azulejar.

Atendendo a que este retábulo tinha como principal objetivo servir de enquadramento à representação escultórica do santo milagreiro (São Lourenço), Manuel Martins optou por não utilizar camarim central, solução muito frequente em todo o país. Como alternativa, vai compensar a excessiva largura, acrescentada pela parcial ocupação das paredes laterais, usando múltiplos elementos arquitetónicos, em perspetiva côncava, alternando diferentes tipos de colunas e de pilastras, de modo a criar sucessivas zonas de tensão. Tratamento idêntico surge no embasamento, com duplo registo. O atual altar, de embrechados de Tavira, resulta de uma remodelação posterior, substituindo a mesa original, cujo frontal era pintado *fingindo pedraria*<sup>87</sup>. Em ambos os registos do embasamento sobressaem diferentes representações figurativas, coexistindo atlantes, meninos hercúleos e cabecinhas de serafins. Ao centro, o sacrário, de perfil semiesférico, está incorporado no

---

87 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 141 e 142.

primeiro degrau do trono. Assente no segundo degrau há três anjinhos, em alto-relevo. Por fim, surge uma maquieta emoldurada e ladeada por colunelos torsos e duas figuras de anjos em alto-relevo. Nas ilhargas são empregues grinaldas pendentes de frutos e flores. Na composição retabular predominam as quatro colunas torsas, diferenciadas no terço inferior, as centrais com imoscapo e as das extremidades estriadas. O entablamento restringe-se aos elementos arquitetónicos, estruturando-se o ático em vários registos que acentuam a perspetiva côncava dos mesmos. O nível mais recuado organiza-se entre um arco trilobado e um frontão mistilíneo, assente em quartelões de diferente pé-direito. A centro surge uma cartela com uma fénix ardendo nas chamas, à semelhança do suplício aplicado a São Lourenço. Na arquivolta do segundo registo evidenciam-se dois anjinhos em alto-relevo, que suportam uma cartela central com duas palmas no interior de uma coroa. No remate das colunas das extremidades há um arco de tipo salomónico e por cima, a enquadrar toda a composição evidencia-se uma cimalha, algo avançada, sobre a qual avultam frondosos enrolamentos acânticos. Referimos ainda mais três anjos, também em alto-relevo: dois colocados nas extremidades, assentes em acrotérios e um, ainda de maiores dimensões, no topo, segurando uma grelha, símbolo do orago.

O retábulo é complementado por uma cornija em talha dourada que percorre toda a base circular da cúpula. Esta última, as trompas, as paredes laterais da capela-mor, assim como o revestimento integral da nave, excetuando uma cornija em talha dourada, coeva do retábulo, são revestidas com azulejos figurativos, azuis e brancos, que ilustram os momentos mais relevantes da vida de São Lourenço.

O douramento deste retábulo é ajustado, a 16 de fevereiro de 1742, também na cidade de Faro, entre *o juiz protetor da confraria de São Lourenço dos Matos e Clemente Velho de Sarre e Francisco Correia,*

*pintores e moradores nesta dita cidade de Faro (...) por preço e quantia certa de 550\$000 réis*<sup>88</sup>.

Atribuímos ainda a Manuel Martins o oratório da sacristia e uma pequena escultura representando São Lourenço, destinada provavelmente à procissão. De referir que esta imagem foi parcialmente remodelada em data posterior.



Almancil. Igreja de São Lourenço.  
Oratório do arcaz da saristia e imagem procissional de São Lourenço.  
Fotos Marco Pedro

<sup>88</sup> LAMEIRA, 2001-2002, pp. 141 e 142.

### O retábulo principal da igreja paroquial do Espírito Santo

A freguesia rural do Espírito Santo fica a poucos quilómetros a sul da sede do concelho, junto à estrada que liga Mértola ao Algarve. A igreja matriz, interessante manifestação arquitetónica quinhentista, encontra-se ligeiramente afastada da aldeia.

O desconhecimento do paradeiro da documentação deste templo impede-nos de saber com rigor a data de construção e a identidade do autor do retábulo da capela-mor. Atendendo a que esta igreja matriz era tutelada pela Ordem Militar de Santiago, o retábulo foi custeado pela *Mesa da Consciência e Ordens*, muito provavelmente na década de 1730. Tendo em conta as semelhanças compositivas que apresenta, quer com o retábulo da igreja de São Lourenço, em Almancil (ver p. 56) quer com o da capela-mor da igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro (ver p. 72), não temos a menor dúvida em atribuí-lo a Manuel Martins.

Como especificidades referimos o facto de o tramo central preencher a totalidade da parede testeira, desenvolvendo-se os restantes dois tramos nas paredes laterais da capela-mor e o camarim ser delimitado por duas colunas mais estreitas e com um pé-direito mais baixo do que as que definem a composição retabular. Trata-se de um retábulo eucarístico, isto é, destinado prioritariamente à exposição solene do Santíssimo Sacramento.

De planta em perspetiva côncava, integra-se numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos. O embasamento tem duplo registo. A mesa do altar, de formato paralelepípedo, ostenta um frontal pintado. Nas suas ilhargas há quatro pedestais, dois deles sustentados por atlantes e os outros dois contendo nichos preenchidos por figuras femininas, em alto-relevo. No banco destacam-se quatro mísulas suportadas por meninos hercúleos e ao centro um sacrário, de forma semiesférica. O corpo é definido por quatro colunas torsas com sete espiras, cuja garganta é percorrida por uma grinalda de flores. O camarim é delimitado por duas colu-



Espírito Santo (Mértola). Igreja paroquial. Retábulo-mor. Foto Marco Pedro.

nas mais estreitas do que as restantes. As paredes laterais e a cobertura encontram-se integralmente pintadas. No seu interior destaca-se um trono piramidal com degraus de perfil curvilíneo, evidenciando-se no topo um dossel com cortinas repuxadas lateralmente. Nas ilhargas avultam dois anjos em alto-relevo. Os intercolúnios laterais acolhem dois nichos emoldurados e rematados por formas concoidais. As imagens originais, de vulto perfeito, assentavam em mísulas. O ático desenvolve-se a partir da arquivolta plena que delimita o camarim. A face mais recuada é delimitada por quatro quartelões, dois maiores e dois

mais pequenos, sobressaindo no eixo da composição uma cartela com uma pomba, inscrita entre folhagem de acanto. Nas suas ilhargas estão dois anjos em alto-relevo. As duas colunas das extremidades e os intercolúnios laterais são mais avançados do que a restante composição, sendo rematados por um arco, de tipo salomónico, interrompido ao centro por uma cartela.

Encontra-se em razoável estado de conservação, apesar da pintura da cobertura da capela-mor se encontrar bastante danificada pela humidade.



Espírito Santo (Mértola).  
Igreja paroquial. Pormenor do retábulo-mor.  
Foto Marco Pedro.



Almancil. Igreja de São Lourenço.  
Pormenor do retábulo: sacrário.  
Foto Hélio Ramos.

### As imagens da procissão do Triunfo, em Faro

Numa atitude conscientemente assumida, os mesários da ordem terceira do Carmo, em Faro, tencionam *recordar e representar aos nossos irmãos e a todo o povo católico os mistérios e passos da sacratíssima Paixão e de que por esta ação, não só se compunham e reformam as almas, se reconciliarão e agregarão muitas outras, sem número, à nossa sagrada ordem terceira*. Para tal resolvem, a 31 de maio de 1731, *fazer a procissão da Paixão do Senhor na sexta-feira antes da semana de Ramos, para cujo efeito concorremos todos com as nossas esmolas, além das joias costumadas (...) as quais aplicamos para as imagens da mesma procissão, de que se fez escritura ao imaginário Manuel Martins*<sup>89</sup>. Este profissional faz então nove esculturas: *Nosso Senhor Jesus Cristo no Horto, Nosso Senhor Preso, Nosso Senhor à Coluna, Nosso Senhor Jesus Cristo na pedra fria ou à paciência, Nosso Senhor Ecce Homo, Nosso Senhor com a Cruz às Costa, Senhor Crucificado* (ver pp. 8, 65 e 66), *Senhor Morto, Nossa Senhora da Soledade, com seu vestido*. Excetuando a imagem de Nossa Senhora, que é de vestir e que custou 6\$440 réis, cada uma das restantes esculturas importou em 12\$000 réis. Estes montantes não incluem a encarnação, que foi executada pelo mestre pintor Clemente Velho de Sarre, imediatamente depois.

Em relação às nove imagens da referida procissão do Triunfo, cinco são de vulto perfeito e, portanto, com maior valor artístico: o Senhor à coluna, o Senhor à Paciência, o *Ecce Homo*, o Senhor Crucificado e o Senhor Morto. As restantes quatro são de vestir. Destas, só a de Nossa Senhora da Soledade apresenta por baixo das vestes, em tecido, uma estrutura composta por ripas de madeira. As restantes três (o Senhor no Horto, o Senhor Preso e o Senhor com a cruz às costas) têm o corpo anatomizado e com ar-



Faro. Igreja do Carmo.  
Pormenor da imagem do Senhor Morto.  
Manuel Martins. 1731.  
Foto Marco Pedro.

<sup>89</sup> Ver Apêndice, doc. 16.

ticulações nos braços, de modo a permitir uma postura mais dinâmica e teatral. É claro que a parte anatomizada do corpo era coberta com uma veste em tecido.



O referido conjunto escultórico e em particular as cinco imagens de vulto perfeito apresentam um tratamento anatómico realista, reproduzindo com alguma fidelidade os momentos mais dramáticos da Paixão de Cristo. Algumas figuras são mais dinâmicas, nomeadamente o Senhor preso à coluna e o Senhor Crucificado (ver p. 8), apresentando-se esculpidas com a forma de S. A complementar a torsão do corpo, referimos o movimento das pernas e dos braços, o drapeado das vestes que cobrem a cintura e o rosto agonizante, complementado pelo farto e minucioso tratamento dos cabelos que caem sobre os ombros.

Tendo em conta o inventário da imaginária que realizámos em todos os dezasseis concelhos algarvios, entre 1985 e 2000, verificamos que o acervo das nove imagens da procissão do Triunfo da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro, constitui o melhor conjunto desta região, podendo também considerar-se um dos mais relevantes do país. Aliás, de acordo com as investigações recentes de Fátima Justiniano<sup>90</sup>, só subsistem, em Portugal, respei-

Faro, Igreja do Carmo. Imagens da Procissão do Triunfo: Senhor Preso à Coluna, Na página ao lado: Senhor no Horto, Senhor Preso, Senhor da Pedra Fria e *Ecce Homo*. Manuel Martins. 1731. Fotos Marco Pedro.



tantes à primeira metade do século XVIII, dois conjuntos completos de imagens da procissão do Triunfo: o do Faial e o de Faro, constituindo este último o único, com autoria e datação.



Faro. Igreja do Carmo. Imagens da Procissão do Triunfo:: Senhor com a Cruz às Costas, Nossa Senhora da Soledade e Senhor Morto. Manuel Martins. 1731. Fotos Marco Pedro.

### Nichos em talha, na igreja de São Francisco, em Faro

Na já referida igreja de São Francisco, os mesários da ordem terceira solicitam um novo trabalho a Manuel Martins. Este, num escrito assinado a 8 de junho de 1732, compromete-se a *fazer cinco nichos que falta fazer na capela dos terceiros de São Francisco desta cidade, da parte da Epístola, entrando nestes, com o nome de nichos, duas janelas que, estão da mesma banda, com o cordão todo inteiro de talha, o qual entre cada um dos nichos levará sua tarja correspondente, os da cornija superior todos serão feitos à imitação do primeiro nicho que da mesma banda se acha feito por mim, do qual já fui pago e satisfeito e na janela que está fingida lhe farei peanha, com capacidade de nela se acomodar qualquer imagem, todos os sobreditos cinco nichos por preço, digo com o cordão como acima digo, por preço de vinte moedas de ouro de 4\$800 réis cada uma, os quais darei completos e assentados um mês antes de quarta-feira de cinzas do ano seguinte*<sup>91</sup>.

Nada subsiste desta intervenção, totalmente destruída pelo terramoto de 1755. É muito provável que estes nichos tenham servido de modelo aos que se executaram, em data posterior e que ainda subsistem nas igrejas da ordem terceira de São Francisco de Tavira e de Loulé, estes últimos descobertos há pouco, depois de um longo desconhecimento da sua existência.



Loulé. Igreja de São Francisco. Nicho.  
Foto José Bernardo Carvalho.

Tavira. Capela da ordem terceira de São Francisco. Nicho.  
Foto Elvira Gonçalves.

<sup>91</sup> Ver Apêndice, doc. 17.

### Trono, em talha na ermida do Pé da Cruz, em Faro

A ermida de Nossa Senhora do Pé da Cruz foi construída em 1640. Pouco depois ficou protegida pela cerca abaluartada que envolveu a cidade.

Procurando incentivar o ânimo dos fiéis, os mesários da confraria que administrava este pequeno templo, resolveram mandar atualizar o retábulo, de acordo com o novo formulário artístico entretanto surgido. Para tal, o juiz da confraria, o reverendo arcediogo de Tavira, António Lopes Ribeiro, ajusta com Manuel Martins, a 14 de novembro de 1732, a feitura de *um trono de madeira para a Senhora do Pé da Cruz ser nele colocado e posto em sua igreja, o qual será feito com o feitio e arquitetura da mesma forma que contém o risco e debuxo que está em poder do dito Manuel Martins, com declaração que os quatro anjos que constar no dito risco e debuxo, os dois que estão à boca da tribuna serão de quatro palmos de altura, fora a peanha e os dois que estão ao pé da Senhora serão à medida e proporção da dita obra e para as velas que há de levar o dito trono fará vinte meios corpos à imitação de uns que estão na capela da Senhora dos Prazeres da santa sé, a qual obra do dito trono e suas pertenças declaradas será obrigado o dito Manuel Martins a fazê-la até o mês de agosto que embora vier de 1733 (...) em preço de doze moedas de ouro, de 4\$800 réis cada uma*<sup>92</sup>.

O referido trono preenche a maior parte do camarim do retábulo deste templo. De planta em perspectiva convexa, assenta em seis grandes volutas. No registo inferior há diversas cabecinhas de serafins. Ao centro está uma escultura, de grandes dimensões, de Nossa Senhora da Piedade, rematada por uma cruz e ladeada por uma glória de serafins e diversas nuvens. Nas extremidades

---

<sup>92</sup> Ver Apêndice, doc. 18.



Faro. Ermida do Pé da Cruz. Trono. Foto Marco Pedro.

dos frisos que delimitam o trono surgem diversos enrolamentos acânticos, acrescentados em data posterior. Por fim, referimos o dossel, de perfil mistilíneo, cujo registo inferior é revestido por mais cabecinhas aladas.

Em relação aos vinte castiçais, com a forma de meios corpos, outrora colocados no trono, que tomavam por modelo os



Faro. Ermida do Pé da Cruz. Castiçais e anjos rocheiros.  
Fotos Marco Pedro e Hélio Ramos.

que então existiam no retábulo da capela de Nossa Senhora dos Prazeres, na igreja da sé, em Faro, somente subsistem quatro, resguardados num local seguro. Também sobrevivem os quatro anjos, dois maiores e dois mais pequenos, previstos no ajuste acima referido, ainda que parcialmente mal intervencionados em data posterior.



## O retábulo principal da igreja da ordem terceira do Carmo, em Faro

A igreja da venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Faro, a de maiores dimensões na região algarvia, na época barroca, localizava-se no interior da cerca seiscentista, nos terremos até então pertencentes à horta de São Pedro.

Apesar de este templo ter sido concluído em 1719, só nos inícios da década de 1730, os mesários decidiram mandar construir um retábulo para a capela-mor. Como era frequente na época, solicitaram vários riscos para poder escolher o que mais lhes agradasse. A 30 de janeiro de 1733, pagam 2\$400 réis a Manuel da Gama Pereira, cuja profissão desconhecemos, *de uma planta ou risco que se lhe comprou para o retábulo*<sup>93</sup>. Já a 9 de fevereiro de 1735, pagam 4\$800 réis a Gaspar Martins, irmão desta ordem, *pelo risco que fez para a obra do retábulo desta nossa igreja*<sup>94</sup>. Por fim, acabam por escolher as propostas apresentadas por Manuel Martins.

A escritura notarial do ajuste do entalhe deste retábulo realiza-se em Faro, a 20 de agosto de 1735, estando nela anotados os motivos desta escolha: *para cujo efeito fizera o dito Manuel Martins três debuxos, um do retábulo, outro do sacrário e outro do trono da dita Senhora, os quais foram vistos e aprovados pela mesa, em cujo poder ficam e que por eles entenderem que nesta cidade, nem em muitas outras fora desta, não haveria quem fizesse a dita obra com mais perfeição e valentia e por estarem os ditos debuxos muito à satisfação de todos, assim da mesa, como demais irmãos da dita venerável ordem, faziam como com efeito fizeram ajuste e contrato com o dito Manuel Martins para fazer o dito retábulo, sacrário e trono e mais obra do camarim da dita Senhora, com tudo o mais que pertencer, assim de entalhado, como de escultura, ar-*



Faro. Igreja do Carmo.  
Sacrário do retábulo-mor.  
Foto Hélio Ramos.

93 Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, *Livro da receita e da despesa, de 1720 a 1735*, fls. 162 e 162 vº.

94 Idem, *ibidem*, fls. 191 vº.



*quitetura e ensamblagem, tudo por preço e quantia certa de três mil cruzados, dando-lhe mais toda a madeira que constar veio de Monchique*<sup>95</sup>.

Esta obra, uma das mais relevantes da sua carreira, prolonga-se por vários anos, sendo o último pagamento efetuado, no dia 30 de junho de 1740, perfazendo no total a elevada quantia de um conto e duzentos mil réis. Este retábulo, como já referimos, não passou despercebido ao grande investigador americano Robert Smith, que o considerou como uma das *três obras-primas da talha algarvia*<sup>96</sup>.

Adota uma tipologia então pouco frequente (a de dois corpos e três tramos), mas um modelo compositivo muito usual (os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado). Como especificidades apontamos a valorização do primeiro corpo, mais alto do que o corpo superior; o elevado pé-direito do camarim, cuja boca tem dois corpos diferenciados dos do retábulo; o avanço dos tramos laterais, com um tratamento distinto no ático, onde se evidencia uma arquivolta plena que dá continuidade às duas colunas das extremidades; a utilização de elementos arquitetónicos diferenciados e de seções desiguais; o sacrário individualizado, com diversos elementos figurativos, em relevo escultórico e duas pequenas esculturas, de vulto perfeito, nos tramos laterais.

A mesa do altar, com a forma de urna, encontra-se um pouco afastada do retábulo. O embasamento tem duplo registo, no inferior com quatro pedestais antecidos por atlantes, no superior com seis mísulas suportadas por meninos hercúleos. As duas mísulas mais pequenas situam-se por baixo do camarim. Ao

<sup>95</sup> Ver Apêndice, doc. 19.

<sup>96</sup> SMITH, 1963. As outras duas obras evidenciadas por este especialista são o retábulo principal da ermida de Santo António de Lagos e o da capela-mor da igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Tavira. Enquanto o primeiro foi ajustado em 1718 pelo mestre Gaspar Martins (ver p. 103), o *deseño ou prospetiva* do segundo foi concebido por Domingos de Almeida, mestre de azulejo, morador em Lisboa e o entalhe foi ajustado, em 1780, pelo estrangeiro Patrício Malatesta, provavelmente italiano (LAMEIRA, 2000, pp. 379 e 412).

centro destaca-se o sacrário, individualizado, de planta em perspectiva convexa, com três tramos pontuados por colunelos torsos, com imoscapo no terço inferior. No topo da porta do sacrário surgem diversas cabecinhas de serafins e dois meninos que seguram um cálice, sobreposto por uma coroa fechada. Nos nichos laterais estão as esculturas de São José e de São Baptista. Aldear o arco que remata o sacrário surgem dois anjos em alto-relevo. A composição retabular é definida em cada corpo por quatro colunas, sendo maiores as do primeiro corpo. São torsas e diferenciadas no terço inferior, quer por estrias, quer por imoscapos. Em cada um dos intercolúnios laterais há um nicho emoldurado por colunelos idênticos aos do retábulo, onde assentam as imagens de Santo Elias e de Santo Eliseu no corpo inferior e os papas S. Dionísio e São Telésforo no superior. No remate dos nichos do corpo inferior surgem duas cartelas com as insígnias carmelitas. O camarim encontra-se totalmente revestido por painéis entalhados, sendo a sua entrada pontuada por colunas torsas semelhantes às do retábulo, que assentam em mísulas e são rematadas por um arco pleno, de tipo salomónico. O trono tem vários degraus, sendo os dois inferiores pontuados por vários colunelos torsos, também idênticos aos anteriormente referidos. No segundo degrau há um pelicano a sustentar as crias, ladeado por dois anjos em alto-relevo. No segundo degrau predominam diversas cabecinhas aladas. No último degrau, onde outrora se expunha o Santíssimo Sacramento, há uma glória de serafins, inscrita num resplendor. Em data recente foi aí colocada uma imagem de Nossa Senhora do Carmo. O ático do retábulo inscreve-se entre duas arquivoltas, plenas e concêntricas, encontrando-se a exterior bastante avançada em relação à que remata o camarim. Ao centro evidencia-se uma cartela, de grandes dimensões, com a representação em relevo escultórico de Nossa Senhora do Carmo a entregar o escapulário a São Simão Stock, ladeada por dois anjos, também em alto-relevo. O registo inferior encontra-se seccionado em sete partes distintas,



Faro. Igreja do Carmo.  
Trono do retábulo-mor.  
Foto Hélio Ramos.



Faro. Igreja do Carmo. Imagens dos tramos laterais do retábulo-mor.  
Fotos Marco Pedro.

em diferentes planos, interligados por diferentes segmentos de frontões curvilíneos. Neles são empregues diversas cabeças aladas, duas Virtudes e dois anjinhos. No topo surgem ainda mais dois anjinhos a ladear expressivos enrolamentos de folhagem.

As quatro esculturas de vulto perfeito, que estão incorporadas neste retábulo e que referimos anteriormente, parecem-nos ser da autoria de Manuel Martins, apesar de duas delas (Santo Elias e Santo Eliseu) serem anteriores e poderem corresponder às que foram doadas, em 1729, por um irmão da ordem terceira<sup>97</sup>.

O retábulo é complementado pela pintura em *tromp d'oeil*, que reveste a totalidade da cobertura da capela-mor, datada de 1794.



Faro. Igreja do Carmo.  
Pintura em perspetiva arquitetónica da  
cobertura da capela-mor.  
Foto Maria João del Rio.

<sup>97</sup> Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, *Livro do inventário da ordem terceira do Carmo, de 1714 a 1822*, 1729, fl. 16.

### Pequenas intervenções na igreja do Carmo, em Faro

Referimos, de seguida, pequenas intervenções solicitadas a Manuel Martins pelos mesários da ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que não necessitaram de escritura notarial:

A 12 de maio de 1724, o tesoureiro paga a este profissional a quantia de 10\$000 réis, por ter feito *a imagem de Nossa Senhora do Carmo para as procissões*. Esta escultura é referida na documentação da seguinte maneira: *uma imagem pequena de Nossa Senhora do Carmo, para as procissões*. Já a anterior escultura representando Nossa Senhora do Carmo, de maiores dimensões, executada em 1712, que antes atribuímos a Manuel Martins<sup>98</sup>, foi mandada fabricar em Lisboa<sup>99</sup>.

Em 1733, executa um altar para o Senhor Morto na capela-mor, tendo recebido por esta tarefa 11\$870 réis. Nada subiste desta intervenção.

Em 1737, é pago *pelo feitio do Senhor Crucificado*<sup>100</sup>, cujo paradeiro se desconhece.



Faro. Igreja do Carmo.  
Imagem processional de Nossa Senhora do Carmo.  
Foto Marco Pedro.

98 LAMEIRA, 1994, pp. 310 e 311.

99 *Em o mês de agosto do referido ano (1712) chegou de Lisboa a imagem nova que se havia mandado fazer, que foi obrada com grande perfeição e é de primorosa escultura de madeira, cuja estatura são cinco palmos, tem ao soberano Deus Menino sobre o braço esquerdo, que é de rara formosura, como a imagem da Senhora, o Menino é portátil e o vestem ricamente com meias e sapatos e ambas as santíssimas imagens têm coroas de prata e vê-se colocada em uma peanha de rica talha (SANTA MARIA, 1721, p. 581).*

100 Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, *Livro da receita e da despesa, de 1736 a 1759*, fl. 19 vº.



Faro Igreja do Carmo.  
Peanha e globo de serafins.  
Foto Marco Pedro.

Já em 1741, recebe a importância de 19\$200 réis pelo *feitio de custo da peanha e globo de serafins, com uns raios, que o dito fez fora do ajuste do retábulo*. Esta alfaia, destinada a estar colocada no último degrau do trono, ainda subsiste, assim como uma outra peanha, que era colocada debaixo desta.

### O retábulo da Senhora da Encarnação na igreja do colégio

Neste templo, administrado pelos padres da Companhia de Jesus, da cidade de Faro, numa das seis capelas da nave havia um altar dedicado a Nossa Senhora da Encarnação<sup>101</sup>, de grande devoção popular. Em março de 1737, ainda estava por dourar, propondo o cabido da sé dar de joia para o seu douramento a quantia de 40\$000 réis<sup>102</sup>.

É muito provável que tenha sido Manuel Martins a fazer o risco e a assumir o entalhe deste retábulo, atendendo às estreitas relações que mantinha com estes religiosos. Conforme referimos, este profissional tinha executado anos antes um retábulo para esta igreja, cobrando 140\$000 réis numa obra que valia 200\$000

réis. Já no seu testamento *deixa de esmola ao Senhor Nazareno do colégio da Companhia de Jesus cinco mil réis para ajuda do seu custo*<sup>103</sup>.

Em 1744, serviu de modelo ao da capela fronteira, da invocação do Senhor dos Passos<sup>104</sup>, assumido pelo mestre entalhador fareense Miguel Nobre, ficando expresso na escritura notarial que deveria ser *na mesma forma e com a mesma perfeição que está feito o retábulo de Nossa Senhora da Encarnação*<sup>105</sup>.

101 A imagem de vulto perfeito, dos meados do século XVII, ainda subsiste, encontrando-se na vizinha igreja matriz de São Pedro.

102 LAMEIRA, 2001-2002, p. 168.

103 Ver Apêndice, doc. 23.

104 Também esta imagem, de vestir, muito provavelmente executada por Miguel Nobre, juntamente com o retábulo, ainda subsiste, encontrando-se na vizinha igreja matriz de São Pedro.

105 LAMEIRA, 2001-2002, p. 167.

### O retábulo de Santa Teresa, na igreja do Carmo, em Faro

Neste templo, na primeira capela da nave, no lado do Evangelho, junto ao arco triunfal havia um altar que é descrito, em 1721, da seguinte maneira: *altar, com retábulo de pintura, fingido<sup>106</sup> e pedra de ara (...) uma imagem de vulto, estofada, de Santa Teresa, com pena de prata<sup>107</sup>.*

Em 1741, na casa do despacho da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro, Manuel Martins compromete-se com o procurador da priora e mais irmãs da mesa da Senhora Santa Teresa da venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo desta cidade (...) *a manufatura da obra do retábulo da dita Santa, na forma do risco que fez, que foi aprovado por ele outorgante e pela dita priora e irmãs da mesa (...) por preço e quantia de 300\$000 réis (...) com toda a perfeição na forma do dito debuxo<sup>108</sup>.*

Este interessante retábulo é devocional a três temas e adota a tipologia dos retábulos com *arco*, isto é, com um enquadramento arquitetónico individualizado, que complementa o retábulo propriamente dito.

Este último ocupa não só a parede testeira, mas também o intradorso da capela. Consequentemente tem planta em perspectiva côncava. A mesa do altar, com a forma de urna, resulta de uma intervenção muito posterior. O embasamento tem duplo registo, destacando-se no inferior dois atlantes e no banco quatro mísulas suportadas por meninos hercúleos. Ao centro, o sacrário está incorporado no primeiro degrau de um trono piramidal. O corpo do retábulo é definido por quatro colunas torsas com imoscapo no terço inferior. No último degrau do referido trono assenta a



Faro. Igreja do Carmo.  
Pormenor do arco do retábulo de Santa Teresa.  
Foto Marco Pedro.

106 Na época era frequente mandar pintar em *trompe l'oeil* um retábulo provisório na parede, enquanto não havia disponibilidades financeiras para se executar um de madeira predominantemente entalhada e posteriormente dourada.

107 Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, *Livro do inventário da ordem terceira do Carmo, de 1714 a 1822*, 1721, fl. 7 vº.

108 Ver Apêndice, doc. 20.



Faro. Igreja do Carmo. Retábulo de Santa Teresa. Foto Marco Pedro.

representação escultórica do orago, rematada por um dossel e ladeada por dois anjos em alto-relevo. Nos tramos laterais, destinados a acolher imagens de vulto perfeito, há dois nichos emoldurados por colunelos torsos, também com imoscapo no terço inferior. No remate de cada um deles surge uma coroa fechada. O entablamento restringe-se aos tramos laterais, estruturando-se o ático entre dois arcos, plenos e concêntricos, de tipo salomónico, avultando ao centro uma cartela inscrita entre expressivos enrolamentos acânticos.

O *arco*, também em perspectiva côncava, é composto por embasamento com um só registo, onde se erguem dois atlantes. No primeiro corpo, as pilastras mais salientes são revestidas por enrolamentos de folhagem de acanto, que envolvem vários meninos em alto-relevo. No segundo corpo, com um pé-direito menor, as pilastras são dinamizadas na parte superior por meninos hercúleos, também em alto-relevo. O frontão mistilíneo existente no frontispício é interrompido na parte central por uma cartela, sustentada por dois anjinhos esvoaçantes, onde surge a representação em relevo escultórico de Santa Teresa, em oração diante de um anjo. Para além dos diversos enrolamentos acânticos que assentam no referido frontão, destacamos no topo uma mísula que serve de suporte a uma imagem em alto-relevo, de um anjo segurando os atributos da fundadora dos carmelitas descalços.

Referimos ainda que este retábulo serviu de modelo aos restantes três, existentes na nave deste templo, incluindo o da capela fronteira, então da invocação de São Vicente Ferrer. Este último foi ajustado dez anos depois pelos continuadores da oficina de Manuel Martins, expressando-se na escritura notarial que *se obrigam fazer à semelhança e*



Faro. Igreja do Carmo. Retábulo de São Vicente Ferrer. Foto Hélio Ramos.



Faro. Igreja do Carmo.  
Pormenor so retábulo de São Vicente Ferrer. 1752.  
Primeira manifestação do Rococó no Algarve.  
Foto Hélio Ramos.

*imitação do retábulo de Santa Teresa, sita na mesma igreja, de sorte que fique e esteja obrado com a mesma perfeição, feitio e asseio*<sup>109</sup>. De salientar que o arco do referido retábulo de São Vicente Ferrer, também executado pelos mesmos profissionais, já na fase final da obra, foi a primeira manifestação do Rococó no Algarve<sup>110</sup>.

### O retábulo principal da ermida de Santo António do Alto, em Faro

A ermida de Santo António do Alto, localizada nos arrabaldes da cidade, junto a uma antiga atalaia medieval, era administrada pelos responsáveis da edilidade fareense.

O retábulo principal deste templo, exemplar de grande qualidade, é ajustado, no dia 14 de setembro de 1741, entre o mestre Manuel Martins e o juiz de fora da cidade de Faro, o Dr. Sancho de Andrade Magalhães de Castro, pela quantia de 350\$000 réis. De referir que o tabelião Clemente Velho de Sarre se deslocou a *casa do dito imaginário Manuel Martins por se achar este impedido por doença e não poder ir a casa do dito Nobre Senado*<sup>111</sup>. Como testemunhas e principais executantes da obra de entalhe encontramos os três oficiais que darão continuidade à sua oficina, após o seu falecimento: *João Baptista, mestre carpinteiro e ensamblador, Francisco Xavier Guedelha, imaginário e Tomé da Costa, da mesma arte.*

Apesar de estar doente quando assinou o contrato notarial, o risco ou projeto deste retábulo é seguramente da sua autoria, pois adota uma solução compositiva inédita para retábulos principais. Contrariamente aos restantes templos, que apresentam a capela-mor mais estreita do que a nave, nesta ermida o vão destinado ao retábulo tinha pouca profundidade e era diminuto em relação à

109 LAMEIRA, 2000, p. 402.

110 Conjuntura artística que sucede ao Barroco Final e antecede o Neoclassicismo. Vigorou conjuntamente com o Tardobarroco, durante cerca de quatro décadas (LAMEIRA, 2005-b; LAMEIRA, 2006-b; LAMEIRA, 2020).

111 Ver Apêndice, doc. 21.



Faro. Ermida de Santo António do Alto. Retábulo-mor. Foto Marco Pedro.

parede testeira, de grandes dimensões. Manuel Martins resolve então utilizar a tipologia dos retábulos com *arco*. Deste modo, o retábulo ocupa integralmente o vão mais recuado, prolongando-se o *arco* pelo intradorso e sobretudo por uma parte do frontispício.

O retábulo propriamente dito, devocional a um só tema, tem planta reta ou plana. A mesa do altar, com a forma de urna, resulta de uma intervenção bastante posterior. No banco há quatro mísulas e no eixo um sacrário relativamente recente. O corpo é definido por quatro colunas torsas, com o terço inferior diferenciado: nas duas centrais por três meninos hercúleos, nas das extremidades por imoscapo. No tramo central destaca-se uma imagem de vulto perfeito do orago, assente numa mísula e rematada por dossel, sendo este último sobreposto por um menino em alto-relevo. Os intercolúnios laterais são exclusivamente preenchidos com folhagem de acanto. O entablamento restringe-se aos tramos laterais, sendo o ático delimitado por um arco pleno, de tipo salomónico. A envolver o referido dossel há um emolduramento mistilíneo e no restante espaço frondosos enrolamentos acânticos.

O *arco*, de planta mista no embasamento e no primeiro corpo, apresenta-se em perspetiva convexa no segundo corpo. Exuberantes enrolamentos acânticos, onde assentam algumas fénix e meninos em alto-relevo, ladeiam todo a composição. O embasamento, com um só registo, é composto por pedestais triplos, sendo mais largo o central. No primeiro corpo são empregues duas pilastras e uma coluna central, esta última bastante dinamizada, quer pela plasticidade dos ornatos vegetalistas, quer pelos meninos em alto-relevo sobrepostos por cabecinhas de serafins. No segundo corpo, há somente pilastras duplas, também revestidas por elementos fitomórficos e cachos de flores. Entre as referidas pilastras evidencia-se uma cartela central, ladeada por dois fénix e múltiplos enrolamentos vegetalistas. Alguns, já carac-



Faro. Ermida de Santo António do Alto.  
Pormenor do retábulo-mor.  
Foto Marco Pedro.

terísticos do Rococó, foram remodelados passados alguns anos, provavelmente na sequência do terramoto de 1755. O entablamento é contínuo, avultando no friso grinaldas de flores e no centro da cornija uma cartela com o brasão português, rematado por uma coroa e inscrito entre várias cabecinhas de serafins. Acima do entablamento surge uma cimalha, pontuada por dois meninos em alto-relevo, sobre a qual assenta um frontão curvo. Este último é interrompido por uma cabecinha de serafim e ladeado por segmentos retos. No topo da composição sobressaem mais enrolamentos acânticos e no centro uma peanha, onde assentava uma virtude: a Esperança. Já as figuras, em alto-relevo, da Fé e da Caridade surgem no remate das pilastras das extremidades.

### Imagens de vulto perfeito

Se em relação a vários retábulos e outras obras de talha subsistem dados documentais que comprovam a participação de Manuel Martins, são diminutas as informações respeitantes ao seu envolvimento na feitura de imagens, quer de vulto perfeito, quer de vestir. Tomando como referência os poucos exemplares datados e a sua eventual autoria de algumas esculturas incorporadas em retábulos da sua paternidade ou a ele imputados, atribuímos a este mestre as seguintes esculturas, que apresentam algumas características afins à sua obra:

-Em Tavira, na igreja da Santa Casa da Misericórdia, as imagens da Virgem Maria e da sua prima Santa Isabel e na igreja paroquial de Santiago, a de Nossa Senhora do Rosário.

-Em Cacela, na igreja matriz, a imagem de Nossa Senhora do Carmo.

-Em Vaqueiros - concelho de Alcoutim, na igreja paroquial, dois anjos tocheiros.



Tavira. Igreja da Misericórdia.  
Imagens da Virgem e de Santa Isabel.  
Foto Marco Pedro.

- Em Alte, na igreja paroquial, a imagem de Santa Margarida.
- Em Lagos, no Museu Municipal, a imagem de São José.
- Em Vila do Bispo, na igreja matriz, a imagem de Nossa Senhora do Carmo.



Tavira. Igreja paroquial de Santiago.  
Imagem de Nossa Senhora do Rosário.  
Foto Hélio Ramos.

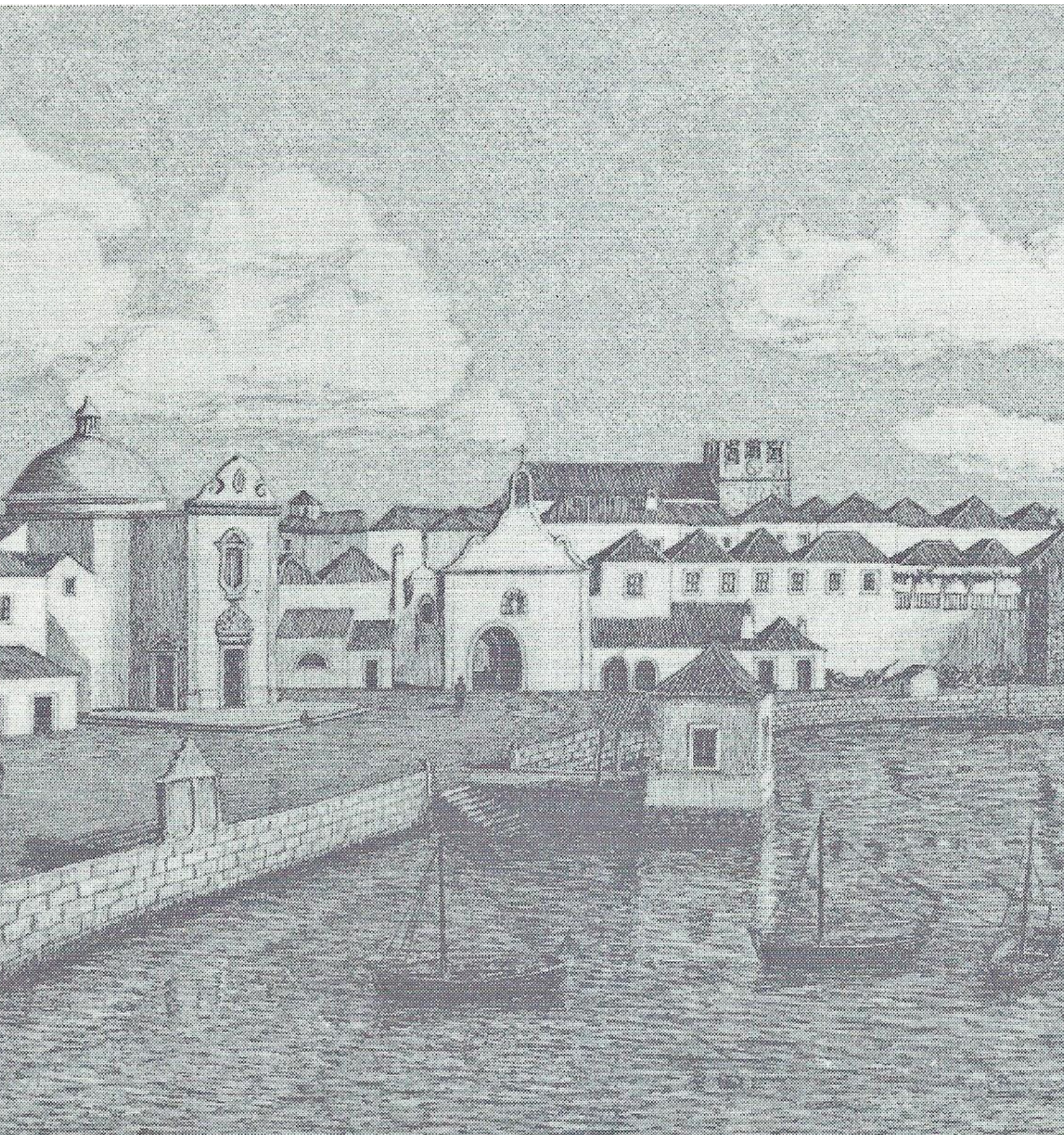
Reconhecemos que algumas destas atribuições são feitas com muitas reservas, pois em determinadas obras documentadas, como seja no ajuste do retábulo da capela-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Portimão, os padres deixam bem expresso a seguinte recomendação: *que ele, com assistência de seis oficiais, trabalharem na dita obra*. Torna-se então muito difícil, senão impossível distinguir a participação de cada um dos elementos que trabalharam em determinadas obras. Lembramos que são raros, na região algarvia, os retábulos em que se exige a presença de um escultor perito. Na larga maioria dos retábulos e, eventualmente, em certas esculturas de vulto perfeito, vários oficiais participam no entalhe dos diversos elementos, sejam eles arquitetónicos (pedestais, mísulas, colunas, pilastras, quartelões, arquivoltas, arcos salomónicos, etc.), decorativos (enrolamentos vegetalistas, flores e frutos diversos, etc.) ou figurativos (meninos, anjinhos, serafins, anjos, figuras de Deus Pai, Virtudes, meios corpos a arder nas chamas do Purgatório, etc.). Deste modo, em determinadas obras, deparamos com representações figurativas em relevo escultórico e esculturas de vulto perfeito ou de vestir em que alguns rostos, quer de Nossa Senhora, quer do Menino Jesus, quer ainda dos serafins da peanha, não são todos da mesma mão, resultando certamente do envolvimento de diferentes oficiais.

Defrontamo-nos ainda com outro problema: a afinidade ou mesmo a cópia mais ou menos fiel de determinados elementos (penteados, drapeados das vestes, postura dos membros, etc.) em esculturas documentadas para artistas diferentes.



Cacela. Imagem de Nossa Senhora do Carmo.  
Vaqueiros. Anjos Tocheiros.  
Lagos. Imagem de São José.  
Vila do Bispo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo.  
Fotos Marco Pedro.

Alte (Loulé). Imagem de Santa Margarida.  
Foto Hélio Ramos.



Faro. Praça da Rainha. Século XVIII.  
Fonte LUIS SANTOS, *Coleção de gravuras sobre Faro Antigo*, Faro, 1983.

Gaspar Martins (c. 1676 - f. 1746)

Na primeira metade do século XVIII, o mestre entalhador e escultor Gaspar Martins destacou-se no Algarve como um exímio executante da talha e imaginária religiosa em madeira, tendo concebido parte das suas obras.

### Dados biográficos

Quando veio ao mundo, por volta de 1676, já nascera a sua irmã Maria da Encarnação (?- f. cerca de 1731), bem como o seu irmão Manuel Martins (1667 - f. 1742), pois o mais novo, Vicente Martins, apenas surgiria no seio familiar mais tarde. Era, assim, o terceiro filho de Amaro Martins, mareante<sup>112</sup> e de sua mulher Maria da Conceição, residentes em casa própria (parece que detinham um certo estatuto no seio dos mareantes), na Rua dos Capuchos, atual Serpa Pinto, na cidade de Faro, principal centro urbano da diocese algarvia.



Faro. Igreja do Carmo.  
Pormenor de um caixotão da sacristia.  
Foto Maria João del Rio.

Haverá uma ânsia espiritual nos homens do mar, alicerçada no contacto com o mesmo, que é em si viagem, partida e chegada, esperança e desespero, numa vida sofrida em confronto diário com a morte? Talvez! Ou quem sabe, apenas o acaso manifestado na figura do entalhador italiano João Batista Severino que viria a ser parte da família ao casar com Maria da Encarnação, mas, é curioso, apesar de relativamente vulgar na época aprender o ofício com um familiar, que os três varões da família Martins tivessem por desígnio o trabalho em arte sacra.

Ignoramos a data em que Gaspar Martins inicia a aprendizagem do ofício de entalhador e escultor na tenda do seu cunhado e tão pouco conhecemos quando é que deixou de ser a-

<sup>112</sup> Os mareantes, denominação que congrega em sentido geral "o homem do mar", detinham uma confraria própria com finalidades fundamentalmente assistenciais e um forte sentido corporativo. Sediada na Casa do Compromisso Marítimo, acolhia no seu seio desde os simples recolhedores de marisco aos mais abastados detentores de embarcações.



Loulé. Igreja de Nossa Senhora dos Pobres, atualmente da Misericórdia. Retábulo-mor. Foto Hélio Ramos.

prendiz e passou a oficial<sup>113</sup>. Certamente que integrado na oficina de João Baptista Severino trabalhou no retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora dos Pobres, em Loulé, ajustado a 7 de maio de 1700<sup>114</sup> (subsiste, embora muito remodelado em intervenções posteriores) e no da capela da ordem terceira de São Francisco, em Tavira, sita na igreja conventual, contratado no ano seguinte<sup>115</sup> (exemplar que já não subsiste).

Certo é que em 1706, já de parceria com João Batista Severino, assume a *escritura de obrigação de fazer um retábulo (...) com o reverendo prior Manuel de Moura, encomendado na sé de Silves*<sup>116</sup>.

Muito provavelmente pelo aluguer de instalações associadas à sua atividade profissional pagava foros a quatro associações religiosas farenses: à confraria de Nossa Senhora do Rosário da sé, à confraria das Almas da matriz de São Pedro, à ordem terceira do Carmo<sup>117</sup> e à irmandade de São Roque<sup>118</sup>.

Temos inclusivamente um contrato, datado do dia 12 de abril de 1722, no qual Gaspar Martins se compromete, na casa do tabelião de notas de Faro, José Batista, a ensinar, durante seis anos, o ofício de entalhador a José Martins, por forma a que este seja *capaz de poder trabalhar em qualquer tenda de qualquer mestre como oficial*. A obrigação notarial é estabelecida entre Gaspar Martins e Francisco da Silva, oficial de sapateiro e pai de José Martins, obrigando-se a pagar ao mestre entalhador duas moedas no início da aprendizagem e outras tantas no fim do sexto ano, bem como *a sustentar seu filho de comer e beber, vestir e calçar*<sup>119</sup>.



Faro. Igreja da sé. Retábulo de Nossa Senhora do Rosário. Foto Martina del Rio João.

113 Conforme se constata nas Posturas da Câmara de Faro, de 1728: *nenhum oficial de ofício mecânico não possa pôr tenda de seu ofício nem trabalhar nele por si só, sem primeiro ser examinado pelos juizes de seu ofício, de que itarião carta de examinação da Câmara* (ver Apêndice, doc. 34).

114 Ver Apêndice, doc. 1.

115 Ver Apêndice, doc. 2.

116 Ver Apêndice, doc. 27.

117 LAMEIRA, 1987, pp. 26 e 53.

118 Ver Apêndice, doc. 40.

119 Ver Apêndice, doc. 32.

Também como escultor foi solicitado para executar diversas imagens de vulto perfeito e de roca, umas requeridas no ajuste dos retábulos, outras isoladamente, como sucedeu por exemplo, em 1734 - 1735, em que foi pago pelos mesários da reputada ordem terceira de São Francisco, em Faro, pela feitura de dois santos<sup>120</sup> e muito provavelmente com as representações escultóricas de São José e São João Baptista existentes no sacrário do retábulo-mor da igreja do Carmo, em Faro.

Como aludimos previamente, concebeu parte das suas obras, algumas atestadas em contrato de que é exemplo o retábulo da ermida de São Roque, em Faro,

cujo risco elaborou em 1740. Também o debuxo que apresentou a pedido da venerável ordem terceira do Carmo para o retábulo-mor da igreja, pelo qual recebeu 4\$800 réis, revela o prestígio de que gozava nessa arte, apesar de não ter sido o seu o desenho escolhido. Presumivelmente, terá servido de fonte de inspiração para entalhadores menos credenciados, recebendo do mesmo modo influências em especial do seu cunhado italiano e do seu irmão Manuel, mas também de gravuras e tratados que circulavam. Veja-se as suas generosas flores que se encontram igualmente em exemplares coevos noutros pontos do país e o tique do emoldramento, poligonal ou mistilíneo aberto, que observamos



<sup>120</sup> Ver Apêndice, doc. 37.

nos nichos de certos retábulos e, aliás, do próprio Manuel Martins, que certamente tem por detrás a conceptualização de João Batista Severino.

Muito devoto e integrado nas estruturas sociais existentes, movimenta-se entre as elites, chegando a desempenhar cargos públicos de relevo: em 1723, Gaspar Martins foi nomeado pela rainha D. Mariana, na qualidade de donatária da cidade de Faro, para tesoureiro do concelho<sup>121</sup>. Esta circunstância, contudo, não o alivia de certo azedume sentido pelo brilhantismo reconhecido do seu irmão Manuel Martins, um ser rebelde para a época e pelo qual pagou um preço que o tempo “*esse grande escultor*” ajudou a colmatar através do prestígio, sempre vivo, da sua obra. Gaspar entalha com destreza, faltando-lhe embora o rasgo inovador do irmão e a qualidade na representação da figura humana, extravasa o seu conservadorismo, por vezes até retardatário, no preciosismo meticuloso, na ornamentação de extravagantes flores que faz questão de tornar bem visíveis. Tem momentos apoteóticos, como aquele que resultou no retábulo de Santo António de Lagos, por exemplo.

Não espanta que em 1705, participe na devassa promovida pelo distinto bispo do Algarve D. António Pereira da Silva. Ainda residindo com os seus irmãos aproveita esta ocasião para denunciar o seu rival de profissão, o irmão Manuel<sup>122</sup>. Terá sido apenas um irmão preocupado, na sua beatitude, com os desvarios comportamentais de Manuel que tardava em assentar?

Gaspar relaciona-se com colegas de profissão, entre os quais também usufrui da admiração que suscitam a sua obra e posição social e assim, em 1709, na igreja da sé, em Faro, foi padrinho de



Museu Municipal de Faro.  
Brasão setecentista do Município de Faro,  
proveniente dos antigos Paços do Concelho.  
Foto Marco Lopes.



Faro. Paço Episcopal.  
Pormenor da biblioteca, onde é visível o brasão  
do bispo D. António Pereira da Silva.

121 LAMEIRA, 1987, p. 26.

122 Ver Apêndice, doc. 29.

batismo de uma filha do escultor João Amado<sup>123</sup>. Também em 1728, juntamente com Manuel Martins foi testemunha no casamento do entalhador Francisco Xavier, realizado na igreja matriz de São Pedro, em Faro<sup>124</sup>. Em 1731 é testemunha no testamento de Maria da Encarnação, sua irmã e viúva de João Baptista Severino. Repare-se que a escolha não recaiu no irmão mais velho Manuel Martins, o que seria natural, mas em Gaspar dada a grande proximidade que existiu entre este e o seu cunhado, parceiros de uma vida, contrastando com o forte sentido de independência de Manuel Martins que muito cedo quis ser autónomo.

Embora não lhe sejam conhecidos comportamentos desviantes da norma, tal como o irmão Manuel casa tarde, com 37 anos, em 1713, com Catarina Maria<sup>125</sup>, ainda residindo na Rua dos Capuchos<sup>126</sup>. Esta união não gerou descendência e Gaspar toma o hábito da venerável ordem terceira do Carmo de Faro em 1712. Porém, material e socialmente a vida sorria-lhe e em 1742, era detentor de *outra morada de casas que possui na Rua do Zambujeiro desta dita cidade que constam de dois altos e dois baixos*, assim como de umas vinhas<sup>127</sup>. Pertenceu a duas prestigiadas associações religiosas cidadinas, à confraria do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de São Pedro e à *venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo*, em Faro, onde chegou, em 1719, a ser eleito para a Mesa com o cargo de Vigário do Culto Divino<sup>128</sup>. De anotar que à ordem terceira do Carmo de Faro chegaram a pertencer bispos, governadores militares e irmãos de diversas localidades algarvias, no entanto, o acesso terá sido muito provavelmente negado a



Faro. Igreja do Carmo.  
Pormenor do retábulo-mor, representando Nossa Senhora do Carmo a entregar o escapulário a São Simão Stock.  
Foto Hélio Ramos.

123 LAMEIRA, 1987, pp. 26 e 53.

124 LAMEIRA, 1987, pp. 26 e 43.

125 Ver Apêndice, doc. 42.

126 São assim descritas em 1742: *constavam de duas casas dianteiras, térreas e uma câmara, dois sobrados, quintais e poço* (ver Apêndice, doc. 17).

127 Ver Apêndice, doc. 42.

128 LAMEIRA, 1987, pp. 26 e 53.

Manuel Martins, devido ao seu comportamento insubmisso e indecoroso.

Como qualquer católico, em 1740, confessou-se e comungou pela Quarema, ato no qual é acompanhado pela sua mulher, sua sogra e o casal de criados que tinha<sup>129</sup>.

Depois de fazer testamento<sup>130</sup>, faleceu a 2 de fevereiro de 1746, aos 70 anos, revelando-se bafejado outrossim pela longevidade, uma proeza para a época, tendo sido enterrado na sepultura n.º 6 na igreja do Carmo, em Faro<sup>131</sup>. Deixou, para deleite

futuro uma obra que lhe sobrevive e que fala por si, pese embora a pequena quantidade de espécimes sobreviventes com autoria comprovada.

Após a sua morte, João Baptista, seu compadre, faz contas com a viúva de Gaspar Martins depois de se comprometer a concluir os trabalhos deixados incompletos, a saber, o da ermida de São Roque, em Faro, o de Alcantarilha, muito possivelmente o da igreja da Misericórdia e um retábulo em Albufeira<sup>132</sup>, em relação ao qual desconhecemos mais pormenores, designadamente a que templo se destinava.



Lagos. Igreja de Santo António.  
Pormenor do retábulo.  
Foto J. Costa - Município de Lagos.

<sup>129</sup> LAMEIRA, 1987, pp. 26 e 43.

<sup>130</sup> Infelizmente não conseguimos localizar.

<sup>131</sup> Ver Apêndice, doc. 29.

<sup>132</sup> Ver Apêndice, doc. 42.

### Obras executadas e/ou atribuídas

Enumeramos, de seguida, as principais manifestações artísticas (retábulos, sacrários, frontais de altar e esculturas de vulto perfeito e de vestir) executadas ou atribuídas a Gaspar Martins, sendo possível encontrar obras suas ou da sua oficina, não só em diversas localidades algarvias: Faro, Loulé, Alcantarilha, Silves, Lagos, Faro, Estoi e Tavira, mas também na vizinha localidade espanhola de Ayamonte.

#### Retábulo da capela do Santíssimo, na igreja da sé, em Silves

Na igreja matriz de Silves, o mais relevante exemplar da arquitetura gótica da região algarvia que serviu de sede do assento episcopal até 1577, na visitação ocorrida em 1702 é recomendado que *por se achar muito danificado e indecente o retábulo da capela do Santíssimo Sacramento, mando, que por conta da renda do pé do altar que se aplica à Fábrica, se mande fazer um retábulo novo de talha e dourado com toda a perfeição na capela que lhe fica correspondente da parte da Epístola e que em ele se coloque o Divino Sacramento por ficar a dita capela mais proporcionada e com luz, o que a outra não tem*<sup>133</sup>.

A feitura do retábulo principiou em 1703, conforme se verifica nos pagamentos então efetuados a João Baptista Severino, prolongando-se as despesas com os entalhadores nos dois anos seguintes<sup>134</sup>. Como resultado de uma provável alteração da obra pretendida, o prior resolve fazer um novo contrato com os mesmos profissionais, isto é, João Baptista Severino e o seu cunhado Gaspar Martins, comprometendo-se na escritura, ocorrida a 8 de março de 1706, a dar a obra concluída no prazo de dois anos e sete meses, pela elevada quantia de 750\$000 réis<sup>135</sup>. Só em 1709 é que



Silves. Igreja da sé.  
Capela do Santíssimo.  
Foto SIPA

<sup>133</sup> Ver Apêndice, doc. 24.

<sup>134</sup> Ver Apêndice, doc. 25.

<sup>135</sup> Ver Apêndice, doc. 27.

o retábulo ficou assente no seu lugar, trasladando-se o Santíssimo para a nova capela, em novembro desse ano.

Com risco de João Batista Severino, pois Gaspar Martins era ainda principiante, o retábulo, que tinha como função principal expor solenemente o Santíssimo Sacramento, ocupava a totalidade da parede testeira de uma capela da cabeceira, a do lado da Epístola. Atendendo ao elevado pé-direito do vão disponível, adotou uma tipologia pouco frequente nesta conjuntura artística, a de dois corpos e um só tramo. O modelo compositivo, pela mesma razão, é também pouco usual, inscrevendo-se o intercolúnio entre oito elementos arquitetónicos, quatro de cada lado, alguns de diferente forma e seção.

De madeira de castanho proveniente de Monchique, entalhada e dourada alguns anos depois, apresenta planta mista. No embasamento com duplo registo, o banco exhibe quatro mísulas decoradas com cabecinhas de serafins e quatro pedestais revestidos por elementos vegetalistas. Ao centro surge um



Silves. Igreja da sé.  
Sacrário proveniente da capela do Santíssimo.  
Foto Hélio Ramos.

sacrário, de planta convexa, com um corpo e três tramos cujos intercolúnios são flanqueados por duas colunas, uma de cada lado, idênticas às do retábulo. Na porta surge a representação do *Agnus Dei*. O primeiro corpo do retábulo é composto por quatro colunas torsas com sete espiras decoradas com cachos de uvas e parras, dois quartelões e duas pilastras. No eixo da composição evidencia-se uma tribuna, encoberta por um painel de madeira, inscrita entre duas pilastras, de reduzido pé-direito, decoradas com flores, e uma arquivolta plena. Sobre o entablamento contínuo ostenta o segundo corpo, de menores dimensões, composto por um painel central ornamentado com motivos fitomórficos e flanqueado por oito pedestais, quatro de cada lado. O ático apresenta uma arquivolta plena e dois arcos salomónicos cortados por aduelas que rodeiam um painel semicircular com a represen-

tação escultórica de Deus Pai.

O retábulo era complementado pelo revestimento em talha do intradorso e do frontispício do arco da entrada da capela, resultante da intervenção realizada em 1739 pelo mestre entalhador Miguel Nobre<sup>136</sup>, pela pintura mural das paredes laterais e da cobertura, de que ainda subsistem alguns vestígios e por painéis de azulejos oriundos de Lisboa.

Nada subsiste deste exemplar no seu local de origem. Depois de desmantelado pela DGEMN, foi guardado num dos torreões do castelo, local onde se manteve até 1955, quando foi parcialmente transferido para a igreja da Misericórdia de Beja, onde se encontra atualmente. A restante parte esteve prevista para a igreja paroquial da Luz de Lagos, situação que não deve ter ocorrido.



Silves. Igreja da Sé.  
Capela do Santíssimo.  
Foto SIPA 175084.

Beja. Igreja da Misericórdia.  
Retábulo proveniente da capela do Santíssimo da sé de Silves.  
Foto SIPA 170222.

<sup>136</sup> LAMEIRA, 2000, p. 249.

No final da obra do retábulo, regista-se o pagamento de *oito moedas novas* a Gaspar Martins pela execução da escultura de Nossa Senhora da Conceição<sup>137</sup>, imagem que ainda remanesce neste templo.



Silves. Igreja da sé.  
Imagem de Nossa Senhora da Conceição.  
Gaspar Martins. 1709.  
Foto Hélio Ramos.

<sup>137</sup> Ver Apêndice, doc. 28.

### O retábulo de Nossa Senhora do Pilar, em Ayamonte.

Na igreja paroquial de Nossa Senhora das Angústias, na vizinha localidade espanhola de Ayamonte, na nave do lado da Epístola, encontra-se um retábulo devocional a um só tema, atualmente dedicado a Nossa Senhora do Pilar, que consta ser proveniente da igreja conventual de Nossa Senhora das Mercês, da mesma localidade. A sua autoria tem sido atribuída a Gaspar Martins, que o terá executado nas primeiras décadas de Setecentos<sup>138</sup>.

De madeira entalhada e predominantemente dourada, adota a tipologia dos retábulos com *arco*. O retábulo propriamente dito tem planta reta ou plana. O embasamento, com um só registo, é composto por quatro mísulas, as duas centrais remodeladas posteriormente. O corpo é definido por quatro colunas torsas com sete espiras decoradas com cachos de uvas e parras. O intercolúnio central é preenchido por um dossel com cortinas repuxadas lateralmente, também resultante de uma intervenção posterior, com a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora do Pilar. Os tramos laterais são somente ocupados por frondosos enrolamentos acânticos. Sobre o entablamento contínuo desenvolve-se o ático, de composição tripartida. Enquanto o painel central é delimitado por pilastras, nas ilhargas sobressaem volutas e cachos de frutas.

O revestimento em talha do *arco* cobre integralmente o intradorso da capela e parte do frontispício, apresentando uma estruturação idêntica à do retábulo propriamente dito, com dois pedestais, duas pilastras e uma arquivolta plena, todas revestidas com o mesmo tipo de ornamentação. Nas extremidades avultam duas *metas* que servem de apoio a uma cimalha contínua, rematada



Ayamonte.  
Igreja paroquial de Nossa Senhora das Angustias.  
Retábulo de Nossa Senhora do Pilar.  
Foto Enrique Arroio Berrones.

<sup>138</sup> LAMEIRA, 2002, p. 145.



Ayamonte. Igreja paroquial de Nossa Senhora das Angústias. Retábulo de Nossa Senhora do Pilar. Foto Enrique Arroio Berrones.

por mais enrolamentos acânticos e flores diversas. Ao centro, assente num acrotério, destaca-se um anjinho em alto-relevo.

Quer o retábulo, quer o revestimento em talha do *arco* encontram-se em razoável estado de conservação, faltando já a mesa do altar, corroída pelo caruncho e uma das *metas* do arco retabular.

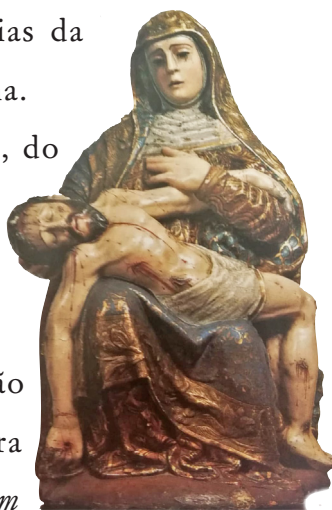
### Retábulo da ermida de Nossa Senhora da Piedade, em Loulé

Nos arredores de Loulé, junto ao novo santuário, ainda subsiste a pequena ermida de Nossa Senhora da Piedade, que acolhe anualmente uma das mais participadas romarias da região algarvia, localmente conhecida por mãe soberana.

Já nos princípios do século XVIII, este templo, do padroado da Câmara, era *muito frequentado de romagens, assim da gente da terra, como das circunvizinhas, que acodem à Senhora a pedir-lhe o remédio de suas necessidades.*

No dia 10 de maio de 1716, o juiz de fora da então vila de Loulé, como reitor da confraria de Nossa Senhora da Piedade, ajusta com Gaspar Martins a feitura de *um retábulo para a capela da dita Senhora da Piedade, com quatro colunas salomónicas e nicho grande para a Senhora e com dois nichos pequenos nas bandas e arco de cima, salomónico, tudo por preço e quantia certa, logo nomeada de 90\$000*<sup>139</sup>.

Infelizmente este modesto exemplar, que seguia fielmente as normas vigentes no país, já não sobrevive.



Loulé. Ermida de Nossa Senhora da Piedade.  
Imagem de Nossa Senhora da Piedade.  
Foto Hélio Ramos.

<sup>139</sup> Ver Apêndice, doc. 30.

### Retábulo da igreja de Santo António de Lagos

A igreja de Santo António, em Lagos, uma das mais relevantes obras de arte total no Algarve, foi edificada e integralmente ornamentada para os serviços religiosos do regimento da Praça de Lagos.

A feitura do retábulo ainda subsistente principiou em 1718, tendo a escritura notarial ocorrido na cidade de Faro, no dia 12 de abril desse ano. O procurador da irmandade de Santo António, *Francisco Martins da Costa, capitão de granadeiros do regimento da comarca de Lagos*, ajustou então esta obra com Gaspar Martins pela elevada quantia 612\$000 réis, comprometendo-se este reputado mestre entalhador a dar concluída a sua intervenção até ao final do mês de outubro do ano seguinte<sup>140</sup>. Convém salientar que um dos mesários era Álvaro Pereira de Lacerda, coronel do dito regimento, irmão de D. José Pereira de Lacerda, então bispo do Algarve e algum tempo depois nomeado cardeal de Santa Susana.

O retábulo ocupa a totalidade da parede testeira do templo, adotando este último uma tipologia muito pouco frequente, a de nave única sem capela-mor.

De madeira, muito provavelmente de castanho, integralmente entalhada e dourada apresenta corpo único e três tramos, inscrevendo-se os intercolúnios entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado.

Exemplar devocional a três temas, evidencia planta plana ou reta. No embasamento, de duplo registo, para além da mesa do altar, surgem quatro pedestais com meninos e flores e nos espaços intermédios relevantes enrolamentos acânticos que ladeiam um serafim. No banco avultam seis mísulas suportadas por meninos



Lagos. Igreja de Santo António.  
Pormenor do retábulo.  
Foto J. Costa - Município de Lagos.

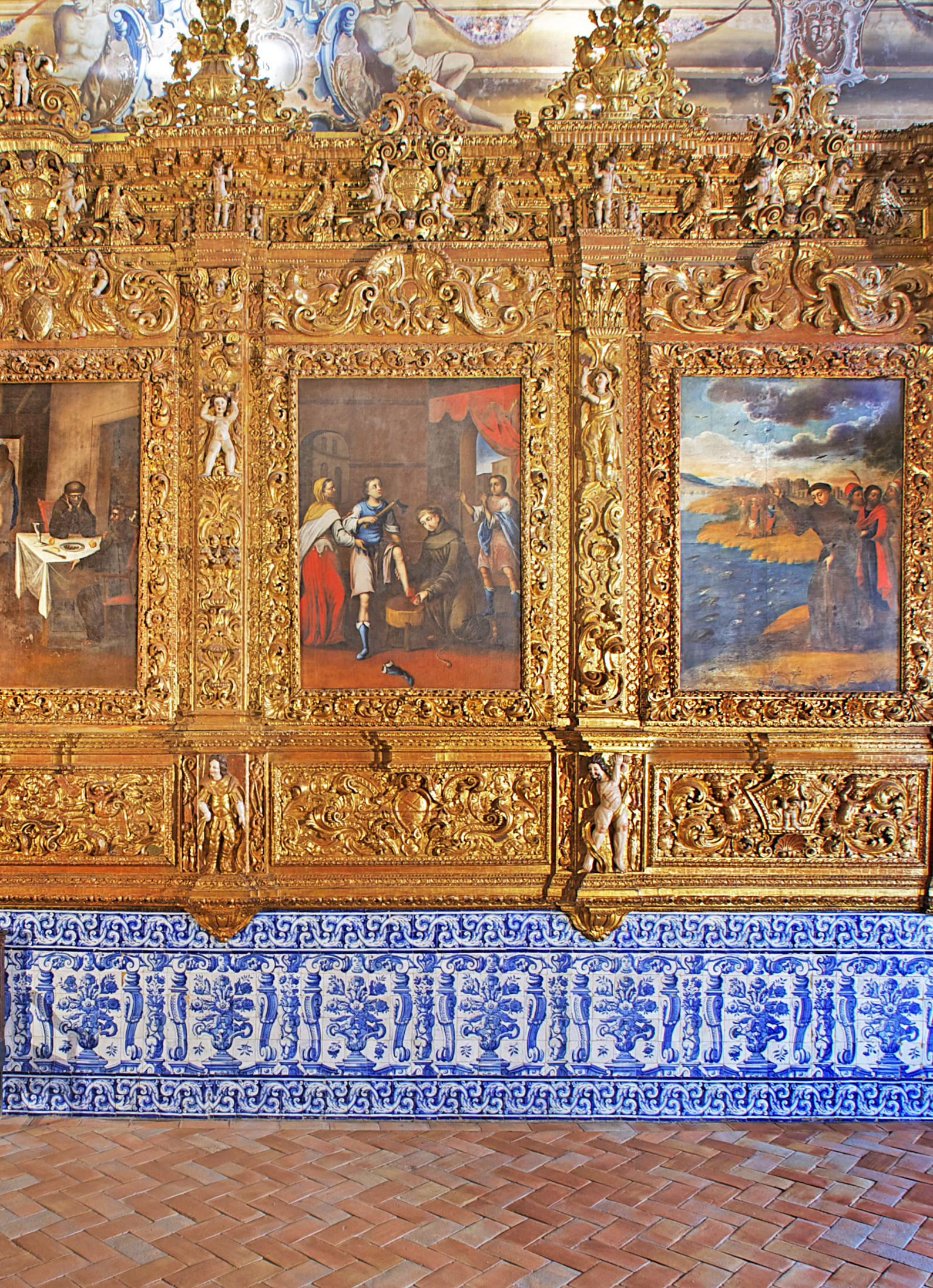
<sup>140</sup> Ver Apêndice, doc. 31.



Lagos. Igreja de Santo António. Retábulo. Foto Hélio Ramos.



Lagos. Igreja de Santo António.  
Foto J. Costa - Município de Lagos.



hercúleos envolvidos por flores diversas. Nos painéis das extremidades meios corpos emergem de uma flor que irradia enrolamentos acânticos e de braços erguidos suportam um cesto de frutos. No painel central um menino suspenso por flores repousa sobre pétalas abertas. O corpo é composto por quatro colunas torsas, com sete espiras integralmente revestidas por cachos de uvas, parras, meninos e fénix. No tramo central ostenta um camarim antecedido por um painel tripartido de planta convexa, sobreposto por um varandim, num efeito cenográfico notável. No interior um trono com superfícies alternadamente côncavas e convexas, acolhe a imagem do orago, flanqueado por dois anjos tocheiros. Duas pilastras rematadas por meios corpos femininos profusamente ornadas com flores e frutos e uma arquivolta plena, na qual abundam serafins, servem de moldura ao referido camarim. Nos tramos laterais sobressaem os nichos com as imagens de São Roque e São José, no lado do Evangelho e da Epístola, respetivamente. São delimitados por colunelos e encimados por um arco salomónico revestido com flores e circundado por um friso mistilíneo, sobre o qual surge um cesto de frutos e um anjo trombeteiro que anuncia o dia do Juízo Final. O entablamento, que se restringe aos tramos laterais, acolhe o ático, que se estrutura entre dois arcos salomónicos cortados transversalmente por seis aduelas suportadas por meninos hercúleos e uma cartela central onde se destaca um meio corpo a sustentar o escudo nacional e dois anjinhos que seguram uma coroa.

Atribuímos ainda a Gaspar Martins a execução da cornija em talha que remata o revestimento das paredes laterais, no qual é evidente a intervenção de diversos profissionais, cuja identidade até ao momento se desconhece.

De salientar a harmoniosa interligação existente entre o retábulo e restante ornamentação da igreja, nomeadamente a pintura em perspectiva arquitetónica do teto da nave, de feitura



Lagos. Igreja de Santo António.  
Pormenor da cornija da nave.  
Foto J. Costa - Município de Lagos.

posterior ao terramoto de 1755, o revestimento total das paredes da nave com um lambril de azulejos azuis e brancos, painéis de talha envolvendo oito telas pintadas com milagres de Santo António, o púlpito entalhado e uma tribuna com reixas. Convém particularizar as inúmeras representações figurativas existentes na talha das paredes da nave, a saber, cenas da vida quotidiana (caça, pesca, matança do porco), personagens diversas (militares, homens e mulheres com diferentes e por vezes exóticas indumentárias), animais fantásticos, etc.

Seguramente pertencia à igreja de Santo António uma pequena escultura de vulto perfeito de um menino segurando um cesto na cabeça que se encontra numa arrecadação da vizinha igreja paroquial de São Sebastião, cuja autoria atribuímos a Gaspar Martins.

Mencionamos ainda a influência que o retábulo da igreja de Santo António de Lagos teve noutros exemplares da região, conforme se constata na escritura notarial do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário, em Olhão, em que se afirma que *há de ser feito pela planta que se acha feita para a mesma capela pelo que respeita ao pé-direito, porém a volta há de ser pela fábrica do risco de Santo António de Lagos*<sup>141</sup>.



Lagos. Igreja paroquial de São Sebastião.  
Menino.  
Foto Hélio Ramos.



Olhão. Igreja paroquial. Retábulo-mor.  
Foto Martina del Rio João.

<sup>141</sup> LAMEIRA, 2001-2002, p. 221.

### Os retábulos colaterais da igreja da Misericórdia de Tavira

Na cidade de Tavira, na igreja da poderosa irmandade da Santa Casa da Misericórdia encontramos dois retábulos colaterais, gémeos, eventualmente concebidos e entalhados por Gaspar Martins, na década de 1720.

Ainda que o do lado do Evangelho se encontre adulterado por uma intervenção oitocentista, o do lado da Epístola mantém-se íntegro. Trata-se de um exemplar devocional a um só tema, que adota a tipologia mais frequente, a de corpo único e um só tramo, inscrevendo-se o intercolúnio entre duas colunas, uma de cada lado. Como especificidade apontamos o perfil circular da tela com a representação pictórica do orago, Nossa Senhora da Conceição.

De madeira entalhada e predominantemente dourada, apresenta plana reta ou plana. A mesa do altar original já não existe, subsistindo a banquetta e o banco. Este último é delimitado por duas mísulas decoradas com volutas, sendo o espaço intermédio integralmente revestido por enrolamentos acânticos, crespos e relevantes e no centro da composição avulta um menino hercúleo suportando uma flor. No corpo evidenciam-se duas colunas torsas com setes espiras revestidas com cachos de uvas e parras. A tela central é enquadrada nos quatro cantos por cartelas ovais, enrolamentos vegetalistas e flores. Sobre o entablamento contínuo desenvolve-se o ático, onde surgem múltiplas flores a envolver uma cartela central redonda. No topo sobressai uma coroa fechada e no remate das colunas acrotérios destinados a acolher pequenas imagens de anjos em alto-relevo.

Os azulejos que ladeiam o retábulo exibem uma tarja com a data 1760. O retábulo encontra-se em bom estado de conservação.



Tavira. Igreja da Misericórdia. Retábulo colateral. Foto Hélio Ramos.

### Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Estoi – Faro.

Situada a 9 quilómetros de Faro, a pequena e pitoresca aldeia de Estoi, possui uma grandiosa igreja paroquial, totalmente reconstruída no bispado de D. Francisco Gomes do Avelar (1789 - 1816). Os anteriores retábulos foram totalmente destruídos no terramoto de 1755, incluindo o das Almas, ajustado no dia 21 do mês de janeiro de 1726, entre Gaspar Martins e os mesários da irmandade. A obra, que incluía a feitura de duas imagens, a de São Gregório e Santa Bárbara, também inexistentes, deveria estar concluída até ao dia de São João Baptista do mesmo ano (24 de junho) pela modesta quantia de 75\$000 réis.

Tratar-se-ia seguramente de um exemplar retardatário, de madeira entalhada e posteriormente dourada, que seguiria as normas ainda vigentes na região algarvia na década de 1720.

Têm sido atribuídas a Gaspar Martins duas esculturas ainda existentes na igreja paroquial de São Martinho, em Estoi, o Arcanjo São Miguel e o Anjo da Guarda, seguramente destinadas ao referido retábulo das Almas<sup>142</sup>.



Estoi (Faro). Igreja paroquial.  
Imagens do Arcanjo São Miguel e do Anjo da Guarda.  
Fotos Marco Pedro.

<sup>142</sup> DEL RIO JOÃO, 2021, p. 261.

### Frontal do altar de Santo Alberto, na igreja do Carmo, em Faro.

Desta obra inexistente, resta somente a informação que serviu de modelo à que a irmandade das Almas da igreja matriz de São Pedro, em Faro, ajustou com o prestigiado mestre entalhador Manuel Martins, seu irmão, no dia 6 de junho de 1728: *para o altar há de fazer uma fronteira ou grade, dita tábuca, com sacra, lavabo e evangelho, tudo obra o mais relevante que ele entender, boa madeira, que em parte alguma (...) entre peça ou parte alguma da madeira velha, advertindo que há de ser a fronteira como uma que seu irmão Gaspar Martins fez para o altar de Santo Alberto do Carmo*<sup>143</sup>.

De anotar que em 1721 o altar de Santo Alberto era descrito do seu modo: *com retábulo de pintura, fingido e pedra de ara*<sup>144</sup>.

### Retábulo da Senhora do Carmo na igreja de São Paulo, em Tavira

A ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de Tavira, antes de mandar executar um templo próprio, esteve sediada na igreja conventual dos eremitas de São Paulo, numa capela lateral.

No dia 30 de julho de 1730, Gaspar Martins deslocou-se a Tavira à casa do tabelião de notas Agostinho de Andrade Pestana para celebrar um contrato com os irmãos da Mesa da ordem terceira do Carmo desta cidade, com vista à feitura do retábulo para a sua capela, pela quantia de 240\$000 réis<sup>145</sup>.

De madeira entalhada de castanho e bordo, sem douramento ou policromia, ocupa a totalidade da parede testeira da capela, adotando a tipologia dos retábulos com *arco*.

O retábulo propriamente dito é devocional a três temas, com planta em perspectiva côncava, uma composição tripartida e



Faro. Igreja do Carmo.  
Imagem de Santo Alberto.  
Foto Hélio Ramos.



Tavira. Igreja conventual de São Paulo.  
Pormenor do retábulo de Nossa Senhora do Carmo.  
Foto Hélio Ramos.

<sup>143</sup> ver Apêndice, doc. 12.

<sup>144</sup> Arquivo da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de Faro, *Livro do inventário da ordem terceira* (1714 – 1822), 1721, fl. 7.

<sup>145</sup> Ver Apêndice, doc. 35.



Tavira. Igreja conventual de São Paulo. Retábulo de Nossa Senhora do Carmo. Foto Hélio Ramos.

um modelo compositivo também bastante usual, inscrevendo-se os intercolúnios entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado. No embasamento, com um duplo registo, sobressaem no banco quatro mísulas ornadas com cabecinhas de serafim. Ao centro exhibe um volumoso sacrário, de planta convexa, com um corpo e três tramos, definidos por colunas torsas. Na porta do tabernáculo está a representação de Cristo Ressuscitado. A composição retabular é definida por quatro colunas torsas com sete espiras decoradas com cachos de uvas, parras, meninos e fénix. O intercolúneo central, onde estava previsto um trono destinado à imagem do orago, é integralmente decorado com exuberantes flores. Os tramos laterais são preenchidos por frondosos enrolamentos acânticos e flores diversas e suportam uma mísula com as imagens de um santo Papa e Santa Teresa. Sobre o entablamento interrompido desenvolve-se o ático, com dois arcos salomónicos, cujas espiras são ocupadas por cabecinhas de serafins, cortados transversalmente por seis aduelas com meninos hercúleos. No eixo da composição evidencia-se uma cartela com o monograma de Maria.

O revestimento em talha do *arco* cobre parte do frontispício, apresentando uma estruturação idêntica à do retábulo propriamente dito, com dois pedestais, duas mísulas com meninos hercúleos, um par de pilastras decoradas com enrolamentos acânticos, fénix e um menino que emerge de um cesto de flores e uma arquivolta plena revestida com o mesmo tipo de ornamentação. No topo exhibe uma tarja com as insígnias carmelitas sobrepujada por uma coroa. Nos flancos avultam dois meios corpos com cesto de frutos sobre a cabeça que suportam um entablamento contínuo no qual assenta um friso com duas figuras de anjos de vulto perfeito nas extremidades. Por fim uma cimalha serve de base a três anjos de vulto perfeito e múltiplos enrolamentos e flores.

Quer o retábulo, quer o revestimento em talha do *arco* encontram-se em razoável estado de conservação.

Atribuímos a Gaspar Martins a autoria das representações escultóricas de Nossa Senhora do Carmo, de Santa Teresa e de um Santo Papa, existentes no retábulo.



Tavira. Igreja conventual de São Paulo.  
Imagens de Santa Teresa, Nossa Senhora do Carmo e de um Santo Papa..  
Foto Hélio Ramos.

### Os retábulos colaterais da igreja dos Capuchos, em Faro.

Na igreja conventual de Santo António, dos religiosos capuchos da Piedade, em Faro, os dois retábulos que ladeiam o aro triunfal devem remontar à década de 1730, sendo possível atribuir o risco e o entalhe a Gaspar Martins. Como acréscimos posteriores, um pouco anteriores a 1747 e que atribuímos à oficina de Tomé da Costa<sup>146</sup>, mencionamos os dosséis com cortinas repuxadas lateralmente, que rematam os nichos; os painéis verticais que os flanqueiam e o revestimento em talha que preenche o frontispício e o intradorso do arco triunfal.

De madeira entalhada e predominantemente dourada, os retábulos colaterais, devocionais a um só tema, apresentam plana reta ou plana. Apesar de mesa do altar ter sido retirada, ainda subsiste o frontal. Acima da banquetta surge o banco, delimitado por duas mísulas sustentadas por meninos hercúleos, sendo o espaço intermédio integralmente revestido por enrolamentos acânticos, crespos e relevantes. No corpo há duas colunas torsas com setes espiras revestidas com flores diversas e meninos. Os nichos, da década seguinte, como já referimos, acolhem representações escultóricas provenientes de outros locais. Sobre o entablamento contínuo desenvolve-se o ático, onde avultam enrolamentos vegetalistas a envolver uma cartela central, a do lado do Evangelho com a Verónica e a do lado da Epístola com o monograma de Maria e uma coroa fechada. No topo sobressai uma mísula suportando um menino em alto-relevo e no remate das colunas acrotérios sobre os quais assentam dois anjinhos, também em alto-relevo.

Os retábulos são complementados pelo referido revesti-



Faro. Igreja de Santo António dos Capuchos.  
Pormenor de um retábulo colateral.  
Foto Hélio Ramos.

<sup>146</sup> LAMEIRA, 2007, p. 107.



ANNO DE 1727

Faro. Igreja de Santo António dos Capuchos.  
Arco triunfal retabular.  
Foto Hélio Ramos.



mento em talha do arco triunfal e por painéis de azulejos figurativos, azuis e brancos, que ornamentam os arcossólios laterais.

De mencionar a intervenção menos adequada realizada há poucos anos na policromia dos retábulos e do arco triunfal, que se mantém em razoável estado de conservação.

### Retábulo do Santíssimo na igreja matriz de São Pedro, em Faro

Este relevante exemplar, já inexistente, foi uma das mais dispendiosas obras executadas por Gaspar Martins e caso sobrevivesse possibilitava uma melhor compreensão da sua obra. A escritura do ajuste notarial, celebrada entre o juiz da confraria e este mestre, que também era irmão, foi realizada no dia 15 de fevereiro de 1734, pela elevada quantia de 505\$000 réis<sup>147</sup>, desconhecendo-se a autoria da planta ou risco.

De referir ainda que os mesários desta confraria decidiram a 28 de outubro de 1738, que *Gaspar Martins assentasse o retábulo da capela do dito Senhor à face da mesma capela porque fica mais livre das humidades que podia receber da parede*<sup>148</sup>, ficando, contudo, mais exposto à ação devastadora do terramoto de 1755 que destruiu profundamente este templo.

### Retábulo da ermida de São Roque, em Faro

Na cidade de Faro, os responsáveis do regimento de infantaria mandaram edificar na Rua da Sapataria, *extramuros desta cidade*, uma ermida dedicada a São Roque, destinada aos exercícios espirituais promovidos pela irmandade que administravam.

Após a sua conclusão, contrataram a feitura do retábulo, cujo ajuste notarial foi celebrado no dia 9 do mês de agosto de



Militar do Regimento de Infantaria de Faro.  
Século XVIII.  
Fonte Arquivo Histórico Militar.

<sup>147</sup> Ver Apêndice, doc. 36.

<sup>148</sup> Ver Apêndice, doc. 39.

1740, entre o juiz da confraria e o mestre entalhador Gaspar Martins, pela quantia de 274\$000 réis, de acordo com um risco da sua autoria<sup>149</sup>.

Ocuparia a totalidade da parede testeira da capela-mor. De madeira de castanho, de *talha crespada, bem relevante* e dourada deveria utilizar uma tipologia muito frequente, a de corpo único e três tramos e um modelo compositivo também bastante usual, inscrevendo-se, provavelmente, os intercolúnios entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado.

De planta reta ou em perspetiva côncava, no banco exibiria quatro mísulas sustentando colunas torsas, com sete espiras revestidas possivelmente por flores. Se o intercolúnio principal se destinava à representação escultórica do orago, ignoramos que imagens estavam previstas para os tramos laterais. Sabemos sim que os mesários preferem que *os nichos que traz o dito risco em forma de pavilhão não querem eles sejam assim, senão que sejam feitos de boa talha e escultura e o do Senhor São Roque há de levar ao pé do banco do retábulo em forma de trono*<sup>150</sup>. O ático poderia ainda conter dois arcos de tipo salomónico, com uma cartela ao centro.

Com a transferência do regimento de infantaria para Tavira, na segunda metade de Setecentos, a ermida deixou de funcionar, tendo sido vendida em hasta pública em 1803. Desconhecemos o paradeiro do retábulo, sendo provável que a representação escultórica do orago, ainda subsistente na igreja paroquial de Santiago, em Tavira, proveniente da ermida de São Roque desta cidade, tenha sido executada por Gaspar Martins.



Tavira. Igreja paroquial de Santiago.  
Imagem de São Roque.  
Foto Hélio Ramos.

149 Ver Apêndice, doc. 40.

150 Ver Apêndice, doc. 40.

### O retábulo-mor da igreja paroquial de Porches

A freguesia ribeirinha de Porches localiza-se a 5 quilómetros de Lagoa, sede do concelho, situando-se a igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, edificada no século XVI, nas imediações da Estrada Nacional 125.

O retábulo preenche a totalidade da parede testeira da capela-mor, tendo sido mandado executar, provavelmente nos primeiros anos da década de 1730, pelo prior com o patrocínio da mesa episcopal, que detinha os benefícios desta freguesia. Apesar de não subsistir documentação relativa à execução deste espécime, atribuímos o risco e o entalhe ao mestre Gaspar Martins.

De madeira entalhada, dourada e pintada com uma policromia desajustada, resultante de uma intervenção relativamente recente, integra-se na tipologia de corpo único e três tramos, inscrevendo-se os intercolúnios entre duas colunas, uma de cada lado.

No embasamento, com duplo registo, destaca-se a mesa do altar, cujo frontal entalhado resulta de uma intervenção recente. Nas suas ilhargas surgem dois pedestais sustentados por meninos hercúleos. No banco, para além do sacrário, avultam quatro mísulas também suportadas por meninos. O corpo é composto por quatro colunas torsas com imoscapo no terço inferior. Ao centro sobressai o camarim, emoldurado por pilastras, onde se encontra um trono piramidal em degraus, outrora destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Nos tramos laterais há duas pequenas mísulas destinadas a acolher imagens de vulto perfeito. O entablamento restringe-se aos tramos laterais, inscrevendo-se o ático entre duas arquivoltas plenas. No espaço intermédio são empregues frisos com sucessivos ressaltos, sobressaindo ao centro uma cartela ladeada por volutas, enrolamentos vegetalistas e dois anjinhos.

O retábulo é complementado pelo revestimento integral da capela-mor com azulejos de padrão azuis e brancos.



Porches (Lagoa). Igreja paroquia. Retábulo-mor. Foto Ismael Medeiros -Município de Lagoa.

### Remodelação do retábulo da capela dos terceiros de São Francisco

Na capela da ordem terceira de São Francisco, situada na igreja conventual dos religiosos franciscanos, em Tavira, o retábulo executado nos princípios do século XVIII pelo mestre João Baptista Severino<sup>151</sup> e por Gaspar Martins, este último ainda na qualidade de oficial da sua oficina, vai ser remodelado algumas décadas depois.

No dia 16 de dezembro de 1742, na cidade de Faro, na casa do reverendo Guilherme Parker, cónego da sé e procurador do reverendo doutor Henrique Correia Gama, ministro da venerável ordem terceira de São Francisco de Tavira, compareceram o tabelião de notas de Faro, Clemente Velho Sarre e Gaspar Martins, com o objetivo de proceder à escritura de obrigação e contrato para a remodelação do retábulo da capela da aludida ordem, pela quantia de 120\$000 réis e de acordo com o risco que ficou nas mãos do mestre entalhador. Ficou então estipulado que a madeira a utilizar seria pinho da Flandres e que o trabalho seria executado em conformidade com o retábulo já existente *de sorte que não faça divisão e pareça remendo*. Comprometia-se ainda a executar quatro anjos de três palmos e meio cada um para colocar em *cima da tribuna*<sup>152</sup>.

Infelizmente este retábulo já não subsiste.

### Retábulo da Misericórdia de Alcantarilha

A igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Alcantarilha – Silves tem na capela-mor um retábulo que remonta seguramente ao segundo quartel do século XVIII. O único dado documental subsistente diz respeito a uma escritura de ajuste de contas cele-

151 Ver Apêndice, doc. 2.

152 Ver Apêndice, doc. 41.



Alcântarilha (Silves). Igreja da Misericórdia. Retábulo. Foto João Palma.

brada, a 12 de junho de 1747, entre a viúva de Gaspar Martins e o mestre João Baptista, na qual se refere a *obra de Alcantarilha, que o dito seu marido ficou devendo 20\$000 réis*<sup>153</sup>. Em nosso entender trata-se da execução deste retábulo, embora alguns elementos se inspirem nas obras do seu irmão Manuel Martins, falecido há alguns anos.

O retábulo da igreja da Misericórdia ocupa a totalidade da parede testeira da ousia. Trata-se de um exemplar devocional a três temas, que adota uma tipologia muito frequente, a de corpo único e três tramos e um modelo compositivo pouco usual, inscrevendo-se os intercolúnios entre elementos arquitetónicos duplos.

De madeira entalhada, dourada e pintada, apresenta planta em perspectiva côncava. O embasamento, com duplo registo, exhibe no banco quatro pares de mísulas. O corpo é composto por seis colunas torsas com o terço inferior diferenciado por imoscapo e a garganta percorrida por uma guinalda de flores (as do centro são mais estreitas e têm um imoscapo distinto em relação às restantes) e dois quartelões ornados com motivos fitomórficos. O tramo central ostenta uma tribuna com uma imagem de Cristo Crucificado (que substitui a original) e aos pés a rainha Santa Isabel, que conjuntamente com São Francisco devia estar nos tramos laterais, no lugar das atuais imagens de proveniência desconhecida. Sobre o entablamento interrompido surge o ático, onde avultam dois arcos de tipo salomónico, cortados transversalmente por quatro aduelas, sobressaindo ao centro uma cartela, com as Chagas de Cristo, sustentada por dois meninos e rematada por um serafim e uma concha.

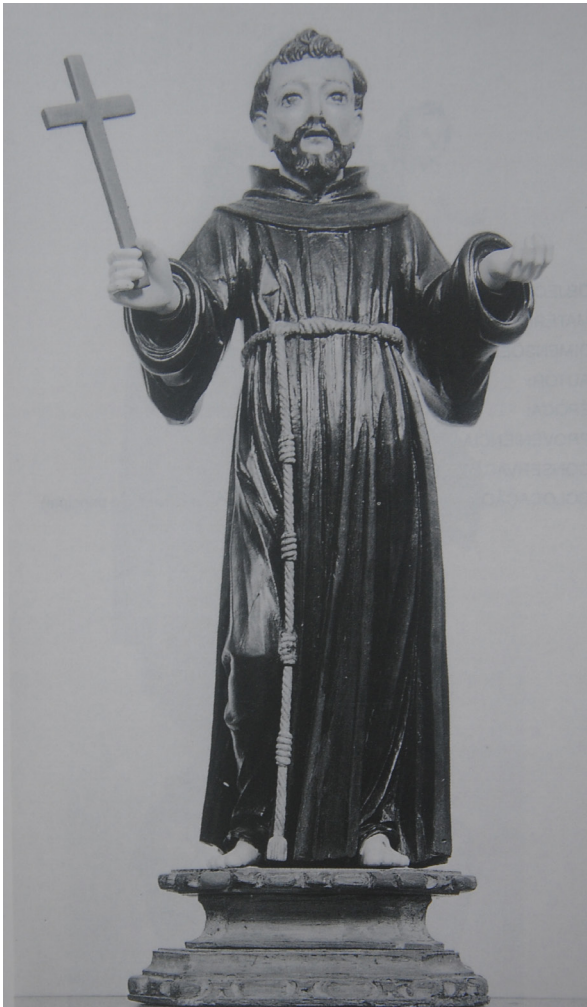


Alcantarilha (Silves).  
Igreja da Misericórdia.  
Pormenor do retábulo.  
Foto João Palma.

<sup>153</sup> Ver Apêndice, doc. 42.

Encontra-se em razoável estado de conservação apesar da policromia desajustada. De referir que a mesa do altar resulta de uma intervenção posterior.

É possível que as representações escultóricas de São Francisco e da rainha Santa Isabel possam também ser da autoria de Gaspar Martins.



Alcantarilha (Silves).  
Igreja da Misericórdia.  
Imgens de São Francisco e da rainha Santa Isabel.  
Fotos Hélio Ramos.



Lagos.. Igreja de Santo António. Pormenor do retábulo-mor. Gaspar Martins. 1718. Foto J. Costa - Município de Lagos.

### Considerações finais

Depois de termos enunciado os diversos elementos relativos à vida e obra de Manuel Martins e depois do seu irmão Gaspar Martins, resta-nos apresentar, de forma sintética, algumas conclusões:

-No período Barroco, o Algarve foi um dos seis centros produtivos nacionais<sup>154</sup>. As diversas oficinas de escultura, de talha e douramento, sediadas na sua maioria na cidade de Faro, satisfaziam a maior parte das necessidades locais. Pontualmente, alguns artistas forasteiros (nacionais ou estrangeiros) chegavam à região. Dos locais de proveniência, indicamos os arcebispados de Braga e de Lisboa, os bispados do Porto e de Évora, a Espanha, a Itália e a Flandres. Havia os que permaneciam somente durante o tempo em que executavam algumas obras, mas outros acabavam por se fixar para sempre. Assistimos de igual modo à deslocação temporária de profissionais com oficina aberta no Algarve a algumas localidades mais próximas, quer no Alentejo, quer na região fronteira de Espanha, designadamente Ayamonte<sup>155</sup>.

-A madeira predileta da clientela foi a de castanho, originária da região, concretamente da serra de Monchique e como tal de menor custo. De forma pontual, usou-se em conjunto com a de bordo. Pouco utilizada foi também a de pinho, sendo estas últimas importadas da Flandres.

-No contexto produtivo regional, Manuel Martins sobressai claramente dos restantes colegas de profissão, sendo o único, no Algarve, que é reconhecido como *escultor famoso*. Gaspar Martins, apesar de não ter a ousadia e habilidade do irmão, perfila-se como um dos melhores e como tal partilha com ele os trabalhos solicitados pela clientela mais prestigiada. O taviense Manuel Abreu do Ó só é considerado *insigne escultor* em Évora, tendo-se afirmado nesta cidade como um dos mais prestigiados mestres entalhadores, mas somente após a sua participação, como canteiro, na construção da nova capela-mor da sé.

-Se como escultor e, por vezes, como entalhador, Manuel Martins se limita a seguir os modelos vigentes, é no debuxo de alguns retábulos que se evidencia, concebendo determinadas especificidades que o diferenciam dos restantes profissionais. De entre essas

<sup>154</sup> Os outros cinco foram o Alentejo, a Estremadura, a Beira, Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes, que correspondiam às províncias então existentes. Os arquipélagos da Madeira e dos Açores foram também centros produtivos.

<sup>155</sup> LAMEIRA, 2002, pp. 144 a 146.

particularidades destacamos a conjugação, no mesmo retábulo, de elementos arquitetónicos diferenciados e de seções desiguais, como ocorre na igreja de São Lourenço, em Almancil (ver p. 56); o avanço das extremidades da composição retabular, com um tratamento diferenciado no(s) corpo(s) e no ático, por exemplo na capela-mor da igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro (ver p. 72); a utilização da tipologia de retábulos com *arco*, quer em capelas-mores, como ocorre na igreja de Santo António do Alto, em Faro (ver p. 83), quer em capelas laterais, mas com grande profundidade, apontando-se como exemplo a do Santo Lenho, na sé, também nesta cidade (ver p. 30). Gaspar Martins cumpre meticulosa e persistentemente os cânones que aprendeu com João Batista Severino. Entretido em diversas tarefas cívicas que lhe foram incumbidas, até no retábulo em que ousa aderir, ainda que parcialmente, à nova linguagem artística do Barroco Final, já em fim de vida, na igreja da Misericórdia de Alcantarilha, os elementos arquitetónicos que utiliza são uma cópia do que muito antes fora concebido pelo seu irmão Manuel Martins.

-Mesmo a nível nacional foram relativamente poucos os debuxadores de retábulos que reinterpretaram as normas em vigor, criando algumas soluções fora do comum.

-Os irmãos Martins, Manuel e Gaspar e os diversos entalhadores sediados na diocese algarvia não utilizaram uma linguagem regional. Esta também não foi assumida pela clientela de maior prestígio (bispos, membros do cabido, governadores militares, etc.), que privilegiava a ligação com a corte e que tomava por modelo o formulário aí vigente. Cada oficina limitava-se a interpretar, num ou noutra retábulo, com ligeiro sotaque, a linguagem corrente no país e que em cada conjuntura artística era definida em Lisboa pelos principais agentes: arquitetos régios, engenheiros militares e alguns *curiosos* mais esclarecidos, isto é, funcionários do Estado ou religiosos com maior formação académica.

-De igual modo, nos restantes centros produtivos nacionais não assistimos a qualquer diferenciação artística regional. Verificamos, sim, sinais de algumas especificidades numa ou noutra obra concebida por um ou outro mestre mais criativo ou então com menor conhecimento das normas, trabalhando algumas vezes esses profissionais em regiões distintas.

-Atendendo a que a diminuta diocese algarvia apenas contava com pouco mais de seis dezenas de paróquias, esta região surge como um centro produtivo de pequena dimensão, isto é, com poucas oficinas de escultura e de entalhe a trabalhar em simultâneo. No período em que os irmãos Martins se mantiveram ativos, havia mais ou menos uma dezena de oficinas, cinco

instaladas na sede do bispado e as restantes cinco estabelecidas noutras localidades: Tavira, Loulé, Portimão, Lagos e Monchique. Convém referir que as cinco oficinas localizadas em Faro, para além de satisfazerem a clientela citadina, competia com a(s) de cada uma das restantes localidades, nomeadamente junto dos fregueses mais esclarecidos e com maiores disponibilidades financeiras.

-Se tivermos em conta que na cidade de Faro estavam estabelecidas cinco oficinas de entalhe, incluindo a de Manuel Martins e a do seu irmão Gaspar Martins, todos estes profissionais se conheciam muito bem, conforme se atesta no facto de serem padrinhos no batismo dos filhos dos colegas ou testemunhas de casamento uns dos outros e certamente influenciando-se mutuamente.

-De entre as entidades de maior relevância na região, que encomendaram retábulos e/ou outras obras de talha e de escultura aos irmãos Martins, indicamos os seguintes: o bispo, alguns membros do cabido, os padres da Companhia de Jesus de Faro e de Portimão, os mesários das ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Faro e de Tavira, da confraria de São Lourenço dos Matos, em Almancil, dos regimentos de infantaria de Lagos e Faro, etc.

-Manuel Martins vai integrar-se nas estruturas locais, tornando-se membro da confraria das Almas na freguesia da sua residência, isto é, na igreja matriz de São Pedro, em Faro, onde estavam inscritos os diversos mesteiros. Neste templo foi batizado, casou, confessava-se anualmente na Quaresma e, no fim da vida, foi sepultado. Já Gaspar Martins ingressou em duas agremiações religiosas da maior relevância: a confraria do Santíssimo da igreja matriz de São Pedro e a venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de Faro, tendo sido sepultado na igreja desta última. Chegou inclusivamente a ser nomeado tesoureiro do concelho.

-Na sua vida pessoal, Manuel Martins agiu como qualquer outro cidadão, pese embora a rebeldia que o levou a violar inclusivamente algumas normas morais, a mais grave das quais, manter relações amorosas, durante vários anos, com a mulher do seu primo. Ambos foram repreendidos duas vezes, a primeira em 1705 e a segunda, em 1711. Gaspar Martins, por outro lado, foi uma alma devota, conservadora e quiçá atormentada, tendo inclusivamente denunciado o irmão pelas relações ilícitas.

-De entre as devoções religiosas de Manuel Martins destacamos Jesus Nazareno, a quem deixa de esmola 5\$000 réis para ajuda da feitura da imagem que os padres da Companhia de

Jesus pretendiam mandar fazer para uma capela da sua igreja; Nossa Senhora da Boa Morte, o Anjo da Guarda e São Francisco. Quanto a Gaspar Martins foi um carmelita convicto e tomou mesmo o hábito como irmão terceiro, chegando a ser nomeado vigário do culto divino.

-Entre a diversidade de obras que realizaram, referimos retábulos para capelas-mores e para capelas laterais, com ou sem *arco*; oratórios para sacristias, cornijas e revestimentos em talha em paredes laterais de capelas, tronos, nichos, frontais, castiçais, esculturas para retábulos e para procissões, umas de vulto perfeito e outras de vestir.

-Durante as quatro décadas da atividade profissional, ambos aderiram ao formulário vigente no país, em duas fases distintas: a primeira, que designamos por Barroco Pleno, corresponde às obras realizadas nas primeiras duas décadas de Setecentos; a segunda ou Barroco Final, nas duas décadas seguintes. Em relação a esta última conjuntura é muito provável ter sido Manuel Martins quem a iniciou, ainda que com alguns anos de atraso relativamente à cidade de Lisboa. Gaspar Martins, como já foi referido, manteve-se fiel ao Barroco Pleno até ao fim da vida, introduzindo apenas alguns elementos do Barroco Final, em certas obras, a saber, as colunas torsas apenas ornadas no fuste com flores ou a introdução destas em colunas revestidas com cachos de uvas e parras e, em dois espécimes de que temos conhecimento, a adoção de colunas com o terço inferior diferenciado, com imoscapo.

-Quer numa conjuntura artística, quer noutra, Manuel Martins concebeu e executou retábulos de grande qualidade, ao nível do melhor que subsiste, não só em Portugal, mas também no Mundo Português, destacando-se na primeira fase o da capela do Santo Lenho (ver p. 30) na igreja da sé, em Faro e, na segunda, o da capela-mor da igreja da ordem de Nossa Senhora do Carmo (ver p. 72), também nesta cidade e o da igreja de São Lourenço, em Almancil (ver p. 56). Gaspar Martins tem algumas obras relevantes, mas foi sem dúvida em Lagos onde se excedeu, executando um retábulo excepcional, minucioso, pleno de pequenos pormenores que encantam um olhar mais atento. Toda a igreja é uma pequena pérola escondida com uma qualidade que merece destaque a nível nacional.

-Enquanto a oficina de Gaspar Martins não teve continuidade, pois não deixou descendentes, a de Manuel Martins foi mantida pelo seu genro, Tomé da Costa, o primeiro profissional a usar o Rococó, nesta região, em 1752.

-Desconhecemos a que tratados de arquitetura, gravuras e estampas tiveram acesso. A única obra que seguramente conheceram foi *Regla de las cinco ordenes de architectura*, de Jácome

Vignola, publicada em Madrid, em 1693 e que pertenceu a um colega de profissão, o mestre João Amado.

-Como era normal na época, os irmãos Martins utilizaram as diversas tipologias funcionais então vigentes no país, a saber, retábulos cuja função principal era a exposição solene do Santíssimo Sacramento, por exemplo o da capela-mor da igreja paroquial do Espírito Santo, no termo de Mértola (ver p. 61); retábulos devocionais a um só tema, por exemplo o da capela das Almas na igreja do extinto convento dos eremitas de São Paulo, em Tavira (ver p. 33); retábulos devocionais a três temas, por exemplo os colaterais da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Portimão (ver p. 39) e o da igreja de Santo António, em Lagos (ver p. 103) e retábulos relicários, por exemplo, o da capela do Santo Lenho, na igreja da sé, em Faro (ver p. 30).

-Estes profissionais recorreram também às tipologias morfológicas mais usuais na época: retábulos com corpo único e um só tramo, por exemplo o da igreja de São Lourenço, em Almancil (ver p. 56); com corpo único e três tramos, por exemplo, o da capela-mor da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Portimão (ver p. 37); com dois corpos e três tramos, o da capela-mor da igreja da Carmo, em Faro (ver p. 72) e por fim a dos retábulos com *arco*, isto é, com um enquadramento arquitetónico individualizado a enquadrar o retábulo propriamente dito, apontando-se como exemplo o da capela de Santa Teresa, na anteriormente referida igreja da Carmo, em Faro (ver p. 80) e o da ordem terceira do Carmo, na igreja conventual dos eremitas de São Paulo, em Tavira (ver p. 112).



Faro. Igreja da sé. Pormenor do retábulo do Santo Lenho.  
Foto Hélio Ramos.

## Fontes e estudos citados nas notas e nos textos

### Fontes manuscritas

#### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

- *Memórias Paroquiais de São João da Venda*, de 1758, vol.39, nº 124.

#### Arquivo Distrital de Faro

- Cartório Notarial de Faro, *Livro do tabelião António da Cruz Silva*, 1747.
- Cartório Notarial de Faro, *Livro do tabelião Baltazar Rodrigues*, 1734.
- Cartório Notarial de Faro, *Livro do tabelião Bernardo da Silva e Vaz*, 1728.
- Cartório Notarial de Faro, *Livros do tabelião Clemente Velho de Sarre*, 1735, 1741 e 1742.
- Cartório Notarial de Faro, *Livro do tabelião Inácio Martins*, 1732.
- Cartório Notarial de Faro, *Livro do tabelião João Franco*, 1732 e 1740.
- Cartório Notarial de Faro, *Livro do tabelião João da Silva Vasconcelos*, 1729.
- Cartório Notarial de Faro, *Livro do tabelião José Baptista de Mendonça*, 1722 e 1724.
- Cartório Notarial de Faro, *Livro do tabelião Manuel Lopes Valada*, 1700, 1706 e 1718.
- Cartório Notarial de Faro, *Livro de Notas n.º 60*, de 1740.
- Cartório Notarial de Loulé, *Livro do tabelião José Rodrigues Ramos*, 1716.
- *Livro dos decretos e assentos mais particulares da ordem terceira de São Francisco de Faro*.
- Cartório Notarial de Portimão, *Livros do tabelião Florêncio Alexandre Henriques*, 1717, 1718, 1719 e 1721.
- Cartório Notarial de Tavira, *Livro do tabelião Agostinho de Andrade Pestana*, 1730.
- Cartório Notarial de Tavira, *Livro do tabelião Pedro Clemente do Carmo*, 1701.
- *Livro dos decretos e assentos mais particulares da ordem terceira de São Francisco de Faro*.
- *Livro das Posturas de Faro*, de 1728 a 1816.

#### Arquivo da igreja matriz de São Pedro de Faro

- *Livros da receita e despesa da confraria das Almas*, 1723-1724, 1724-1725, 1725-1726, 1726-1727, 1727-1728, 1728-1729 e 1729-1730.
- *Livro de Acórdãos da confraria do Santíssimo Sacramento de São Pedro de Faro*, de 1728 a 1807.
- *Rol dos confessados da igreja matriz de São Pedro da cidade de Faro. Ano de 1741*.

#### Arquivo da confraria das Almas da igreja da sé de Faro

- *Livro da receita e despesa da confraria das Almas*, 1719-1720.

#### Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro

- *Livro dos Acórdãos*, de 1712 a 1795.
- *Livro do inventário da ordem terceira do Carmo*, de 1714 a 1822.
- *Livro da receita e da despesa*, de 1720 a 1735.
- *Livro da Procissão da Quaresma*, 1731.
- *Livro da receita e da despesa*, de 1736 a 1759.
- *Livro do assento dos irmãos da ordem terceira do Carmo*, de 1712 a 1736.
- *Livro segundo do assento dos irmãos da ordem terceira do Carmo*, de 1736 a 1800.

#### Arquivo da ordem terceira de São Francisco de Faro

- *Livro da receita e da despesa de São Francisco*, 1715 a 1761.

#### Arquivo do Paço Episcopal de Faro

- *Livro para me governar no bispado*, de D. António Pereira da Silva (1704-1715).
- *Livro da visita da cidade de Faro e seu termo*, de 1705 - 1706.
- *Livro da visita da cidade de Faro e seu termo*, de 1711.

#### Arquivo Paroquial de Silves

- *Livro das Visitações da igreja matriz de Silves*, 1638 a 1742.
- *Livro da despesa da renda do pé do altar que as mesas, episcopal e capitular, devem a esta igreja de Silves*, de 1699 a 1739.

**Biblioteca Nacional de Lisboa**

- Reservados, Cod.55, *Livro da receita e despesa da irmandade de Nossa Senhora da Encarnação dos estudantes do colégio de Vila Nova de Portimão*, de 1717 a 1757.

**Bibliografia**

**DEL RIO JOÃO**, Martina (2021) - “O retábulo da capela do Santíssimo Sacramento da igreja paroquial de Estoi”, *Anais do Município de Faro*, vol. XLIII, pp. 255 a 269.

**JUSTINIANO**, Fátima (2016) - *As imagens da Paixão de Cristo da Procissão do Triunfo, das Veneráveis Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo no Brasil e seus antecedentes portugueses*, tese de doutoramento, Lisboa, policopiada.

**LAMEIRA**, Francisco (1987) - “Elementos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam a madeira em / para a cidade de Faro”, Separata dos *Anais do Município de Faro*, XVI, pp. 1 a 62.

**LAMEIRA**, Francisco (1994) - *Inventário artístico do Algarve. A talha e a imaginária. Concelho de Faro - 1ª Parte*, Faro.

**LAMEIRA**, Francisco (2000) - *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Faro.

**LAMEIRA**, Francisco (2001 - 2002) - “Documentos para a história do Algarve”, *Anais do Município de Faro*, XXX - XXXI, pp. 133 a 257.

**LAMEIRA**, Francisco (2002) - “A presença em Ayamonte de entalhadores e pintores algarvios”, *VI Jornadas de História de Ayamonte*, pp. 141 a 153.

**LAMEIRA**, Francisco (2005) - “A talha da sé (de Silves)”, *Monumentos. Revista semestral de Edifícios e Monumentos*, 23, pp. 100 a 105.

**LAMEIRA**, Francisco (2005 a) - “O retábulo em Portugal. Das origens ao declínio”, *Promontoria Monográfica História da Arte 01*, Faro.

**LAMEIRA**, Francisco (2006) - “O retábulo em Portugal. O Tardobarroco e o Rococó (c.1746-c. 1787)”, *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 4, Faro, pp. 353 a 376.

**LAMEIRA**, Francisco (2007) - “O retábulo no Algarve”, *Promontoria Monográfica História da Arte 03*, Faro.

**LAMEIRA**, Francisco (2020) - “Retábulos no Mundo Português”, *Promontoria Monográfica História da Arte 20*, Faro.

**LAMEIRA**, Francisco e **FALCÃO**, José António (2013) - “Retábulos na Diocese de Beja”, *Promontoria Monográfica História da Arte 05*, Faro.

**LAMEIRA**, Francisco e **GOULART**, Artur (2015) - “Retábulos na Arquidiocese de Évora”, *Promontoria Monográfica História da Arte 09*, Faro.

**PINHEIRO** e **ROSA**, José António (1984) - “A catedral do Algarve e o seu Cabido Sé em Faro”, 2, Sep. dos *Anais do Município de Faro*.

**SANTA MARIA**, frei Agostinho (1721) - *Santuário Mariano*, tomo VII, Lisboa.

**SANTOS**, Marco Sousa (2019) - *A Santa Casa da Misericórdia de Loulé*, Loulé.

**SIMÕES**, João Miguel (2005) - *A igreja de Nossa Senhora da Assunção de Mexilhoeira Grande*, Lisboa.

SMITH, Robert C. (1963) - “Três obras-primas da talha algarvia”, *Revista Shell*, 347, out. - dez., Lisboa.

VALADARES, Álvaro de (1949) - *Guia do visitante das igrejas de Faro*, Faro.



Faro. Igreja matriz de São Pedro..  
Pormenor do arco do retábulo das Almas.  
Manuel Martins. 1728.  
Foto Maria João del Rio.

## Apêndice Documental

Os critérios utilizados na transcrição documental foram os seguintes:

- Desdobraram-se as abreviaturas.
- Atualizou-se o uso de maiúsculas e minúsculas.
- Introduziram-se sinais de pontuação e de acentuação sempre que necessário.
- Ligaram-se e desligaram-se as palavras de acordo com a ortografia atual.
- Atualizou-se a grafia de algumas palavras.
- A leitura que foi impossível efetuar, geralmente devido ao mau estado dos documentos, foi indicada por (...).
- Os erros e repetições do tabelião foram assinalados por (sic).
- As interpretações de texto omissas no documento são indicadas entre parênteses.

### Índice dos documentos (relativos a Manuel Martins e depois a Gaspar Martins)

<b>Documento 1</b> - 1700, 17 de maio. Ajuste do retábulo principal da igreja de Nossa Senhora dos Pobres/Misericórdia, em Loulé.....	138
<b>Documento 2</b> - 1701, 3 de janeiro. Ajuste do retábulo da ordem terceira de São Francisco, em Tavira .....	140
<b>Documento 3</b> - 1711. Manuel Martins é denunciado por andar amancebado com a mulher do seu primo.....	142
<b>Documento 4</b> - Cerca de 1715; 1721 e 1781. Referências à capela do Santo Lenho, na igreja da sé, em Faro.....	144
<b>Documento 5</b> - 1717, 15 de junho. Ajuste do retábulo principal da igreja do colégio, em Portimão.....	144
<b>Documento 6</b> - 1718, 20 de agosto. Ajuste do retábulo de Nossa Senhora da Encarnação, na igreja do colégio, em Portimão.....	145
<b>Documento 7</b> - 1719, 15 de fevereiro. Ajuste de retábulo colateral na igreja do colégio, em Portimão.....	147
<b>Documento 8</b> - 1719, 15 de agosto. Ajuste da cornija em talha da igreja de São Francisco, em Faro.....	148
<b>Documento 9</b> - 1719 e seguintes. Despesas com o retábulo da capela das Almas, na igreja da sé.....	149
<b>Documento 10</b> - 1721, 17 de fevereiro. Ajuste do retábulo principal da igreja matriz de Portimão.....	149
<b>Documento 11</b> - 1721, 15 de agosto. Remodelação do retábulo principal da igreja de São Francisco, em Faro.....	150
<b>Documento 12</b> - 1723 e 1728, 6 de junho. Despesas com o retábulo e ajuste do <i>arco</i> em talha da capela das Almas, na igreja matriz de São Pedro, em Faro.....	151

Documento 13 - 1724, 12 de maio. Despesa com a imagem de Nossa Senhora do Carmo, em Faro.....	153
Documento 14 - 1724, 28 de dezembro. Ajuste do retábulo de Santa Bárbara, na igreja do colégio, em Faro.....	153
Documento 15 - 1728, 11 de agosto. Ajuste do retábulo principal da igreja matriz de Querença.....	155
Documento 16 - 1731, 9 de maio. Despesa com as imagens da procissão do Triunfo, em Faro.....	156
Documento 17 - 1732, 8 de junho e 23 de agosto. Ajuste dos nichos em talha, na igreja de São Francisco, em Faro.....	157
Documento 18 - 1732, 14 de novembro. Ajuste do trono em talha da igreja do Pé da Cruz, em Faro.....	159
Documento 19 - 1735, 20 de agosto e anos seguintes. Ajuste e despesas do retábulo da capela-mor da igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro.....	160
Documento 20 - 1741. Ajuste do retábulo de Santa Teresa, na igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro.....	164
Documento 21 - 1741, 14 de setembro. Ajuste do retábulo principal da ermida de Santo António, em Faro.....	165
Documento 22 - 1741. Manuel Martins e a família confessam-se na Quaresma, na igreja matriz de São Pedro, em Faro.....	166
Documento 23 - 1742, 5 de setembro. Testamento de Manuel Martins.....	167
Documento 24 - 1699, 1702 e 1708. Indicações dadas nas visitas à igreja matriz de Silves relativas à feitura do retábulo da capela do Santíssimo .....	168
Documento 25 - 1703 a 1709. Pagamentos efetuados por conta da feitura do retábulo da capela do Santíssimo da igreja da Sé de Silves.....	169
Documento 26 - 1705. Gaspar Martins testemunha na devassa feita pelo bispo D. António Pereira da Silva contra o seu irmão, Manuel Martins.....	169
Documento 27 - 1706. Escritura de obrigação para ajuste do retábulo de uma capela na igreja da sé de Silves.....	170
Documento 28 - 1709. Pagamento efetuado, em 1709, pela feitura da imagem de Nossa Senhora da Conceição para a igreja da sé de Silves.....	171
Documento 29 - 1712. Gaspar Martins inscreve-se como irmão da ordem terceira do Carmo em Faro.....	171
Documento 30 - 1716. Contrato para a execução do retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora da Piedade de Loulé.....	172
Documento 31 - 1718. Ajuste do retábulo da ermida de Santo António de Lagos.....	173
Documento 32 - 1722. Obrigação notarial para Gaspar Martins ensinar de ofício de entalhador.....	175

- Documento 33** - 1726. Escritura para a execução do retábulo das Almas e as imagens de Santa Bárbara e São Gregório para a igreja matriz de Estoi.....176
- Documento 34** - 1728. Posturas camarárias respeitantes aos oficiais mecânicos de Faro..... 177
- Documento 35** - 1730. Ajuste do retábulo de Nossa Senhora do Carmo, na igreja conventual dos eremitas de São Paulo, em Tavira..... 177
- Documento 36** - 1734. Contrato para a feitura do retábulo do Santíssimo na igreja matriz de São Pedro, em Faro..... 180
- Documento 37** - 1734/1735. Pagamento pela execução de dois santos para a ordem terceira de São Francisco de Faro.....181
- Documento 38** - 1735. Pagamento pela feitura do risco do retábulo-mor da igreja da ordem terceira do Carmo.....181
- Documento 39** - 1736 e 1738. Documentos relativos à execução do retábulo da capela do Santíssimo da igreja matriz de São Pedro de Faro.....181
- Documento 40** - 1740. Ajuste para a execução do retábulo da ermida de São Roque de Faro.....183
- Documento 41** - 1742. Contrato para a remodelação do retábulo da ordem terceira de São Francisco de Tavira.....184
- Documento 42** - 1747. Ajuste de contas entre a viúva de Gaspar Martins e o seu compadre João Baptista..... 186



Lagos. Igreja de Santo António. Pormenor do retábulo-mor.  
Foto J. Costa - Município de Lagos.

## Documento 1



1700, 17 de maio. Ajuste do retábulo principal da igreja de Nossa Senhora dos Pobres/Misericórdia, em Loulé.

*Saibam quantos este público instrumento de obrigação de fazer um retábulo virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1700, sendo aos 17 dias do mês de maio do dito ano, nesta cidade de Faro e pousadas de mim, tabelião, ao diante nomeado, pareceram e foram presentes o irmão frei Afonso, leigo agostinho descalço, procurador bastante que mostrou ser do convento de Nossa Senhora dos Pobres da vila de Loulé, como contém na procuração feita por mão do reverendo padre presidente do dito convento, frei Guilherme de Santa Maria e assinado por ele e por frei Constantino da Anunciação (...) da dita ordem de Santo Agostinho, descalços, do dito convento e bem assim estava presente João Batista, imaginário e morador nesta cidade, pessoas que eu, tabelião, bem conheço e dou fé serem os que por aqui nomeados e em casa do dito João Batista estava sua mulher Maria da Encarnação, a qual eu, tabelião, lhe fiz tomar sua outorga e consentimento para a presente escritura de obrigação e logo por ele, dito João Batista, me foi dito a mim, tabelião, presentes as testemunhas no fim desta nomeadas e assinadas, que ele estava contratado com os sobreditos reverendos padres frei Guilherme de Santa Maria, presidente da Casa de Nossa Senhora dos Pobres da notável vila de Loulé e com frei Constantino da Anunciação, religiosos agostinhos descalços, para lhes fazer um retábulo para a capela maior da dita igreja de Nossa Senhora dos Pobres, com seu sacrário no banco e com colunas salomónicas nos lados e cordões também salomónicos, na volta do arco da tribuna, a qual há de constar de uma árvore contendo ramos, folhas e flores proporcionadas, tudo de talha moderna e primorosa, tendo dentro na tribuna por cima da árvore uma coroa imperial que sustem dois anjos, cada um de seu lado e tudo o mais que está no debuxo e na planta que se fez para este trono e ele, dito mestre João Baptista, se obriga a fazê-lo assim, na mesma forma acima dita e de não meter outra nenhuma madeira na dita obra mais que de bordo e castanho, ficando também de assentar a dita obra na capela de Nossa Senhora dos Pobres por sua conta, dele dito mestre e por conta dos sobreditos reverendos padres mandá-la levar desta cidade para a dita cidade de Loulé e a darem as escápulas necessárias e mais ferragem das portas da tribuna e cavalgaduras para os oficiais e isto por conta dos ditos religiosos e o preço em que os ditos religiosos tinham ajustado com ele, dito mestre, por toda a dita obra, a saber madeiras, pregaria e grude e dias de trabalho são 175\$000 réis, dos quais cobrou logo ele, dito mestre João Baptista, perante mim, tabelião e testemunhas, da mão e do poder do dito reverendo irmão frei Afonso de São José, procurador dos ditos contribuintes, 75\$000 réis todo em dinheiro de contado e de boa moeda, corrente neste Reino de Portugal, sem falta, quebra,*

diminuição alguma e os 100\$000 réis que falta para o dito ajuste, estando a dita obra acabada e assentada na dita igreja de Nossa Senhora dos Pobres da vila de Loulé, lhe acabarão de satisfazer os ditos 100\$000 réis que ficam restando e se obriga ele, dito mestre, a dar assentado o dito retábulo na dita igreja na forma acima dita, por todo o mês de novembro próximo que vem desta presenta era de 1700 e se obriga a não faltar a tudo acima dito, sob a obrigação de sua pessoa e todos os seus bens, móveis como de raiz, havidos e por haver, donde quer que forem havidos e achados e pelo melhor parado de todo eles e a mesma obrigação foi dita por sua mulher e não reclamar esta escritura de obrigação que o dito seu marido tem feito(..) se não a tudo lhe dar cumprimento de sua parte e logo pelo dito reverendo irmão frei Afonso de São José, Procurador da dita Casa de Nossa Senhora dos Pobres, foi dito antes as mesmas testemunhas que ele, em nome dos seus constituintes, os reverendos padres fazem tudo de sua procuração, se obrigam pelos bens e rendas da dita Casa de Nossa Senhora dos Pobres e que estando a dita obra acabada do retábulo e tribuna e sendo assentada como dito é, logo entregarão ao dito mestre João Baptista os ditos 100\$000 réis que se lhe fica restando para os ditos 175\$000 réis em que estavam ajustados e se tinha feito o dito ajuste e contrato nesta escritura declarada, a que tudo seus contribuintes darão cumprimento tanto à do presente como à que lhe sucederem, a qual escritura ele, constituído, consentiu e assinou que em tudo de sua procuração que diz o seguinte: frei Guilherme de Santa Maria, presidente dos religiosos agostinhos descalços que assistem na Casa de Nossa Senhora do Pobres da vila de Loulé, junto com o padre Constantino da Anunciação, fazemos nosso procurador bastante ao irmão frei Afonso de São José para que, em nosso nome, assine um contrato que houvera apalavrado com o senhor João Baptista, mestre entalhador, morador na cidade de Faro, em ordem a fazer um retábulo e tribuna para a capela maior de Nossa Senhora dos Pobres, conforme o debuxo e planta que para este efeito se fez e para que se reduza a forma pública o dito contrato, lhe damos todos os poderes necessários, Loulé, 6 de maio de 1700 – frei Guilherme de Santa Maria, presidente – frei Constantino da Anunciação – Manuel Mendes Neto, tabelião de Notas nesta notável vila de Loulé e seu termo, certifico e faço inteira fé e crédito para a letra de procuração acima e sinal junto ao pé dele é do muito reverendo frei Guilherme de Santa Maria, presidente da igreja de Nossa Senhora do Pobres e provedor do Hospital Real, com o outro sinal abaixo do reverendo padre frei Constantino da Anunciação, morador no dito convento, o qual conheço a dita letra e sinais como tais, reconheço por me escrever muitas vezes, o que em fé aqui me assinei do meu público sinal tal é, hoje 6 de maio de 1700 – lugar do público – em fé e testemunho de verdade. E não contém mais a dita procuração, que toda qui traslado como fielmente na verdade sem coisa que duvide para a qual me reporto em todo que a tornei a entregar ao dito mestre João Baptista, que dou fé e reconheço a letra do dito tabelião e assim querem e são contentes que esta escritura em tudo

*se cumpra e guarde e seja firme e valiosa e da maneira que nela se contém e na melhor que em direito se possa e lugar haja para validade, à qual eu, tabelião, fiz a seus rogos em fé e testemunho de verdade, assim outorgaram, assinaram e aceitaram e eu, tabelião, por quem tocar ausente e presente e a rogo da sobredita Maria da Encarnação assinou António Lopes Valada, filho de mim, tabelião, por ela assim o pedir e não saber escrever, como testemunha e as mais estavam presentes Domingos (..) e Manuel Tavares, o moço, todos desta cidade que assinaram e eu, Manuel Lopes Valada, o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro de Notas do tabelião Manuel Lopes Valada, 1700, fls. 145 a 146 vº; LAMEIRA, 2000, pp. 377 a 379).*

## Documento 2

1701, 3 de janeiro. Ajuste do retábulo da ordem terceira de São Francisco, em Tavira.

*Contrato: João Batista, escultor, com os irmãos da ordem terceira, para efeito de fazer o retábulo para a sua capela.*

*Saibam quantos esta escritura de contrato e obrigação virem que, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1701 anos, sendo aos 3 dias do mês de janeiro do dito ano, nesta cidade de Tavira, no convento do seráfico padre São Francisco, em a sacristia da venerável ordem terceira, estando aí presentes o Dr. António de Sousa Coelho, que de presente serve de ministro da dita venerável ordem, com o secretário e mais definidores, síndico e vigário do culto divino e sacristãos dela e de sua capela, desta cidade, abaixo assinados, como oficiais atuais, dum parte e de outra João Batista, oficial de escultor e entalhador, morador na cidade de Faro e ora estando nesta, aos quais eu, tabelião, conheço e dou fé serem os mesmos contraentes aqui nomeados e logo por ele, dito João Batista, que presente estava, foi dito e outorgado, em presença de mim, tabelião e testemunhas abaixo assinadas, que era verdade que ele estava contratado e ajustado com os ditos oficiais atuais da venerável ordem terceira a lhes fazer um retábulo para a dita sua capela, de pau de bordo e castanho, tudo conforme for necessário de um e outro, pelo rascunho que lhes havia feito, que ora lhe tornaram a entregar, assinados todos nas costas do dito rascunho para o trazer outra vez, quando vier assentar o dito retábulo, para se conferir com ele, com condição de lho dar feito deste dia a um ano completo, pondo toda a madeira de bordo e castanho que for necessária para ele, à custa dele, dito contraente e só a condução do dito retábulo da cidade de Faro para esta será por conta da dita venerável ordem terceira e ele contraente será obrigado a pô-lo na dita sua capela e deixá-lo de todo perfeito, sem falta alguma e conforme o dito rascunho e isto em preço de 210\$000 réis que lhe dão do feitio e pela madeira toda que nele há de gastar, dos quais 210\$000 réis*

*lhe deram logo 30\$000 que, ao assinar desta escritura, perante mim, tabelião e das testemunhas abaixo assinadas, recebeu logo, com efeito, em dinheiro, da mão do dito síndico da dita ordem e 80\$000 réis até ao mês de setembro deste presente ano e sendo caso que lhe sejam necessários 30 ou 40\$000 réis antes, para comprar alguma madeira, tendo-os a dita venerável ordem terceira, eles, ditos oficiais, serão obrigados a lhos darem, para que com toda a suavidade possa fazer a dita obra e os 100\$000 réis que faltam, lhos darão depois do dito retábulo assentado, a seis meses, todos juntos e por assim ter ajustado este dito contrato de sua livre vontade, sem confrangimento de pessoa alguma e muito a seu contento e bondade se obriga ele, dito contraente, a fazer, digo, por sua pessoa e por mais todos os seus bens, móveis e de raiz, havidos e por haver e de seus herdeiros, a fazer o dito retábulo dentro neste dito ano conforme o dito rascunho, todo perfeito e assentado na dita capela sem ter falta alguma e tendo-a a emendará à sua custa sem que fique com imperfeição alguma, em preço dos ditos 210\$000 réis, pagos nos pagamentos atrás declarados e a cumprir este contrato com todas as suas cláusulas, condições e obrigações e tendo alguma dúvida, nele quer responder perante as justiças desta cidade e para isso fez desaforo do juiz do seu próprio foro e não será ouvido em juízo nem fora dele sem primeiro o cumprir inteiramente porque desde logo para todo o sempre o renunciou a qualquer privilégio que tenha, férias gerais, particulares e contas do reino e em especial o privilégio de ser morador nas terras da senhora rainha que Deus tem e de nada queria usar nem gozar, sob pena de que fazendo o contrário pagará à dita venerável ordem terceira todas as perdas e danos com todos os custos e gastos que, de lhe faltar a este contrato, se lhe seguirem e em especial todo o dinheiro que tiver recebido e logo pelos ditos oficiais contraentes foi dito perante mim, tabelião e testemunhas, que eles quanto em direito se requer, em nome da venerável ordem terceira aceitavam este dito contrato e se obrigavam por todos os foros e rendas dela, havidos e por haver e quando estes não bastem por suas pessoas e bens (...) que a cada um tocar a fazer os ditos pagamentos atrás declarados ao dito contraente João Batista, pontualmente, sob pena de lhe pagarem com todos os custos e gastos, perdas e danos que em sua arrecadação fizer e tiver e desta maneira eles, ditos contraentes, todos de uma parte e de outra houveram este dito contrato por firme e valioso na melhor e mais firme parte de direito em que mais valer possa, renunciando-lhe todas as nulidades que contra ele se possam alegar e prometeram de nunca o poderem reclamar antes de o cumprirem, assim e da maneira que se nele consta, sem a nada terem dúvida ou embargo algum e em testemunho de verdade todos o assim outorgaram uniformemente e mandaram ser feita esta escritura de contrato e obrigação, por eles todos, outorgado e assinado com testemunhas que foram presentes e declarou ele, dito contraente, que o Seráfico Padre São Francisco ficará dentro na tribuna, tendo esta de fundo quatro palmos e que os dois nichos do retábulo serão para os dois santos grandes, com testemunhas que foram presentes o capitão*

*Lourenço de Mendonça do Vale e Manuel de Amorim, alcaide e Cristóvão da Silva Pereira, criado de António Correia da Franca, moradores nesta dita cidade e eu, Pedro Clemente do Carmo, tabelião de notas, que o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Tavira, Livro do tabelião Pedro Clemente do Carmo, 1701, fls. 141 e 141 vº; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 244 a 246).*

### Documento 3

1711. Manuel Martins é denunciado por andar amancebado com a mulher do seu primo.

*Vicente Martins, casado com Beatriz de Oliveira, oficial de carpinteiro, morador nesta cidade, na Rua de Luís Álvares Ribeiro, de idade de 27 anos, pouco mais ou menos, jurado aos Santos Evangelhos, sob cargo do qual prometeu dizer verdade no que fosse perguntado e de guardar segredo.*

*Disse que na Rua dos Capuchos mora Manuel Martins, solteiro, escultor, filho de Amaro Martins, mareante, já defunto e de Maria da Conceição, o qual haverá mais de três anos que anda amancebado com Catarina de Belém, casada com Gonçalo dos Reis, soldado do terço velho e é moradora na Rua de Luís Álvares, o que eles testemunha sabe por ser público e notório e por ele ser visto entrar muitas vezes em tal casa, de dia e de noite e dormir lá algumas noites e além disso porque é seu irmão e sabe o estado em que anda e o tem repreendido muitas vezes. (Arquivo do Paço Episcopal de Faro, Livro da visita da cidade de Faro e seu termo, de 1711, fls.43 vº e 44).*

*João Moreira, oficial de barbeiro, casado com Catarina Martins, morador nesta cidade, na Rua dos Capuchos, de idade de 46 anos pouco mais ou menos, jurado aos Santos Evangelhos (...) disse que na Rua de Luís Álvares Ribeiro mora Catarina de Belém, casada com Gaspar dos Reis, soldado que está no Alentejo, o qual é público e notório que anda amancebada com Manuel Martins, escultor e que esta amizade dura há muito tempo e suposto que ele, testemunha, o não viu entrar de noite na casa da dita Catarina de Belém, o viu entrar de dia e é pública esta amizade (Id., ib., fls. 49 e 49 vº).*

*Manuel da Costa, homem do mar, casado com Joana Madeira, morador nesta cidade, na Rua do Capitão Luís Álvares Ribeiro, de idade de 50 anos pouco mais ou menos, jurado aos Santos Evangelhos (...) disse que na rua mora Catarina de Belém, casada com Gaspar dos Reis, soldado que está no Alentejo, a qual anda amancebada com um homem viúvo, não sabe de quem e é filho de Vicente Dias, sapateiro, que mora na Rua da Sapataria, o que ele testemunha sabe por ver entrar o dito homem em casa da dita Catarina de Belém, assim de dia como de noite fora de horas e que também entra na mesma casa Manuel Martins, escultor, porém quem mais vezes entra é o filho de Vicente Dias, o que se murmura na rua (Id., ib., fl. 50).*

*Manuel Martins, oficial de escultor, casado, digo solteiro, filho de Amaro Martins, mareante, já defunto e de Maria da Conceição, morador nesta cidade, na Rua dos Capuchos, de idade de 46 anos pouco mais ou menos, jurado aos Santos Evangelhos, sob cargo do qual prometeu dizer verdade no que fosse perguntado e de guardar segredo. E perguntado ele testemunha devassa (...) pelos interrogatórios da visita, que todos lhe foram lidos e declarados disse nada e assinou com Sua Ilustríssima e eu, Manuel Pereira, escrivão da câmara, que o escrevi. O Bispo. Manuel Martins. (Idem, ib., fl. 51 vº).*

*Manuel Belo, homem do mar, casado com Margarida Gonçalves, morador nesta cidade, de idade de 38 anos pouco mais ou menos, jurado aos Santos Evangelhos (...) disse que ouviu dizer que Manuel Martins, imaginário, anda amancebado com Catarina de Belém, mulher de Gaspar dos Reis, que mora junto dele, testemunha e ele o tem visto entrar em sua casa (Idem, ib., fls. 55 vº e 56).*

*Manuel da Costa, homem do mar, casado com Maria da Rosa, morador nesta cidade, na Rua da Carreira, de idade de 25 anos pouco mais ou menos, jurado aos Santos Evangelhos (...) disse que na Rua do Forno de Luís Álvares Ribeiro, mora Catarina de Belém, casada com Gaspar dos Reis, soldado que está no Alentejo, a qual anda amancebada com Mateus Gonçalves, trabalhador viúvo, morador na Rua da Viola, o que ele, testemunha sabe por ouvir dizer, como também pelo ouvir, digo pelo ver entrar de dia e de noite na casa da dita Catarina de Belém, por que sem embargo do que ele, testemunha não mora na rua, mas mora seu pai Manuel da Costa, onde ele testemunha vai (...) disse mais que também em casa da dita Catarina de Belém entrava Manuel Martins, escultor, solteiro, morador na Rua dos Capuchos, porém ouviu dizer que houve diferença ele, o dito Mateus Gonçalves e a dita Catarina de Belém, pelo que ele, testemunha, entende devia prevalecer o dito Mateus Gonçalves porque é ele o que entra mais amiúde e o dito Manuel Martins entra poucas vezes e mais não disse (Idem, ib., fls. 57 vº e 58).*

*Obriga esta devassa a Manuel Martins, escultor, morador na Rua dos Capuchos, filho de Amaro Martins, mareante, já defunto e de Maria da Conceição, o que terá termo de segundo lapso com Catarina de Belém, casada com Gonçalo dos Reis, soldado do terço velho, moradora na Rua de Luís Álvares e será condenado em 2\$000 réis (Idem, de 1711, fl. s/ nº).*

*Obriga esta devassa a Catarina de Belém, casada com Gonçalo dos Reis, soldado do terço velho, moradora na Rua de Luís Álvares, o que terá termo de segundo lapso com Manuel Martins, escultor, solteiro, filho de Amaro Martins, mareante, já defunto e de Maria da Conceição, morador na Rua dos Capuchos e será condenada em 1\$600 réis (Idem, de 1711, fl. s/ nº).*

## Documento 4

Cerca de 1715; 1721 e 1781. Referências à capela do Santo Lenho, na igreja da sé, em Faro.

*Da parte da Epístola está uma capela que estou fazendo e há de ser da invocação do Santo Lenho (Arquivo do Paço Episcopal de Faro, Livro para me governar no bispado, de 1704 a 1715, fl. 331).*

*Outra capela vi, indo ver aquela cidade (Faro), que mandou fazer o ilustríssimo D. António Pereira da Silva, que ainda estava em preto e depois de dourada ficará muito vistosa e será de grande ornato para aquela santa igreja (SANTA MARIA, 1721, p. 385).*

*Em 1781, é o arcediogo da sé, ao tempo o Dr. José Dias de Sousa Rosado, que a troco de lhe darem sepultura na dita capela, pede e obtém licença para orná-la e nela colocar a imagem de São Francisco de Paula, entregando logo para princípio à obra 256\$000 réis (VALADARES, 1949, p. 34).*

## Documento 5

1717, 15 de junho. Ajuste do retábulo principal da igreja do colégio, em Portimão.

*Escritura de contrato de obra que fizeram o reverendo padre Sebastião de Mira, reitor do colégio desta vila com Manuel Martins, mestre entalhador, morador em Faro.*

*Saibam quantos este público instrumento de escritura de contrato virem que, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1717 anos, aos 15 dias do mês de junho, nesta Vila Nova de Portimão e casas de morada de mim, tabelião, pareceram e foram presentes, de uma parte o reverendo padre Sebastião Mira, reitor do colégio dos padres da Companhia desta vila e de outra Manuel Martins, mestre entalhador, morador na cidade de Faro, pessoas conhecidas de mim, tabelião, que dou fé serem os próprios por que aqui se nomeiam e logo pelo mestre Manuel Martins foi dito, ante as testemunhas ao diante escritas e assinadas, que ele se tem contratado com o dito reverendo padre reitor do dito colégio, a lhe fazer um retábulo para a capela mor do dito colégio, o qual há de ser ressaltado, com trono, sacrário e com forramento no camarim e tribuna, tudo muito bem feito, a contentamento do dito padre, cuja obra há de começar logo que cesse o impedimento de outro retábulo que tem em Tavira e o há de findar por todo o mês de dezembro deste presente ano, cominação de que se assim o não acabar no dito tempo, perderá 50\$000 do preço porque se tem ajustado, que abaixo se declara e da dita obra não levantará mão e por cada dia que deixar de trabalhar nela perderá 500 réis que outrossim lhe serão descontados*

*do preço da mesma obra e porque parte do dito retábulo tem tenção de fazer na cidade de Faro, se obriga outrossim, vir para esta vila, acabada parte da dita obra até 15 de outubro deste mesmo ano e que a madeira que quiser levar para em Faro fazer parte do dito retábulo, a condução dela, assim desta vila para a dita cidade como desta para esta vila e portagem não será por sua conta como também o embarque dela e isto por preço certo e logo declarado de 270\$000 e duas moedas de ouro para ajuda do grude e ferragens, sem mais coisa alguma, cujo pagamento se lhe há de fazer em três quartéis, a saber, o primeiro tanto que ao dito reverendo reitor constar que ele, com assistência de seis oficiais, trabalharem na dita obra, o segundo no meio da fatura e o terceiro tão só que feito e assentado estiver o dito retábulo, a contentamento do dito padre, com declaração que toda a madeira, que para a dita obra for necessária, a dará pronta nesta vila o dito padre reitor por sua conta, fora o preço porque se tem ajustado e logo pelo dito padre reitor foi dito que aceita as condições postas e declaradas nesta escritura e se obriga a dar a dita madeira para o retábulo na forma que o dito é e fazer pagamentos dos ditos 270\$000 réis na forma acima declarada e assim um e outro o prometeram e se obrigaram, a nunca, em nenhum tempo que seja, irem contra esta escritura, em parte nem em todo, em juízo nem fora dele, antes a haviam sempre por boa, firme e válida e nunca reclamariam e que obriga o dito Manuel Martins sua pessoa e bens, móveis e de raiz, presentes e futuros e o mais bem parado deles e o dito padre reitor os bens e rendimentos do dito colégio e em testemunho de verdade assim o outorgaram e nesta nota mandaram fazer este instrumento, que apresentaram e assinaram, com as testemunhas Diogo Gonçalves Henriques e António Carrilhão e eu, Florêncio Alexandre Henriques, o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Portimão, Livro do tabelião Florêncio Alexandre Henriques, 1717, fls. 130 e vº; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 232 a 234).*

## Documento 6

1718, 20 de agosto. Ajuste do retábulo de Nossa Senhora da Encarnação, na igreja do colégio, em Portimão.

*Escritura de contrato de obra que faz Manuel Martins, mestre entalhador com o reverendo padre prefeito e mais irmãos da irmandade de Nossa Senhora da Encarnação.*

*Saibam quantos este público instrumento de contrato de obra e obrigação virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1718, aos 20 dias do mês de agosto, nesta Vila Nova de Portimão e colégio de São Francisco Xavier, dos reverendos padres da Companhia desta vila, sendo ali presentes de uma parte o reverendo padre Sebastião de Mira, prefeito no mesmo colégio e protetor da*

*irmandade de Nossa Senhora da Encarnação e o reitor da mesma, Gaspar Simões de Sarre, o padre Manuel Luís, escrivão e tesoureiro, irmãos Simão Coelho e António Félix e de outra Manuel Martins, mestre entalhador, morador na cidade de Faro e ora estando nesta vila, todos pessoas conhecidas de mim, tabelião, que dou fé serem os próprios porque aqui se nomeiam e logo pelo dito mestre Manuel Martins, entalhador, foi dito, ante as testemunhas ao diante nomeadas e assinadas, que ele se tem contratado com o dito reverendo padre protetor e com o dito reitor e mais pessoas acima nomeadas, a lhes fazer um retábulo para a capela de Nossa Senhora da Encarnação do dito colégio, com as circunstâncias e condições seguintes: que a dita confraria será obrigada a dar-lhe toda a madeira necessária para o dito retábulo, posta à sua custa, da mesma confraria, na cidade de Faro, donde há de fazer o dito retábulo como também quando estiver feito e o quiser vir assentar, será o carroto do dito retábulo, de Faro para esta vila, por conta da mesma confraria e que o dito retábulo seja com aquela perfeição de talha que ele costuma fazer as suas obras e fez o retábulo da capela mor do mesmo colégio, metendo nesta obra todas as figuras que ele pedir e tudo por preço certo e logo declarado de 90\$000, que serão pagos a ele, digo, em três quartéis, a saber, o primeiro tanto que der princípio à dita obra, o segundo estando feita a metade dele e o terceiro tanto que a dita obra for acabada, que será até ao fim de junho do ano que embora vier de 1719, o qual retábulo se obriga vir assentar ele mesmo, a esta dita capela, até o referido tempo e logo pelo dito padre protetor, reitor e mais irmãos foi dito que eles aceitavam as condições postas nesta escritura de feição do dito retábulo e feito como dito é, se obrigam a todas as condições, assim a da madeira e carroto dela até à cidade de Faro e de Faro para esta vila e a fazer pagamentos dela na conformidade acima declarada e uns e outro assim o prometeram e se obrigaram, a nunca em tempo nenhum que seja, irem contra esta escritura, em parte nem em toda, em juízo nem fora dele, antes a haviam sempre por boa, firme e valiosa e nunca a reclamarem, a que ao cumprimento dela obrigou o dito Manuel Martins todos os seus bens, móveis e de raiz, presentes e futuros e o mais bem parado deles e o dito protetor e mais irmãos e o reitor obrigaram os bens e rendimentos da dita irmandade e em testemunho de verdade assim o outorgaram e nesta Nota mandaram fazer esta escritura que presente aceitaram e assinaram com as testemunhas presentes Diogo Gonçalves Henriques e Manuel Fernandes Marracho, moradores nesta vila e eu, Florêncio Alexandre Henriques, o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Portimão, Livro do tabelião Florêncio Alexandre Henriques, 1718, fls. 76 a 77 e LAMEIRA, 2001 -2002, pp. 234 e 235).*

*Despendeu com o mestre entalhador Manuel Martins à conta do preço do retábulo, 45\$000 réis (Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, Cod.55, Livro da receita e despesa da irmandade de Nossa Senhora da Encarnação dos estudantes do colégio de Vila Nova de Portimão, de 1717 a 1757,*

1718, fl. 3).

## Documento 7

1719, 15 de fevereiro. Ajuste de retábulo colateral na igreja do colégio, em Portimão.

*Escritura de contrato de obra que fizeram o reverendo padre reitor do colégio desta vila com Manuel Martins, mestre entalhador, morador em Faro.*

*Saibam quantos este público instrumento de contrato de obra e obrigação virem que, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1719, aos 15 dias do mês de fevereiro do dito ano, nesta Vila Nova de Portimão e colégio dos reverendos padres da Companhia, dela, sendo aí presentes de uma parte o reverendo padre João Ferraz Reis Lopes, reitor e procurador do mesmo colégio e da outra Manuel Martins, mestre entalhador e morador na cidade de Faro, todas pessoas conhecidas de mim, tabelião, que dou fé serem os próprios por que aqui se nomeiam e logo por um e outro foi dito, todos juntos e cada um per si in solidum, ante as testemunhas ao diante escritas e no fim desta assinadas, que eles estavam ajustados a que o dito mestre, digo ajustado com o dito mestre Manuel Martins para este lhes fazer o retábulo da capela colateral da parte do Evangelho da igreja do dito colégio com as condições seguintes: que leve entalhado e em tudo corresponde ao que o mesmo há de fazer no outro colateral, que é da capela de Nossa Senhora da Encarnação como constara da escritura da mesma obrigação que fez para fazer o retábulo da capela da dita Senhora e que este retábulo colateral da parte do Evangelho terá um sacrário competente à obra do mesmo retábulo e em cima do dito sacrário terá um remate para se pôr o menino Jesus, em que será ajustado o dito retábulo da fatura desta escritura a um ano e não levantará mão da obra dele nem se divertirá em outra alguma obra, sob pena de perder do preço desta mesma obra 20\$000, o qual preço tem ajustado de 110\$000 e além destes, mais 2\$000 para ajuda dos pregos e escápulas, como também lhe porão à sua custa na cidade de Faro toda a madeira que for necessária para a dita obra e a condução e gasto que fizer o dito retábulo da dita cidade para esta vila também será por conta do dito colégio e que o pagamento dos ditos 110\$000 se fará, a saber 40\$000 logo ao fazer e assinar desta escritura e o resto que falta para os ditos 110\$000 se lhe dará assentada e acabada, digo se lhe dará acabada e assentada que seja a dita obra, o que por estes foi dito se tinham contratado com o dito Manuel Martins, pelo qual foi dito que ele aceitava todo o contratado nesta escritura e se obrigava a fazer o dito retábulo com todas as cláusulas e condições acima declaradas e por haver já recebido os ditos 40\$000 em princípio de paga dos 110\$000, por que contratado tem o dito retábulo, dava como logo com efeito deu aos ditos padres do colégio por quites e livres dos ditos 40\$000 e se obrigava um e outro*

*a nunca em tempo algum irem contra esta escritura, em parte nem em todo, em juízo nem fora dele, antes a acham sempre por boa, firme e valiosa e para cumprimento dela se obrigavam, os ditos reverendos padres, os bens e rendas do dito colégio, o dito Manuel Martins todos seus bens, móveis e de raiz, presentes e futuros e o mais bem parado deles e em testemunho de verdade assim outorgaram e nesta Nota mandaram fazer esta escritura que, presentes, aceitaram e assinaram com as testemunhas presentes: Diogo Gonçalves Henriques e declararam os contraentes que os sobreditos 40\$000 nem se deram nem se darão senão quando principiar a dita obra e assinaram com as ditas testemunhas, estavam presentes, Pedro Gomes de Almeida e eu, Florêncio Alexandre Henriques, o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Portimão, Livro do tabelião Florêncio Alexandre Henriques, 1719, fls. 129 a 130 vº; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 235 a 237).*

## Documento 8

1719, 15 de agosto. Ajuste da cornija em talha da igreja de São Francisco, em Faro.

*Assento que se fez da obra da cornija e reformação do retábulo sendo ministro o Dr. Manuel de Sousa Teixeira, vigário-geral deste bispado e comissário frei José das Brotas.*

*Aos 15 dias no mês de agosto de 1719, estando ali congregados em mesa o reverendo padre comissário frei José das Brotas e ministro o reverendo Dr. Manuel de Sousa Teixeira e mais deputados da mesa e entre todos ajustaram ser muito conveniente, para maior glória e honra de Deus e do Nosso Patriarca São Francisco, uma cornija em roda da capela para dividir a obra do azulejo, porque assim ficaria mais realçada a dita obra do azulejo e como pareceu justo, tanto para a grandeza da mesma capela quanto para incitar os ânimos dos fiéis a maior devoção, se determinaram a dar logo princípio à dita obra para o que foi chamado Manuel Martins, oficial de entalhador e escultor famoso e foi ajustada a dita obra pelo dito Manuel Martins, só de suas mãos 180\$000 réis. Madeiras, carros e todos os mais aprestos importaram em 73\$660 réis, que tudo se satisfez com grande pontualidade e a respeito dessa mesma obra ficou reeleita outra vez a mesma mesa segundo ano, que, foi o ano de 1720 para o de 1721, no qual ano não só se acabou aquela dita obra senão que se principiou segunda, que é reformação do retábulo, a qual só das mãos do entalhador se deu 80\$000 réis, porque a madeira para a dita obra deu o nosso irmão D. José da Gama, exceto a dos dois anjos grandes que estão no meio, a madeira para eles custou 3\$120 réis, que tudo importa em 83\$120 réis e para que a todo o tempo conste fiz este assento. Faro, 20 de janeiro de 1722. O beneficiado Duarte Martins da Costa, secretário da ordem. (Arquivo Municipal de Faro, Livro dos decretos e assentos mais particulares da ordem tercei-*

ra de São Francisco de Faro, fl. 29; LAMEIRA, 1987, p. 55).

### Documento 9

1719 e seguintes. Despesas com o retábulo das Almas, na igreja da sé, em Faro.

*Despendeu com o imaginário Manuel Martins à conta do retábulo: 20\$000 réis.*

*Despendeu com Manuel Martins, imaginário, por conta do que se lhe devia do retábulo, como consta do seu recibo: 50\$000 réis.*

*Despendeu com Manuel Martins, imaginário, do resto do retábulo: 41\$200 réis (Arquivo da Confraria das Almas da Sé, Livros da receita e da despesa, 1719-1720, fl.94, 1720 - 1721, fls.101 e 107; LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 151).*

### Documento 10

1721, 17 de fevereiro. Ajuste do retábulo principal da igreja matriz de Portimão.

*Escritura de contrato de obra que fez o muito reverendo prior António de Oliveira de Azevedo com Manuel Martins, mestre entalhador, morador em Faro.*

*Saibam quantos este público instrumento de escritura de contrato e obrigação virem que, no ano de nascimento de Nosso senhor Jesus Cristo de 1721 anos, aos 17 dias do mês de fevereiro do dito ano, nesta vila de Portimão e casas do reverendo prior desta, António de Oliveira de Azevedo, sendo eu aí presente, de uma parte e de outra Manuel Martins, entalhador, morador na cidade de Faro, ambos pessoas conhecidas de mim, tabelião, que dou fé serem os próprios porque aqui se nomeiam, logo pelo dito Manuel Martins foi dito, ante as testemunhas ao diante escritas e no fim deste instrumento assinadas, que era verdade haver ele ajustado como o dito reverendíssimo prior, como protetor das obras da igreja matriz desta vila, o retábulo da capela mor da dita igreja, de entalhado, vestido com pássaros e figuras, os pedestais e contra pedestais com figuras e meninos e a tribuna entalhada e casa com seu trono de anjos e assim três imagens, a saber, uma de São Pedro, outra de São Paulo e outra de Nossa Senhora da Conceição, sendo esta de altura de sete palmos e a mesma nos ditos santos e em cima do trono uma coroa que sirva de dossel e tudo por preço certo e logo declarado de 640\$000 que se lhe pagarão pela maneira seguinte: que lhe porão prontas todas as madeiras que foram necessárias para a dita obra por conta da mesma igreja, digo seguinte e por quanto este retábulo está afeto à devoção e piedade do desembargador André Varela Sotto Maior, residente no Estado da India, para o que tem já mandado 500\$000 dos*

*quais se há de tirar o custo das madeiras por quanto os ditos 640\$000 que se lhe hão de dar são de seu trabalho, tirando o custo da madeira, o que faltar para perfazer os 500\$000 da dita esmola se obriga o capitão Manuel da Costa Tavares Freire e que o resto para perfazer os ditos 640\$000 da obra se lhe pagarão dos rendimentos da dita igreja, caso até esse tempo os não mande o dito desembargador de quem se entende remeterá tudo o que for necessário para a dita obra e que os pagamentos da dita obra se lhe irão fazendo segundo for vencendo bem a dita obra e que por esta maneira se havia ajustado com o reverendíssimo prior pelo qual foi dito ele que aceitava esta escritura e formado seu ajuste se obrigava a fazê-la fazer prontos pagamentos na forma dita e logo pareceu o dito capitão Manuel da Costa Tavares e por ele foi dito que ao de cima referido no que toca ao que faltar aos 500\$000 dá-os prontamente capaz de comprada a madeira, que também dava por sua conta por se lhe ter encarregado esta dependência e assim escritura em parte nem em todo, em juízo nem fora dele, antes a haviam sempre por boa, firme e valiosa e nunca a reclamação e que sendo caso que algum tempo tenha alguma dúvida ou embargo desta escritura disseram uns e outros que não queriam (...) em juízo nem fora dele contra algum, em nenhuma instância nem no caso de apelação e agravo (..) e mais ajustado sem que o primeiro e com efeito se faça a dita obra na forma da dita escritura, ao cumprimento da qual se obriga ele, dito Manuel Martins, a dar princípio à dita obra de talha deste a um ano, sem dúvida alguma, a que tudo obrigou seus bens, móveis e de raiz, presentes e futuros e o mais bem parado deles e em testemunho de verdade assim o outorgaram e assinaram todos os sobreditos com as testemunhas presentes, o coronel governador António Moreira (...), José Vieira de Oliveira e Baltasar Martins Nogueira, todos desta vila e eu Florêncio Alexandre Henriques, o escrevi, declaro que o dito Manuel da Costa Tavares se obrigou aos ditos 500\$000, que são os que tem recebido já do desembargador, dos quais pagará a madeira e o resto irá dando ao dito mestre entalhador e o mais que faltar para perfazer os ditos 640\$000 se hão de tirar dos emolumentos da igreja e confrarias, no caso que da Índia não mande este dinheiro como dito é e assinaram todos acima referidos, e eu, Florêncio Alexandre Henriques, que o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Portimão, Livro do tabelião Florêncio Alexandre Henriques, 1721, fls. 72 vº a 74; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 224 a 226).*

## Documento 11

1721, 15 de agosto. Remodelação do retábulo principal da igreja de São Francisco, em Faro.

*Assento que se fez da reforma do retábulo, sendo ministro o capitão Manuel Ribeiro da Fonseca e comissário, o reverendo padre frei José das Brotas.*

*Aos 15 de agosto de 1721, estando congregados o reverendo padre comissário frei José das Brotas e ministro o Dr. Manuel de Sousa Teixeira, vigário geral deste bispado e mais deputados da mesa ajustaram ser muito conveniente que o retábulo da nossa capela se reformasse para que condiga com a mais obra do corpo da capela e assim foi logo ajustada em 80\$000 só das mãos do mestre, a qual mesa concorreu com 30\$000 para a dita obra e entretanto nova mesa em que saiu por ministro o capitão Manuel Ribeiro da Fonseca Marim, cuja teve princípio em 4 de julho de 1721, aprovaram e deram por bem feito o que a mesa passada tinha ajustado e satisfizeram os 50\$000 que facultava para satisfazerem os mestres e logo depois de assentada a obra se ajustou atrás, pelas que faltavam no dito retábulo em 20\$000, que ao todo chegou a 100\$000 que tudo satisfez esta mesa, como também comprámos uma alcatifa de felpa em 2\$000, ainda que mais custava mas quem a vendeu deu o mais de esmola por ser nosso padre e assim mais mandou fazer uma cadeira de espaldar grande com a sua capa de damasco roxo, debruada e atamarada com galão de ouro e sua franja do mesmo para o nosso reverendo padre comissário fazer as práticas e para que a todo o tempo conste, fiz este assento. Faro, 15 de abril de 1722. O beneficiado Duarte Martins da Costa, secretário da ordem. (Arquivo Distrital de Faro, Livro dos decretos e assentos mais particulares da ordem terceira de São Francisco de Faro, fl. 29 vº; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 186 e 187).*

## Documento 12

1723 e 1728, 6 de junho. Despesas com o retábulo e ajuste do arco em talha da capela das Almas, na igreja matriz de São Pedro, em Faro.

*Despendeu da escritura do ajuste do retábulo: 240 réis.*

*Dependeu com Manuel Martins, escultor, do retábulo para a capela: 70\$000 réis.*

*Dependeu com Manuel Martins, imaginário: 42\$250 réis.*

*Dependeu com o imaginário Manuel Martins: 47\$000 réis (Arquivo da matriz de São Pedro de Faro, Livros da receita e despesa da confraria das Almas, 1723-1724, fl. 201, 1724-1725, fl. 207 vº e 1725-1726, fl. 214 vº).*

*Obrigaçã e contrato de um arco e o mais abaixo declarado que faz Manuel Martins, imaginário, com o juiz e mais oficiais da confraria das Almas de São Pedro.*

*Saibam quantos este público instrumento de obrigaçã e contrato virem que, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1728 anos, em os 6 dias do mês de junho do dito ano, em esta cidade de Faro e casas de morada de mim, tabelião, ao diante nomeado, pareceram e foram presentes Manuel*

*Jorge, carpinteiro da ribeira, juiz e Faustino de Moraes e Domingos Rolão, escrivão e recebedor da confraria das Almas de São Pedro desta cidade e Manuel Martins, entalhador e todos moradores nesta mesma, pessoas de mim, tabelião, conhecidas, que dou fé serem os mesmos porque que aqui se nomeiam e logo pelo dito Manuel Martins foi dito a mim, tabelião, em presença das testemunhas no fim desta nomeadas e assinadas, que ele estava ajustado e contratado com os ditos juiz, escrivão e recebedor e mais oficiais da confraria das Almas de São Pedro desta cidade de Faro a fazer-lhes um arco levantado até ao teto de acima e proporção da capela, para a mesma capela das Almas, o qual arco há de ser uma obra tão perfeita que se lhe não ponha falta alguma e para o altar há de fazer uma frontaleira ou grade, dita tábuca, com sacra, lavabo e evangelho, tudo obra o mais relevante que ele entender, boa madeira, que em parte alguma do arco ou grade entre peça ou parte alguma da madeira velha, advertindo, que há de ser a frontaleira como uma que seu irmão Gaspar Martins fez para o altar de Santo Alberto do Carmo e o arco há de ser de feitio e da mesma forma de um debuxo que fica na sua mão, em que estão assinados o juiz Manuel Jorge e Faustino de Moraes e João Rodrigues Nogueira, tirando somente seis figuras, o qual debuxo se obriga ele, dito Manuel Martins, mostrar em todo o tempo, sendo-lhe pedido para ver se é ou não o arco do mesmo feitio que o debuxo, que de outra forma quer e é contente se lhe não satisfaça o último quartel, finda que seja a dita obra, cujo contrato começa deste dia da fatura desta, de forma que tudo há de estar assentado e posto na dita capela, corrente e acabado, com grade e sacra e o mais para se fazer qualquer solene festa até o dia de Santa Iria de cada, digo de Santa Iria de 1729, por preço tudo e quantia certa de 190\$000, pagos em quatro pagamentos, a saber, 50\$000 logo ao fazer desta escritura, que recebeu o dito Manuel Martins, o último que há de ser depois de assentado e acabado de toda a dita obra, posta na capela como fica dito, os quais dois quartéis, o primeiro e o último há de ser cada um de 50\$000 e os dois quartéis, há de ser cada um de 45\$000, a saber, 45\$000 quando a obra estiver em meio fazer, o outro quando estiver de todo feito, que com os dois quartéis de 50\$000 cada um, faz a quantia de 190\$000, preço porque ele, dito Manuel Martins, se obriga a pôr corrente a obra até ao dito tempo determinado de Santa Iria, com condição que havendo alguma falta ou no dito retábulo no que toca à talha, assentamento pelo dito tempo e perfeição dela e a que não esteja até ao dito tempo a obra assentada, ele se obriga quanto obrigar se pode, por sua pessoa e bens, assim móveis como de raiz, havidos e por haver, onde quer que forem havidos e achados e pelo melhor parado eles e nem ele os ditos oficiais da dita confraria poderão reclamar esta escritura e por eles, ditos juiz, escrivão e recebedor foi dito que eles se obrigavam por parte da dita confraria e à custa da mesma fazer os ditos pagamentos sem falta alguma, pelos seus vencimentos na forma desta escritura já dita e ele, dito Manuel Martins, disse que sendo caso que falte assentar o dito arco e grade e o mais pelo dito tempo, quer e é contente que se lhe*

*tirem 600 réis por dia dos quartéis para a dita confraria e satisfação das faltas que nele houver assim até o tempo como havendo incapacidade na obra e fatura dela e da mesma forma para a obra havendo na confraria falta na contribuição dos quartéis parará a obra na forma das condições declaradas e nesta forma mandaram fazer escritura que perante mim, tabelião, fizesse, em fé e testemunho de verdade, assim outorgaram, assinaram e aceitaram, sendo testemunhas presentes o padre Manuel Gomes Peixinho e Manuel do Ó, porteiro e Lázaro Fernandes, almocreve da cidade de Tavira e eu Bernardo da Silva e Vaz, confesso tabelião, o escrevi e declararam juiz, escrivão e recebedor que no que toca aos andaimes e tudo necessário para eles será por conta da dita confraria, no que toca madeiramento e baraços, sob redito escrevi. (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Bernardo da Silva e Vaz, 1728, fls. 85 vº a 86; LAMEIRA, 2001-2002, pp. 157 a 159).*

*Despendeu por conta do arco que se está fazendo para a capela: 95\$000 réis.*

*Pelo que despendeu Manuel Martins, imaginário, de pagamento do arco: 45\$000 réis.*

*Pelo que despendeu com o último quartel do arco que se devia a Manuel Martins, imaginário: 50\$000 réis (Arquivo da matriz de São Pedro de Faro, Livro da receita e despesa da confraria das Almas, 1727-1728, fls. 229, 235 vº e 1729-1730, fl. 241; LAMEIRA, 2001-2002, p. 157).*

### Documento 13

1724, 12 de maio. Despesa com a imagem de Nossa Senhora do Carmo, em Faro.

*Despendeu mais o dito irmão tesoureiro, do dinbeiro, 10\$000 réis que pagou a Manuel Martins, oficial de imaginário, de fazer a imagem de Nossa Senhora do Carmo para as procissões, como consta do ajuste, portaria e recibo que fica no cartório desta ordem, de que fiz este termo como secretário dela, que assinei, Faro, 12 de maio de 1724 (Arquivo da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de Faro, Livro da Despesa (1720-1735, 1724, fl.32; LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 185).*

*Uma imagem pequena de Nossa Senhora do Carmo, para as procissões, a qual mandou fazer a mesa desta ordem (Arquivo da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de Faro, Livro do inventário da ordem terceira do Carmo, de 1714 a 1822, 1724, fl. 12 vº).*

### Documento 14

1724, 28 de dezembro. Ajuste do retábulo de Santa Bárbara, na igreja do colégio, em Faro.

*Escritura de ajuste e contrato que faz Manuel Martins, entalhador, com o reverendo padre pre-*

*feito do colégio da Companhia de Jesus desta cidade, João de Figueiredo.*

*Saibam quantos este público instrumento de ajuste e contrato em como virem que, sendo no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1724 anos, sendo os 28 dias do mês de dezembro do dito ano, nesta cidade de Faro no colégio da Companhia de Jesus dela, onde eu, tabelião, ao diante nomeado, fui chamado e aí do cubículo do reverendo padre prefeito João de Figueiredo, estava ele aí presente e bem assim o reverendo padre reitor do mesmo colégio, Domingues Geraldês, isto de uma parte e de outra estava também presente Manuel Martins, entalhador, morador nesta cidade, pessoas que eu tabelião bem conheço e dou fé serem os próprios aqui nomeados e logo por ele, dito reverendo padre prefeito João Figueiredo foi dito e outorgado a mim, tabelião, ante as testemunhas ao diante nomeadas e no fim desta assinadas, que ele, com a faculdade do reverendo padre reitor que no fim desta vai assinado, havia ajustado e contratado com o dito Manuel Martins, entalhador, para haver de fazer um retábulo para a capela de Santa Bárbara, sita no mesmo colégio da Companhia de Jesus desta mesma cidade, que todo o corpo exterior da dita capela e arco assim exterior como interior de talha, como toda a perfeição, a contento dos reverendos padres do dito colégio e no retábulo será obrigado a fazer um trono para se colocar a imagem da mesma Santa, da mesma talha e grade capaz de nela se pôr (...) e cortinas com dossel no mesmo trono, como também será obrigado a fazer duas imagens de quatro palmos e meio cada uma que convém, a saber, uma de São Francisco de Bórgia e outra do Beato São Francisco de Regis, com suas peanhas, para se colocarem nos dois nichos colaterais da mesma capela, como também será obrigado a pôr no frontispício do arco da mesma capela um escudo da mesma talha e levar as armas e insígnias da Senhora Santa Bárbara, como também será obrigado a fazer no mesmo retábulo seis colunas retorcidas com seus salomónicos, isto pelo preço e quantia certa de 140\$000, a saber, partidas em três quartéis, um no princípio da fatura da obra, outro no meio da mesma obra e outro depois de feita e assentada a mesma obra, na qual dita obra se obrigará a fazer uma banquetta da mesma talha e lavor, como também será obrigado dar a dita obra feita e acabada e posta na dita capela até ao fim do mês de outubro deste presente ano que embora vier de 1725, cuja obrigação dos pagamentos deste dito contrato disse o reverendo padre prefeito João de Figueiredo que ele se obrigava pelos bens e rendas da dita capela a não faltar aos ditos pagamentos a seus tempos devidos e logo sendo presente o dito Manuel Martins, por ele e outorgado ante as testemunhas, que ele se obrigava a não faltar a todo o mencionado nesta dita escritura e isto sob obrigação de sua pessoa e de todos os seus bens, assim móveis como de raiz, presentes e futuros, com declaração que depois da dita obra feita e posta avaliada pelos mestres que melhor o entenderem, se o não avaliarem em 200\$000 não quer nada por ele, disse o dito Manuel Martins e assim que em tudo estão contentes que esta dita escritura e ajuste em tudo se cumpra e guarde e seja firme a valiosa assim*

*e da maneira que nela se contem e na melhor forma e modo que em direito se pode e lugar haja para sua validade, a qual eu, tabelião, fiz a seus rogos, em fé e testemunho de verdade, assim o outorgaram, assinaram e aceitaram de que a tudo foram testemunhas presentes João Rodrigues, lavrador e morador na freguesia de Quelfes e Clemente Fernandes, soldado pago do regimento que está de guarnição na praça desta cidade, da companhia do capitão Jerónimo de Albuquerque, que todos aqui assinaram comigo, tabelião de seus costumados sinais e eu, José Batista de Mendonça, que o escrevi. (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião José Batista de Mendonça, 1724, fls. 48 vº a 49 vº; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 163 a 165).*

## Documento 15

1728, 11 de agosto. Ajuste do retábulo principal da igreja matriz de Querença.

*Escritura de obrigação e contrato que faz Manuel Martins, imaginário desta cidade, com os eleitos da igreja matriz de Querença.*

*Saibam quantos este público instrumento de escritura e obrigação e contrato virem que, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1728 anos, aos 11 dias do mês de agosto do dito ano, nesta cidade de Faro, em casa de morada de mim, tabelião, ao diante nomeado, onde pareceram e foram presentes Manuel Martins, imaginário desta cidade e Simão Gonçalves do sítio da Goncinha e Tomé Rodrigues, do sítio do Barranco, freguesia de Querença, eleitos da igreja matriz da dita freguesia, pessoas de mim, tabelião, conhecidas, que dou fé serem os mesmos porque aqui se nomeiam e logo pelos ditos eleitos foi dito a mim, tabelião, em presença das testemunhas no fim desta nomeadas e assinadas, que eles estavam ajustados e contratados com o dito Manuel Martins, imaginário, a fazer-lhes um retábulo de bom entalhe, bem feito, sem que pessoa alguma lhe ponha pecha ou falta alguma, o qual retábulo está ajustado pela quantia de 115\$000, os quais hão de eles, eleitos, pagar em três pagamentos, a saber, 40\$000, digo 48\$000, logo ao fazer desta escritura, que eu, tabelião, dou fé, vi receber o dinheiro corrente neste reino, da mão dos ditos eleitos, o dito Manuel Martins e mais o resto, a metade estando a obra meia de fazer e o resto, último, estando a dita obra de todo assentada, em 15 de agosto do ano de 1729, a que o dito Manuel Martins não faltará no dito tempo, nem eles, eleitos, na contribuição dos quartéis, pelos tempos declarados, ao que obrigam suas pessoas e bens, móveis e de raiz, havidos e por haver, onde quer que forem havidos e achados e pelo melhor parado deles, a fazerem os pagamentos no dito tempo e logo pelo dito Manuel Martins foi dito, ante as mesmas testemunhas, que ele aceitava este contrato e que se obrigava a fazer o dito retábulo, de bom entalhado, de madeira nova e capaz, que não*

*seja pinho e a pôr o dito retábulo na capela no dito dia declarado, de forma que esteja pronto e assentado sem falta alguma, no que tudo obriga sua pessoa e bens, assim móveis como de raiz, havidos e por haver, onde quer que forem havidos e achados, pelo melhor parado deles, a tudo o que está celebrado neste contrato, contando que não poderá ser ouvido em juízo nem fora dele, sem o primeiro dar satisfação ao referido e caso que nele haja falta se lhe tirará do último pagamento a 300 réis por dia, todos aqueles que fora do dito tempo faltarem para a dita igreja, o que também sucederá, faltando eles aos pagamentos e nesta forma mandaram fazer nesta nota a que eu, tabelião, fiz a seus rogos, em fé e testemunho de verdade, assim outorgaram e assinaram, sendo testemunhas presentes Manuel Dias Ataíde, João dos Santos e Francisco Martins Xavier, todos os oficiais de entalhador e moradores nesta cidade, que assinaram e eu, Bernardo da Silva e Vaz, confesso tabelião de notas, o escrevi e declarou o dito Manuel Martins que as portas que dão para a tribuna as há de fazer de entalhado e o mais, muito perfeito, sobredito o escrevi e que a obra, eles eleitos, hão de ser obrigados a conduzi-la para a dita igreja, à sua custa deles, eleitos, sobredito o escrevi. (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Bernardo da Silva Vaz, 1728, fls. 112 a 113; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 237 e 238).*

## Documento 16

1731, 9 de maio. Despesa com as imagens da procissão do Triunfo, em Faro.

*Acordamos em mesa que, suposto neste nosso ano, resolvemos fazer a nossa procissão da Paixão do Senhor na sexta feira antes da semana de Ramos, para cujo efeito concorremos todos com as nossas esmolas, além das joias costumadas, havendo não só respeito pro rata ao cômputo destas mas ainda excedendo algumas com suas esmolas, segundo sua possibilidade e zelosa devoção, as quais aplicamos para as imagens da mesma procissão, de que se fez a escritura ao imaginário Manuel Martins, desejam muito que esta nossa determinação se continue e observe pelas futuras mesas, assim pela grande honra e glória que a Deus Nosso Senhor e a Nossa Mãe Santíssima resulta de recordar-se e representar-se aos nossos irmãos e a todo o povo católico os mistérios e passos da sacratíssima Paixão e de que por esta ação, não só se compunham e reformam as almas, se reconciliarão e agregarão muitas outras, sem número, à nossa sagrada ordem terceira. Recomendamos e pedimos aos nossos futuros sucessores queiram continuar ação tão pia e conveniente para o aumento da mesma ordem, como o fizemos e farão os que lhe sucederem-se a nós ou eles semelhante ação nos fosse recomendada e porque não esperamos de sua irmandade união e política menos que o referido, elegemos e nomeamos para a fatura da mesma pro-*

*cissão e para depósito das ditas esmolas e das mais que sucederem para a mesma obra, ao nosso irmão, que ora é da mesa, o capitão João de Sousa Teixeira, porque fiamos do seu conhecido e fervoroso zelo e inteligência, que exercerá este mistério com aquele que tem demonstrado em incumbência de igual importância ao qual aprovamos e confirmamos, por alvará de nossa nomeação, este acórdão que assinamos. Faro, em mesa de 9 de maio de 1731 e eu, João da Costa Barreto, secretário da ordem, que o escrevi (Arquivo da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de Faro, Livro dos Acórdãos, de 1712 a 1795, 1731, fls.45 vº e 46).*

*Despendeu com Manuel Martins, entalhador, pelas sete imagens do Senhor a 12\$000 réis e uma da Senhora ao pé da Cruz do Calvário e outras miudezas, 6\$440 réis, faz tudo 90\$240 réis.*

*Pela imagem do Senhor com a Cruz às Costas, das mãos de Manuel Martins, entalhador, 12\$000 réis.*

*Inventário das coisas que se fizeram e pertencem à procissão do Triunfo da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo:*

*Uma imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo no Horto;*

*Uma imagem de Nosso Senhor Preso;*

*Uma imagem de Nosso Senhor à Coluna;*

*Uma imagem de Nosso Senhor na Pedra Fria ou à Paciência;*

*Uma imagem do Senhor Ecce Homo;*

*Uma imagem de Nosso Senhor com a Cruz às Costas;*

*Uma imagem do Senhor Crucificado;*

*Uma imagem do Senhor Morto;*

*Uma imagem de Nossa Senhora da Soledade, com seu vestido e capela (Idem, Livro da Procissão da Quaresma, 1731, fls.46, 57, 81 e 81 vº; LAMEIRA, 2000, pp. 386 e 387).*

## Documento 17

1732, 8 de junho e 23 de agosto. Ajuste dos nichos em talha, na igreja de São Francisco, em Faro.

*Cópia do escrito que a esta ordem fez Manuel Manuel (sic) Martins, oficial de entalhador desta cidade, da obrigação dos nichos e janelas da capela, que com ele ajustou, em 8 de junho de 1732.*

*Eu, Manuel Martins, entalhador abaixo assinado, por este meu rogo feito, me obrigo a fazer cinco nichos que falta por fazer na capela dos terceiros de São Francisco desta cidade, da parte da Epístola, entrando nestes com o nome de nichos duas janelas que estão na mesma banda com o cordão*

*todo inteiro, coberto de talha, o qual entre cada um dos nichos levará sua tarja correspondente, os da cornija superior, todos serão feitos à imitação do primeiro nicho, que da mesma banda se acha feito por mim, do qual já fui pago e satisfeito e na janela que está fingida lhe farei peanha com capacidade de nela se acomodar qualquer imagem, todos os sobreditos cinco nichos por preço, digo, com o cordão como acima digo, por preço de vinte moedas de ouro de 4\$800 réis cada uma, os quais darei completos e assentados um mês antes de quarta feira de cinzas do ano seguinte, não serei porém obrigado a pôr parafusos nem abrir os buracos na pedra para eles e no fazer deste pelo princípio e madeira desta obra recebi dos ilustres irmãos da mesa que ao presente exercitam 19\$200 réis e o mais se me irá dando, de que passarei recibo, de maneira que as últimas cinco moedas só me pagarão depois de assentada a dita obra e acabada de minha mão e por verdade fiz fazer este, que assinei sob obrigação de minha pessoa e bens, em presença das testemunhas abaixo assinadas. Faro, 8 de junho de 1732 – Manuel Martins – testemunha António Franco – testemunha Manuel de São Francisco e não contém mais o dito escrito da obrigação, que pela mesa da venerável ordem Terceira da Penitência se encomendou a mim, o copiado neste livro para que a todo o tempo conste. Faro, em mesa, 8 de junho de 1732 e eu, Simão Fernandes Durão, secretário da dita ordem, que o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Livro dos decretos e assentos mais particulares da ordem terceira de São Francisco de Faro, fls. 40 vº e 41; LAMEIRA, 1987, p. 55).*

*Escritura de ajuste que faz Manuel Martins, imaginário, com a ordem terceira de Nosso Padre São Francisco desta cidade.*

*Em nome de Deus, amém. Saibam quantos este público instrumento de escritura e ajuste virem que, sendo em o ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1732 anos, sendo aos 23 dias do mês de agosto do dito ano, nesta cidade de Faro e cartório de mim, tabelião, ao diante nomeado, aí pareceram presentes, de uma parte Manuel Martins, entalhador e da outra o muito reverendo ministro, vice ministro o muito, digo ministro, o muito reverendo doutor Manuel de Sousa Teixeira, vigário geral deste bispado e o vice ministro, o muito reverendo beneficiado Manuel Ribeiro Girão e o secretário, o muito reverendo padre Pedro Gomes Santos e o síndico Álvaro Pestana, todos da mesa da venerável ordem terceira da penitência do Seráfico Padre São Francisco, aí em presença de mim, tabelião e das testemunhas baixo nomeadas, disse o dito Manuel Martins, imaginário, que ele tinha ajustado uma obra de uns nichos na capela da dita ordem terceira, em que seria obrigado a fazer sete nichos na dita capela dos terceiros com seus cordões, seguidos por uma e outra parte da capela, à razão de quatro moedas cada nicho, com o dito cordão, exceto o cordão que ficar por baixo das janelas e depois da obra assentada, se lhe pagará de fora e será ele, dito Manuel Martins, obrigado a pôr o cordão de uma e outra parte até o último de outubro deste presente ano de 1732 e assim também será obrigado a por e assentar*

os sete nichos que faltam até ao último de abril de 1733, pena de que faltando no dito tempo a estarem os nichos assentados, perderá ele, dito Manuel Martins, 24\$000 réis do dinbeiro que tem ajustado e mandar-se-á acabar a dita obra à custa dele, dito Manuel Martins, não estando os nichos e o cordão assentados no último de abril de 1733 e recebeu logo o dito Manuel Martins, em presença de mim, tabelião e testemunhas abaixo nomeadas, 19\$200 réis em boa moeda, sem falta, quebra ou diminuição alguma e estando o cordão assentado, por uma e outra parte, lhe irão dando mais dinbeiro, não largando a obra da mão e os seus oficiais e com estas condições aceitaram eles, os ditos irmãos da mesa e prometeram não faltar com os pagamentos devidos e assim disseram todos se obrigavam suas, digo por suas pessoas e bens da dita ordem e assim outorgaram, sendo testemunhas presentes e declararam ele, dito Manuel Martins e os mais irmãos da mesa acima nomeados que os sete nichos que faltam hão de ser feitos com a mesma ordem e à imitação de um que já se acha feito na mesma capela e do dinbeiro todo que se lhe houver de ir dando, ficará na mão dos irmãos, da dita obra 30\$000 réis, para se lhe dar depois de toda a obra acabada e assentada em a dita capela e com estas condições aceitaram e assinaram, sendo testemunhas presentes António Martins Arantes e João Batista e eu, João Franco, tabelião que o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião João Franco, 1732, fls. 6 a 7; LAMEIRA, 2000, pp. 387 e 388).

### Documento 18

1732, 14 de novembro. Ajuste do trono em talha da igreja do Pé da Cruz, em Faro.

*Ajuste e obrigação que fazem o reverendo juiz e mais irmãos da confraria da Senhora do Pé da Cruz desta cidade com Manuel Martins, imaginário, morador na mesma.*

*Saibam quantos este público instrumento de contrato, ajuste e obrigação virem que, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1732 anos, sendo aos 14 dias do mês de novembro do dito ano, nesta cidade de Faro e casas de morada de mim, tabelião, ao diante nomeado, onde foram presentes o reverendo arcediogo de Tavira, António Ribeiro, digo Lopes Ribeiro, juiz da confraria de Nossa Senhora do Pé da Cruz, sita nesta cidade e o reverendo beneficiado Manuel Ribeiro Girão, escrivão da dita confraria e António dos Santos, aguardenteiro, recebedor da mesma e os mais mordomos dela, no fim desta escritura assinados e bem assim foi também presente Manuel Martins, imaginário, todos desta cidade, pessoas conhecidas de mim, tabelião, que dou minha fé serem os próprios aqui nomeados e logo por eles, ditos juiz e mais oficiais e mordomos da dita confraria foi dito, na presença das testemunhas ao diante nomeadas, que eles haviam contratado e ajustado com o dito Manuel Martins, imaginário,*

*a fazer este um trono de madeira para a Senhora do Pé da Cruz ser nele colocado e posto em sua igreja, o qual será feito o obrado com o feitio e arquitetura da maneira e forma seguinte, digo, da mesma forma que contém o risco e debuxo no papel que está em poder do dito Manuel Martins, com declaração que os quatro anjos que constar no dito risco e debuxo, os dois que estão à boca da tribuna serão de quatro palmos de altura, fora a peanha e os dois que estão ao pé da Senhora serão à medida e proporção da dita obra e para as velas que há de levar o dito trono fará vinte meios corpos à imitação de uns que estão na capela da Senhora dos Prazeres da Santa Sé, a qual obra do dito trono e suas pertenças declaradas será obrigado o dito Manuel Martins a fazê-la até ao mês de agosto que embora vier de 1733 e se antes do dito tempo o puder findar, se assentará o trono o tempo que findo for e será a dita obra com toda a perfeição de arquitetura, de sorte que fique à satisfação da dita irmandade, cuja obra ajustaram com o dito Manuel Martins em preço de doze moedas de ouro de 4\$800 réis cada uma, cuja importância lhe será satisfeita em três pagamentos, a saber, o primeiro cinco moedas de ouro, que se deu ao fazer esta escritura e o segundo pagamento será de três moedas, que se lhe dará no meio da obra e o terceiro pagamento será de quatro moedas, que será depois da obra feita e assentada e logo com efeito ao fazer desta, recebeu o dito Manuel Martins cinco moedas de ouro, primeiro pagamento que recebeu da mão e poder do dito reverendo António dos Santos e delas se deu por entregue e por ele, dito Manuel Martins foi dito perante as mesmas testemunhas que ele se obriga por sua pessoa e bens a dar inteiro e devido cumprimento a esta escritura e obrigação e cláusulas nesta mencionadas e que em tempo algum o poderá reclamar e que não dando ele, dito Manuel Martins, a dita obra acabada até ao dito mês de agosto, como fica dito, se descontará ao dito Manuel Martins a quinhentos réis por dia que ficará perdendo e pagando para a dita confraria, porém no caso que suceda dentro do dito tempo que ele, dito Manuel Martins, adoença ou tenha outro algum litígio, impedimento não se executará nela a dita comissão e assim por esta maneira disseram uns e outros que em tudo querem e são contentes que esta escritura se cumpra e guarde como nela se contém e declaro em fé e testemunho de verdade, assim outorgaram, aceitaram e assinaram, sendo testemunhas presentes Francisco Correia Nobre e João Rodrigues Palma, filho de mim, tabelião desta cidade e eu, Inácio Martins, que o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Inácio Martins, 1732, fls. 91 a 92 vº; LAMEIRA, 2000, pp. 388 e 389).*

### Documento 19

1735, 20 de agosto e anos seguintes. Ajuste e despesas do retábulo da capela-mor da igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro.

*Escritura de obrigação que faz Manuel Martins, imaginário desta cidade à muito venerável ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo desta mesma cidade.*

*Saibam quantos este público instrumento de obrigação e contrato virem, que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1735 anos, em 20 dias do mês de agosto do dito ano, desta cidade de Faro na igreja de Nossa Mãe Santíssima Senhora do Monte do Carmo da venerável ordem terceira e casa do despacho dela, onde eu, tabelião, fui, aí estando em mesa o reverendo prior Domingos Nunes Vieira, beneficiado na sé desta dita cidade e bem assim o reverendo comissário padre Bento de São José e subprior Diogo Mendonça de Figueiredo e primeiro definidor o capitão António Nunes Vieira e secretário João da Costa Barreto e procurador Brás Teles de Ataíde e os mais irmãos da mesa que neste presente ano servem na dita mesa e bem assim Manuel Martins, imaginário, todos moradores nesta dita cidade, pessoas que eu, tabelião, bem conheço e dou fé serem os mesmos por que aqui se nomeiam e logo pelos ditos reverendo prior, comissário, subprior e primeiro definidor, secretário e procurador e todos os mais irmãos da mesa, que presentes estavam e no fim desta assinados, por eles todos juntos e por cada um in solidum, foi dito a mim, tabelião, presentes as testemunhas no fim desta nomeadas e assinadas, que eles com o dito Manuel Martins, que presente estava, pretendiam ajustar a manufatura da obra do entalhado da capela mor e camarim de Nossa Mãe Santíssima Senhora do Monte do Carmo, para cujo efeito fizera o dito Manuel Martins três debuxos, um do retábulo, outro do sacrário e outro do trono da dita Senhora, os quais foram vistos e aprovados pela dita mesa, em cujo poder ficam e que por eles entenderem que nesta cidade nem em muitas outras fora desta não haveria quem fizera a dita obra com mais perfeição e valentia e por estarem os ditos debuxos muito à satisfação de todos, assim da mesa como demais irmãos da dita venerável ordem, faziam como com efeito fizeram o ajuste e contrato com o dito Manuel Martins para fazer o dito retábulo, sacrário e trono e mais obra do camarim da dita Senhora, com tudo o que mais lhe pertencer, assim de entalhado como de escultura, arquitetura e ensablagem, tudo por preço e quantia certa de três mil cruzados, dando-lhe mais toda a madeira que constar veio de Monchique para a dita obra sem que a dita venerável ordem seja obrigada dar mais que a tal madeira e os ditos três mil cruzados, cuja distribuição deles é a seguinte: que se obriga a venerável ordem por esta presente mesa e pelas mais que lhe sucederem, dar e entregar ao dito Manuel Martins toda a dita madeira que veio de Monchique para a dita obra e outrossim em cada ano durante a dita obra e os ditos três mil cruzados, 200\$000 réis em dinheiro de contado, a metade deles ao principio da dita obra e findos que sejam seis meses depois de principiada, a outra metade com tal condição que se a dita venerável ordem se achar em cada um dos ditos [...] ir entregando ao dito Manuel Martins e será obrigado com muito mais excesso trabalhar na dita obra, reforçando ou acrescentando o número*

de oficiais, os quais serão à satisfação do dito Manuel Martins e da dita venerável ordem para maior expedição e brevidade de tal manufatura e assim mesmo farão os mais anos até que a dita obra seja findada, mas somente fica a dita venerável ordem com a obrigação dos 200\$000 réis, dando-os e entregando-os da forma que fica dito de seis a seis meses 100\$000 réis, sem que a dita satisfação ponha a menor dúvida e se acaso ao dito Manuel Martins se lhe faltarem com os sobreditos pagamentos por algum motivo que para esse efeito pode haver, nem por isso será obrigado continuar com a sobredita obra, só sim obrigado não lhe faltando com os ditos 200\$000 réis os seus tempos vencidos, como também será obrigado completar a dita obra, pondo por sua conta a madeira que faltar além da que lhe entrega a dita venerável ordem e assim mais toda a ferragem que necessário for para a melhor segurança da dita obra com todos os materiais e andaimes, sem que dita venerável ordem tenha mais obrigação que dar a dita madeira e os três mil cruzados repartidos como dito é e se obriga a dita mesa mais por si e pelas mais que lhe sucederem e pelas rendas da dita venerável ordem a não faltarem com os sobreditos pagamentos a seus vencidos tempos, salvo por algum motivo como dito fica, que em tal caso não terá o dito Manuel Martins a obrigação de continuar com a dita obra e outrossim se obrigando a não reclamar a dita escritura, em juízo nem fora dele, só sim dar inteiro cumprimento a tudo nele declarado e logo sendo presente o dito Manuel Martins por ele foi dito a mim, tabelião e a todos os mais irmãos da mesa e perante as mesmas testemunhas, que ele aceita o dito contrato de manufatura da dita obra com todas as condições e cláusulas nesta escritura mencionadas, obrigando-se pôr por sua conta toda a madeira que faltar para boa completação da dita obra e assim mesmo todas as ferragens para melhor segurança dela e (...) outrossim se obriga, tanto que der princípio à dita obra, entrará a trabalhar nela com todos os oficiais que houver na terra, os mais capazes que costumam trabalhar por sinal e nela existirem enquanto lhe não faltarem com os sobreditos pagamentos e no caso que a dita venerável ordem se ache mais favorecida de dinheiro e queiram mais brevidade ou haver algum devoto que assim o queira fazer, ele se obriga a trabalhar com muito maior excesso, aumentando o número de oficiais quanto possível for e outrossim disse que Deus Nosso Senhor for servido levá-lo para si desta vida presente, depois da dita obra principiada quer, no estado em que se achar, seja vista por mestres da mesma arte, de boa e sã consciência e quer estar, como consiste logo esta por tudo o que lhes disserem, com tal condição que se houver excesso em seu abono logo a dita venerável ordem a seus herdeiros lho satisfarão e que se a dita venerável o alcançar em alguma quantia quer que de seus bens logo se satisfaça a tal quantia e seus herdeiros fiquem livres e desobrigados de continuar por si ou por outrem a dita obra, logo outrossim entregue à dita venerável ordem terceira, tomando-lhe dela conta com toda clareza e individuação e verdade e seus herdeiros fiquem livres e desobrigados desta obrigação e livres todos os seus bens que o-

*briga, assim móveis como de raiz, havidos e por haver, onde quer que forem havidos e achados e pelo mais bem parado de todos eles, a não reclamar esta escritura em juízo nem fora, a qual lhes foi lida em presença da dita mesa e das mesmas testemunhas e todos perceberam muito bem e disseram estar conforme a suas outorgas, em fé e testemunho de verdade assim outorgaram, aceitaram e assinaram, umas e outras partes, sendo a tudo testemunhas de presentes o reverendo beneficiado Pedro José Pereira Guerreiro da igreja de São Pedro e o reverendo padre Francisco Páscoa e João Ribeiro da Costa, clérigo in minoribus, todos desta cidade e eu, Clemente Velho de Sarre, tabelião, que o escrevi (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Clemente Velho de Sarre, 1735, fls. 5 vº a 7 vº; LAMEIRA, 2000, pp. 389 a 391).*

*Despendeu mais nosso irmão tesoureiro, Domingos da Costa Guimarães, 200\$000 réis, que pagou ao entalhador Manuel Martins, desta cidade, por três recibos seus, por sua conta da capela-maior e tribuna que está fazendo de entalhado e consta da portaria e recibos n.º 96, que está no maço deles, de que fiz este termo, como secretário da ordem, Faro, 17 de maio de 1736.*

*Despendeu mais nosso irmão tesoureiro, do dinheiro, Domingos da Costa Guimarães, 300\$000 réis, que deu ao mestre entalhador Manuel Martins, por conta do retábulo da capela-maior e consta de cinco recibos seus e portaria n.º 68, que fica no maço deste ano, de que fiz este termo, como secretário da ordem. Faro, 5 de junho de 1737.*

*Despendeu mais nosso irmão tesoureiro, Domingos da Costa Guimarães, 178\$200 réis, que satisfiz ao mestre entalhador Manuel Martins, por conta do ajuste da obra do retábulo da capela-mor desta nossa igreja, que está fazendo, como consta dos recibos e portaria n.º 23, que vai no maço deste ano, de que fiz este termo e que assinei, como secretário da ordem. Faro, 17 de maio de 1738.*

*Despendeu mais nosso irmão tesoureiro, do dinheiro, Domingos da Costa Guimarães, 200\$000 réis, que pagou a Manuel Martins, entalhador, por conta do trabalho que está fazendo, como consta do recibo e portaria n.º 42, que vai no maço deste presente ano, de que fiz este termo, como secretário da ordem. Faro, em mesa de maio de 1739.*

*Despendeu mais nosso irmão tesoureiro, Domingos da Costa Guimarães, 321\$800 réis, em que se acabou de satisfiz ao nosso entalhador Manuel Martins, um conto e 200\$000 réis do ajuste do entalhe da capela-mor, tribuna e sacrário, como consta portaria n.º 53, que vai no maço deste presente ano, de que fiz este termo que assinei, dia, mês e era ut supra, 30 de junho de 1740.*

*Despendeu mais nosso irmão tesoureiro, Domingos da Costa Guimarães, 19\$200 réis, com que pagou a Manuel Martins o feitio de custo da peanha e globo de serafins, com uns raios, que o dito fez fora do ajuste do retábulo, por mandado da mesa, como consta da portaria (Arquivo da ordem tercei-*

ra do Carmo de Faro, *Livro da Despesa*, 1736, fls. 12, 20 vº, 26, 34, 45 e 49; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 175 e 176).

## Documento 20

1741. Ajuste do retábulo de Santa Teresa, na igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro.

*Obrigação e contrato que faz Manuel Martins, imaginário com a Priorosa e mais irmãs da mesa da Senhora Santa Teresa, por seu procurador José de Almeida Mimoso.*

*Saibam quantos este público instrumento de obrigação e contrato virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1741(...) nesta cidade de Faro, na Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo e casa do despacho dela, aí pareceram e foram presentes de uma parte Manuel Martins, imaginário e de outra parte como procurador da priorosa e mais irmãs da mesa da Senhora Santa Teresa da venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo desta dita cidade e nela moradores, pessoas que eu, tabelião, conheço serem os próprios e logo pelo dito José de Almeida foi dito a mim, tabelião, presentes as testemunhas no fim nomeadas e assinadas, que ele havia ajustado e contratado como o dito Manuel Martins a manufatura da obra do retábulo da dita Santa na forma do risco que fez, que foi aprovado por ele outorgante e pela dita priorosa e irmãos da mesa, acrescentando mais ainda, no que se acha debuxado no dito risco, várias figuras e outros endereços que ao diante se individualarão, correndo por conta do dito Manuel Martins tudo o que for necessário para a boa completação da dita obra, assim de madeiras como ferragens e andaimes e tudo o mais que for preciso, tudo por preço e quantia de 300\$000, os quais se lhe darão a quartéis, a saber, 100\$000 que recebeu à fatura desta e os 200\$000 que restam entregar, ia ele, dito outorgante, dentro no tempo de quatro anos a 50\$000 cada um ano a outro, em cujo tempo tem outrossim ajustado o dito Manuel Martins que há de ser finda a dita obra e com correntia do dito dinheiro na forma referida, feita e acabada com toda a perfeição na forma do dito de bucho e os acréscimos em que tem ajustado, os quais são os seguintes: (..) e os ditos nichos serão do feitio dos que se acham feitos no retábulo da capela da igreja de Nossa Senhora do Monte com suas colunas e o mais bonito que poder ser e aonde remata com um vaso de flores que remate com uma coroa com dois meninos e não com as ditas flores e aonde se acha no debuxo debuxado um trono para colocar a dita Santa que seja colocado debaixo de um sitial pelo melhor feitio que puder ser e no respaldo do dito sitial uma glória de serafins e na dita obra não o terá liso algum, mas sim de talha e pelo que respeita ao pé direito do arco será como o pé direito da obra que se acha feita na capela de Nossa Senhora da*

*Encarnação no colégio de Jesus desta cidade e nos lugares aonde se acham os vasos com as chamas de fogo se porá nos mesmos lugares dois anjos e cada deles estará abraçado com um coração abrasado em chamas e no fecho do dito arco aonde se olham as armas da dita venerável ordem dentro de uma tarje quer em lugar das ditas armas seja um emblema da mesma Santa, aquele que melhor e mais adequado for, cujo arco e seu remate chegará até à cornija e nesta forma e com estas obrigações tem contratado a manufatura da dita como o dito Manuel Martins, o qual sendo presente disse aceitava todo o conteúdo declarado neste instrumento e referido pelo dito (..) a que tudo se obriga a cumprir na forma (..) partes se cumpra este instrumento como nele se contem, o qual fiz eu, tabelião, a seus rogos, o qual aceitaram e assinaram, presentes as testemunhas João Batista, mestre carpinteiro e Francisco Xavier e Tomé da Costa, imaginários que assinaram na Nota e eu, Clemente Velho de Sarre, tabelião, que o escrevi. (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Clemente Velho de Sarre, 1741 fls. 55 a 57; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 177 e 178).*

## Documento 21

1741, 14 de setembro. Ajuste do retábulo principal da ermida de Santo António, em Faro.

*Obrigação que faz Manuel Martins, imaginário com o Senado da Câmara desta cidade.*

*Saibam quantos este público instrumento de obrigação e contrato virem como, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1741 em os 13 dias, digo em os 14 dias do mês de setembro do dito ano, nesta cidade de Faro em casa do Nobre Senado da Câmara, aonde eu, tabelião, ao diante nomeado, fui chamado para a presente escritura e aí estavam em Câmara o doutor Sancho de Andrade Magalhães de Castro e (...) juiz de fora que atualmente é nesta cidade e seu termo, como seu presidente, do dito Nobre Senado e os vereadores e procurador e mais oficiais, abaixo assinados, pessoas que eu, tabelião conheço serem os próprios e logo pelo dito juiz, presidente, vereadores, procurador e mais oficiais foi dito a mim, tabelião, ante as testemunhas em o fim desta nomeadas e assinadas, que eles haviam ajustado e contratado com Manuel Martins, imaginário, morador nesta cidade a obra do retábulo de entalhado do Senhor Santo António do Alto, por preço e quantia certa de 350\$000, sendo a dita obra de madeira de castanho, na forma do risco que se acha assinado por eles, dito juiz, vereadores, procurador e mais oficiais e pelo dito Manuel Martins, com as condições e mais cláusulas e pagamentos na forma seguinte: que será obrigado o dito Manuel Martins continuar logo com a dita obra e não largar mão dela sem que esteja finda e acabada, com tal condição porém que no último de dezembro deste presente ano, será obrigado assentar tudo o que se achar feito do dito, de sorte que (..) ao mesmo a terça parte da*

*mesma obra e posta esta e assentada, irá continuando na forma que fica dito e que com toda a brevidade, findo e acabado que lhe ficar, sujeitando-se sempre ao risco que aprovado se acha, com declaração mais que há de chagar a dita obra ao teto ou forro do telhado da igreja do dito Santo em lugar aonde se há de assentar e cobrará a tal quantia em que tem ajustado em quatro pagamentos iguais, na forma seguinte: 87\$500 logo ao fazer desta recebeu e se lhe deram e serão obrigados dar-lhe outra tanta quantia no fim do mês de outubro próximo deste mesmo ano e no fim de dezembro deste mesmo ano, tempo em que há de assentar ao menos a terça parte da dita obra, na forma que dito fica e assentada que seja esta se lhe dará o terceiro pagamento, que serão outros 87\$000 e no fim da dita obra, assentada toda que seja, receberá o último quartel, que serão outros tantos 87\$500, com que ficará pago e satisfeito de toda a dita quantia, ficando à satisfação do dito Nobre Senado, na forma do dito risco, sem a menor diminuição, sujeitando-se sempre a eles e dados que sejam os ditos pagamentos, na forma declarada e recebendo-os, dará recibos ou assinará termos de como os recebe, na forma que mais convenha ao dito Nobre Senado, o qual se obrigam cumprir o conteúdo desta escritura, obrigando os rendimentos e dinheiro que pertencer ao dito Senhor Santo António e logo eu, tabelião, em casa do dito imaginário Manuel Martins por se achar este impedido, por doença e não poder ir a casa do dito Nobre Senado, por ele me foi dito, presente as testemunhas em o fim desta assinadas, que dou fé serem pessoas conhecidas de mim, tabelião, por ele me foi dito, lendo-lhe a dita escritura acima, explicando-lhes as cláusulas e condições dela, que ele estava por todo o mencionado nela e se obriga a tudo cumprir e não faltar a tudo o que nela se declarou, tudo sob obrigação de sua pessoa e todos seus bens, assim móveis como de raiz, havidos e por haver, donde quer que forem havidos e achados e de como assim o disse, presentes as mesmas testemunhas, continuei esta dita escritura que todos ali foram e assinaram de sua costumada forma, comigo, tabelião, Clemente Velho de Sarre, que o escrevi, que foram as testemunhas que presente estavam João Batista, mestre carpinteiro e ensamblador e Francisco Xavier Guedelha, imaginário e Tomé da Costa, da mesma arte, todos desta cidade e eu, sobredito, o escrevi. (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Clemente Velho de Sarre, 1741, fls.91 vº a 93 e LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 189 a 191).*

## Documento 22

1741. Manuel Martins e a família confessam-se na Quaresma, na igreja matriz de São Pedro, em Faro.

*Rua de Jerónimo Dias:*

*(...) Manuel Martins confessou-se e comungou.*

*Maria Josefa, sua mulher, confessou-se e comungou.*

*Águeda Severina, sua filha, confessou-se e comungou.*

*Maria Josefa, filha, confessou-se e comungou.*

*Simpliciana Maria, criada, confessou-se e comungou.*

(Arquivo da igreja matriz de São Pedro de Faro, *Rol dos confessados da igreja matriz de São Pedro da cidade de Faro. Ano de 1741*, fls. sem numeração).

## Documento 23

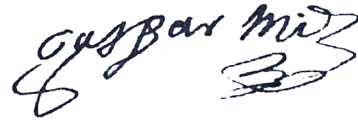
1742, 5 de setembro. Testamento de Manuel Martins.

*Testamento de Manuel Martins, imaginário desta cidade.*

*Saibam quantos este público instrumento de testamento e última vontade virem, como no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1742, em os 5 dias do mês de setembro deste ano, nesta cidade de Faro e casas de morada de Manuel Martins, imaginário, onde eu, tabelião, ao diante nomeado, fui chamado para o presente testamento, o qual dito Manuel Martins estava aí presente, doente de doença natural, que Deus Nosso Senhor foi servido dar-lhe, por em seu juízo e entendimento segundo o meu parecer e das testemunhas que presentes estavam, abaixo assinadas, que dou fé serem as próprias e logo pelo dito Manuel Martins foi dito a mim, tabelião, presente das mesmas testemunhas, que por temer a morte que é causa natural e ignorar a hora em que Deus Nosso Senhor seja servido o levar, pedia a mim, tabelião, lhe escrevesse seu testamento, o que logo eu, tabelião, satisfiz pela forma seguinte: disse ele, testador, crer na Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, três pessoas em um só Deus e em cuja fé vive e protesta seu Deus. Item disse, que sendo caso Nosso Senhor o levar, quer seu corpo seja amortalhado em um hábito do seráfico Padre São Francisco de esmola de dois mil réis e sepultado seu corpo na igreja matriz de São Pedro, sua freguesia e de oferta deixa um alqueire de trigo e um almude de vinho e que a preparação do seu enterra deixa à atenção de sua mulher Maria Teresa que fará o que melhor lhe parecer, segundo as suas possibilidades. Item disse ele, testador quer que de corpo presente se lhe digam por sua alma doze missas rezadas com a esmola de cento e vinte réis cada uma e que no mesmo dia se lhe faça por sua alma um ofício cantado com a esmola costumada. Item disse ele, testador, quer que por sua alma, no decurso do ano, se lhe digam cinquenta missas rezadas e por seu encargo dez e ao Anjo da sua Guarda uma e outra à Senhora da Boa Morte e outra a Jesus Nazareno e pelas almas de seus pais que se digam quatro, todas estas missas acima nomeadas com esmola cada uma de cento e vinte réis, as quais mandará dizer sua testamenteira por quem lhe parecer e aonde quiser. Item disse ele, testador, deixa de esmola ao Senhor Nazareno do colégio da Companhia de Jesus cinco mil réis para a-*

*juda do seu custo. Item disse ele, testador, que o que se achar é de suas filhas, assim de posses de ouro como de prata e vestidos de seu uso e que se não lhes inventarie porquanto elas o ganharam por suas rendas e costuras. Item disse ele, testador, que tudo o que remanescer e sobrar de sua terça o deixa às suas filhas por ser assim sua última e deliberada vontade, as quais nomeia por suas naturais herdeiras e nomeia por sua testamenteira e procuradora de sua alma a dita sua mulher Maria Josefa e para ajudar a dita sua mulher no cumprimento deste seu testamento nomeia o seu cunhado João Baptista, mestre carpinteiro desta cidade, aos quais pede pelo amor de Deus usem (?) com a sua alma como neles confia, assim como ele faria se de sua parte lhe fosse pedido e pedirá à dita sua testamenteira cumpra este seu testamento dentro do tempo de dois anos pelo que renega qualquer outro testamento que antes deste tenha feito, somente que este valha como nele se contém na melhor via e forma de direito. Em fé e testemunho de verdade assim o outorgou, aceitou e assinou a seu rogo por ele, testador, não estar capaz de o fazer com a sua própria, mão Francisco Xavier Guedelha, por ele assim o pedir, sendo testemunha Tomé da Costa e Francisco Tavares, entalhadores e Gabriel Rodrigues, cordoeiro, João Baptista, serralheiro e Manuel da Cruz, entalhador, todos desta cidade, que assinaram com o dito testador e eu Clemente Velho de Sarre, tabelião, que o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Clemente Velho de Sarre, 1742, fls. 110 vº a 112; LAMEIRA, 2000, pp. 396 e 397).*

#### Documento 24



1699, 1702 e 1708. Indicações dadas nas visitasões à igreja matriz de Silves relativas à feitura do retábulo da capela do Santíssimo.

-1699 (...) Mando que se cobre o dinheiro dos ditos prometimentos prontamente e deles se faça com a brevidade possível um retábulo novo para a dita capela.

-1702 (...) Por se achar muito danificado e indecente o retábulo da capela do Santíssimo Sacramento, mando, que por conta da renda do pé do altar que se aplica à Fábrica, se mande fazer um retábulo novo de talha e dourado com toda a perfeição na capela que lhe fica correspondente da parte da Epístola e que em ele se coloque o Divino Sacramento por ficar a dita capela mais proporcionada e com luz, o que a outra não tem.

-1708 (...) achamos a capela do Senhor com alguma indecência no ornato dela, porém, como se está esperando novo retábulo e sacrário (Arquivo paroquial de Silves, Livro das Visitasões da igreja matriz de Silves, 1638 a 1742, fl. 39, 44 e 50 vº).

## Documento 25

1703 a 1709. Pagamentos efetuados por conta da feitura do retábulo da capela do Santíssimo na igreja da Sé, em Silves.

-19 de maio de 1703 (...) *tirámos do cofre da renda do pé do altar 46\$500 réis que se entregaram a João batista, morador em a cidade de Faro, a saber 3\$000 réis para o aluguer das bestas e os 43\$500 réis por conta da obra do retábulo que faz para a capela do Santíssimo Sacramento desta sé.*

-30\$000 réis (...) *a João Batista, da cidade de Faro, à conta do retábulo para o Santíssimo desta sé, por mão, digo os quais recebeu por mão de João Duarte, de Monchique, oficial de carpinteiro.*

-12 de outubro de 1703 (...) *15\$000 réis (...) a João Batista Severino morador em a cidade de Faro, por conta do retábulo para a capela do Senhor.*

-23 de outubro de 1703 (...) *47\$100 réis (...) a João Duarte carpinteiro, morador em Monchique, por conta de João Batista Severino, oficial de escultor.*

-20 de maio de 1706 (...) *30\$000 réis para se darem a Gaspar Martins, oficial de escultor, à conta do retábulo da capela do Senhor.*

-16 de junho de 1706 (...) *30\$000 réis (...) a Gaspar Martins, escultor da cidade de Faro por conta da obra do retábulo da capela que está fazendo.*

-9 de fevereiro de 1707 (...) *a Gaspar Martins, escultor por conta da obra do retábulo que está fazendo para o Senhor.*

-4 de novembro de 1708

(...) *146\$310 réis que se entregaram a Gaspar Martins que acabou o retábulo da capela do Santíssimo com o qual dinheiro se lhe fez a quantia de 500\$000 réis fora os 3 das cavalgadas em que vieram, quando ajustaram a obra como consta do termo a fl. 13 e assim mais recebeu 20\$000 réis do custo que se fez enquanto assentou o retábulo.*

-22 de fevereiro de 1709 (...) *mais oito moedas dos dias que gastou em ir e vir forrar o sacrário e acabar de compor o retábulo.*

-24 de novembro de 1709 (...) *gasto da trasladação do Santíssimo para a sua capela nova (Arquivo paroquial de Silves, Livro da Despesa da renda do pé do altar que as Mesas episcopal e capitular devem a esta igreja de Silves, de 1699 a 1739, fls. 13, 13 vº, 14, 14 vº, 15, 18, 18vº, 24 e 25 vº).*

## Documento 26

1705. Gaspar Martins testemunha na devassa feita pelo bispo D. António Pereira da Silva

contra o seu irmão, Manuel Martins.

*Disse que na Rua do Forno de Luís Morais mora Catarina Martins, casada com Gaspar dos reis soldado, o qual é parente dele testemunha, em cuja casa entra seu irmão, dele testemunha, Manuel Martins com alguma frequência, sendo primo segundo do dito Gaspar dos Reis e se murmura na vizinhança desta entrada por ser muito repetida, como ele testemunha também, o que dá algum escândalo e pede a Sua Ilustríssima ponha nisso emenda (Biblioteca do Paço Episcopal de Faro, Livro da visita da cidade de Faro e seu termo, de 1705 - 1706, fl. 101; LAMEIRA, 1987, p. 26).*

### Documento 27

1706. Escritura de ajuste de um retábulo na igreja da sé de Silves.

*Escritura de obrigação de fazer um retábulo que faz João Baptista e seu cunhado Gaspar Martins, imaginários, moradores nesta cidade com o reverendo prior Manuel de Moura, encomendado na sé de Silves.*

*Saibam quantos este público instrumento de obrigação virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1706 anos, sendo aos 8 dias do mês de março do dito ano, nesta cidade de Faro, nas pousadas de mim, tabelião, ao diante nomeado, pareceram e foram presentes João Baptista e seu cunhado Gaspar Martins, imaginários e moradores nesta cidade, pessoas que eu, tabelião bem conheço e dou fé serem os mesmos por que aqui se nomeiam e logo por eles, ditos João Batista e Gaspar Martins me foi dito a mim, tabelião, presentes as testemunhas no fim desta nomeadas e assinadas, que eles haviam ajustado com o reverendo prior e eleitos da sé de Silves para lhes fazer um retábulo para a dita santa sé (...) com sua tribuna entalhada, tudo por preço de 750\$000 réis de que temos recebido à conta para as madeiras 200\$000 réis e nos obrigamos a fazer o dito retábulo e dá-lo assentado dentro de dois anos e sete meses, o qual tempo começou por São João Batista do ano próximo de 1705 e nos obrigamos a não faltar com a dita obra para o que lhes irão dando dinheiro que lhes for necessário para as madeiras e gastos com o retábulo, vamos já trabalhando nele com todo o cuidado e sendo necessário dinheiro, nele entregarão daquele resto, ficando-lhe na mão sempre para o fim da obra 100\$000 réis para o que nos obrigamos a não faltar com a dita obra acabada e assentada no dito tempo e ficando obrigados um por outro e outro por outro, sob obrigação de suas pessoas e bens, móveis e de raiz, havidos e por haver, donde quer que forem havidos e achados e pelo melhor parado de cada um deles, a não faltar com a dita obra em o dito tempo ajustado e assim querem e são contentes que esta escritura de obrigação em tudo se*

*cumpra e guarde assim firme e valiosa assim e da maneira que nela se contém e na melhor forma que em direito se pode e lugar haja para sua validade, a qual eu, tabelião, fiz a seus rogos em fé e testemunho de verdade, assim o outorgaram, aceitaram e ajustaram de que foram a tudo testemunhas presentes, de que dão por seus fiadores e principais pagadores a todo o dinheiro que receberem a Francisco Pereira e Manuel Martins, carpinteiros desta cidade, pelos quais me foi dito que eles ficavam por fiadores e principais pagadores a tudo o que os sobreditos receberem e obrigados pela dita obra, sob obrigação de suas pessoas e bens, móveis e de raiz, havidos e por haver, donde quer que forem havidos e achados, em fé e testemunho de verdade assim o outorgaram, assinaram e aceitaram de que a tudo foram testemunhas presentes João (...) e João (...), mareantes desta cidade, que todos assinaram e eu, Manuel Lopes Valada, que o escrevi (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Manuel Lopes Valada, 1706, fls. 74 e vº; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 242 e 243).*

## Documento 28

1709. Pagamento efetuado pela feitura da imagem de Nossa Senhora da Conceição para a igreja matriz de Silves.

*-22 de fevereiro de 1709 (...) oito moedas novas que recebeu Gaspar Martins do custo da imagem da Conceição (Arquivo paroquial de Silves, Livro da Despesa da renda do pé do altar que as Mesas episcopal e capitular devem a esta igreja de Silves, de 1699 a 1739, fl.25 vº).*

## Documento 29

1712 e 1719. Gaspar Martins inscreve-se, em 1712, como irmão da ordem terceira do Carmo em Faro e seu irmão Vicente Martins sete anos depois.

*Gaspar Martins, entalhador, casado, filho de Amaro Martins e de Maria da Conceição tomou o hábito da nossa venerável ordem terceira, na era supra.*

*Nota à margem: Faleceu a 11 de fevereiro de 1746 e está sepultado na nossa igreja na sepultura nº 6, aos doze dias do dito mês.*

*Vicente Martins, morador na cidade de Faro, casado com a nossa irmã Brites de Oliveira, oficial de carpinteiro, filho de Amaro Martins e de Maria da Conceição. Recebeu hábito da nossa venerável ordem terceira em o 1.º de agosto de 1717.*

(Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, Livro 1º dos assentos, de 1712 a 1736, fl. 9 vº e

59 v<sup>o</sup>).

### Documento 30

1716. Contrato para a execução do retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora da Piedade de Loulé.

*Contrato e obrigação que faz Gaspar Martins, escultor, morador na cidade de Faro ao Doutor Filipe Peixoto de Moura, Juiz de Fora desta vila e reitor da confraria de Nossa Senhora da Piedade desta vila.*

*Saibam quantos este público instrumento de contrato e obrigação virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1716 anos, sendo aos 10 dias do mês de maio do dito ano, em esta notável vila de Loulé, em as pousadas do doutor Filipe Peixoto de Moura, Juiz de Fora desta vila, aonde eu, público tabelião de notas, ao diante nomeado, fui por ser chamado, estando aí presente em sua própria pessoa Gaspar Martins, mestre escultor, morador na cidade de Faro, pessoa que eu, tabelião, dou minha fé ser o próprio aqui nomeado e por ele me foi dito a mim, tabelião, em presença das testemunhas no fim deste instrumento de obrigação nomeadas e assinadas que ele, de sua boa e livre vontade, sem força de constrangimento de pessoa alguma nem de outra coisa que a isso o obrigasse mais que a sua própria conveniência, lhe aprovara de contratar, como com efeito tem contrato, com o doutor Filipe Peixoto de Moura, Juiz de Fora em esta vila e seu termo e reitor da confraria de Nossa Senhora da Piedade para efeito de fazer um retábulo para a capela da dita Senhora da Piedade, com quatro colunas salomónicas e nicho grande para a Senhora e com dois nichos pequenos nas bandas e arco de cima, salomónico, tudo por preço e quantia certa, logo nomeada de 90\$000 dos quais recebeu quatro moedas de ouro e sinal e que por todo o mês de agosto deste presente ano se obriga a dá-lo acabado e que enquanto fizer o dito retábulo lhe irá dando dinheiro que lhe for necessário até fazer 60\$000 e os 30\$000 lhe darão depois de toda a obra estar finda e para tudo cumprir disse que obrigava sua pessoa e todos os seus bens, móveis e de raiz, presentes e futuros, onde quer que forem havidos e achados e o mais bem parado de todos eles e por estar presente o doutor Filipe Peixoto de Moura, Juiz de Fora em esta dita vila e seu termo e reitor da confraria de Nossa Senhora da Piedade e por ele me foi dito, perante as mesmas testemunhas, que ele aceitava o dito contrato na forma sobredita e se obrigava à dita satisfação pelos bens e rendas da dita confraria e por de tudo serem contentes mandaram fazer este instrumento de contrato que outorgaram e assinaram e foram dele contentes, o qual eu, tabelião, a seus rogos fiz e como pessoa pública e estipulante e aceitante o estipulei e aceitei em nome das pessoas a tudo isto ausentes a quem toca e tocar pode e o li,*

*sendo a tudo testemunhas presentes, que aqui assinaram, João Batista Beles, escrivão das Armas desta vila, Pedro Cardoso Freire, escrivão da Câmara e Francisco da Silva, escrivão do Geral e eu, José Rodrigues Ramos, tabelião de notas, que o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Loulé, Livro do tabelião José Rodrigues Ramos, 1716 fls. 53 e vº; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 217 e 218.).*

### Documento 31

1718. Ajuste do retábulo da ermida de Santo António de Lagos.

*Escritura de obrigação que faz Gaspar Martins, marceneiro desta cidade.*

*Saibam quantos este publico instrumento de obrigação e contrato virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e dezoito, nesta cidade de Faro, nas pousadas de mim, tabelião, ao diante nomeado, aí pareceu e foi presente Gaspar Martins, marceneiro e entalhador, morador nesta cidade, pessoa que dou fé ser a própria qui conteúda e logo por ele foi adito a mim, tabelião, presentes as testemunhas no fim deste nomeadas e assinadas, que ele havia contratado e ajustado com Francisco Martins da Costa, Capitão de Granadeiros do Regimento da comarca de Lagos, como procurador da irmandade do Senhor Santo António na dita cidade para haver de lhe fazer um retábulo conforme um rascunho em que, digo rascunho que se acha por ele assinado por o achar feito e acabado e posto por todo o mês de outubro do ano inteiro próximo de 1719 e isto por preço e quantia certa de 612\$000 réis, cujo retábulo será com sua sacra e suas ilhargas a que chamam lavabo e evangelho, cujo retábulo se deixa ver no dito rascunho que ficará em poder do dito procurador da dita irmandade e por assim ser disse ele, o dito Gaspar Martins, que muito de sua livre vontade, sem confrangimento de pessoa alguma, queria e era contente fazer o dito retábulo para a dita igreja, digo à dita capela do Senhor Santo António da cidade de Lagos pelo dito preço de 612\$000 réis, na forma do dito rascunho e contrato que com o dito procurador havia feito e disse se obrigava por sua pessoa e bens, presentes e futuros e pelos mais bens parados dele, a dar feito e acabado e perfeito o dito retábulo por todo o mês de outubro do sobredito ano de 1719 e a pô-lo na dita capela à sua própria custa, sem que possa por ele pedir mais que o preço deste dito contrato que foi dito, 612\$000 mil réis, de cuja quantia logo confessou a mim, tabelião, perante as ditas testemunhas, estava já entregue de 150\$000, de cuja, digo réis que tanto havia recebido de mão e poder do dito procurador da dita irmandade e se lhe restava para satisfação do preço deste contrato 462\$000 réis, que lhe seria pago em três pagamentos, sendo o primeiro em o mês de outubro deste presente ano de 1718 e o segundo em o mês de abril do ano futuro de 1719 e o terceiro e último no tempo*

em que tiver posto, perfeito e acabado o dito retábulo e que para haver de o pôr será a dita irmandade obrigada a dar-lhe prontas as madeiras necessárias para os andaimes como também a fazer a dita Irmandade ou mandar-lhe fazer a parede que for necessária para poder assentar o dito retábulo e que nesta forma, com estas obrigações e condições há por ajustado e contratado o fazer o dito retábulo que se obriga a cumprir e guardar como neste se assenta e logo sendo presente o dito procurador da dita irmandade, o capitão Francisco Martins da Costa, pessoa que dou fé ser o próprio aqui conteúdo e por ele foi dito, presentes as ditas testemunhas, que ele aceitava tudo o mencionado e declarado nesta escritura e por ela o dito retábulo na forma do dito rascunho que ao fazer desta escrituração confessou tinha em seu poder, assinado pelo dito mestre Gaspar Martins e se obrigava em nome da dita Irmandade a fazer prontos os três pagamentos na forma que nesta escritura se fez declarado e se obrigava pelos bens e rendas dela ajustar-lhe o dito retábulo e pagar-lhe na forma referida e em tudo um e outro que eram contentes que esta se cumpra e garante como nela se assenta. E a procuração é do teor seguinte: Por esta a nosso rogo feito e por nós assinada, dizem o juiz e mais irmãos da irmandade do Glorioso Santo António, padroeiro do Regimento da Praça de Lagos, que nós fazemos e constituímos por nosso certo e bastante procurador tanto quanto em direito se requer e mais pode e deve valer, com poder de restabelecer em um e muitos procuradores e renegar o que lhe parecer, ficando esta sempre firme e valiosa para dela usar o senhor capitão Francisco Martins da Costa, irmão da Mesa do Glorioso Santo, para que por nós e em nosso nome possa ajustar uma tribuna que entendemos fazer na igreja do mesmo Santo, na forma do rascunho que fez o mestre entalhador Gaspar Martins, morador na cidade de Faro e tudo o que por ele, dito nosso procurador, for certo e obrado, poderá em nosso nome assinar a escritura para o altar, obrigações com todas as condições e declarações necessárias e se nesta procuração faltar alguma cláusula ou cláusulas em direito necessárias, as havemos por expressas e declaradas, como se da substância dela fizemos declarada menção. Lagos, 31 de março de 1718 – Álvaro Pereira Lacerda – Manuel da Costa de Sampaio – Baltazar Fernandes Banha – Simões Pereira – Manuel Marreiros de Matos – Marcos da Silva – Bartolomeu Viana – João Velho da Silva – Manuel Afonso – Rodrigo Gomes Machado – António Caldeira Castelo Branco – Manuel Correia da Silva – Francisco Martins da Costa. E não dei procurações(?), que toda aqui traslado, bem e fielmente na verdade, a qual me reposto que a tornei a entregar ao dito Capitão Francisco Martins da Costa e de como a recebeu e assinou aqui comigo, tabelião, em fé e testemunho de verdade e assim a entregara e mandara fazer a escritura com todas as cláusulas e condições nelas escritas, que tudo assinara perante as testemunhas presentes, Francisco da Cruz, João de Sousa, sapateiro, Sebastião Rodrigues, soldado pago pelo regimento desta praça, que todos assinaram e declaro que esta escritura foi feita e assinada em 12 de abril desta presente era de 1718 e

*assim declaro que o rascunho que fica na mão do dito Gaspar Martins está assinado pelo dito capitão Francisco Martins da Costa e eu, Simão da Costa Valada, tabelião de notas, que o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Simão da Costa Valada, 1718, fls. 184 a 186 vº; LAMEIRA, 2000, pp. 379 a 381).*

### Documento 32

1722. 12 de abril. Obrigação notarial em que Gaspar Martins se compromete a ensinar o ofício de entalhador.

*Cópia de um escrito de obrigação que faz Gaspar Martins, oficial de entalhador a Francisco da Silva, oficial de sapateiro, todos moradores nesta cidade de Faro.*

*Saibam quantos este público instrumento de obrigação virem que sendo no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1722 anos, sendo aos 12 dias do mês de abril do dito ano nesta cidade de Faro e pousadas de mim, tabelião, ao diante nomeado, pareceram e foram presentes Gaspar Martins, oficial de entalhador, morador nesta cidade de Faro e bem assim Francisco da Silva, oficial de sapateiro, morador nesta cidade de Faro, pessoas conhecidas de mim, tabelião e das testemunhas que dou fé serem os mesmos por que aqui se nomeiam e logo pelo dito Gaspar Martins me foi dito a mim, tabelião, em presença das testemunhas no fim desta nomeadas e assinadas, que ele se obrigava a dar ensinado a José Martins, filho do dito Francisco da Silva e de Bárbara Domingues, mulher do dito Francisco da Silva, do ofício de entalhador, capaz de poder trabalhar em qualquer tenda de qualquer mestre como oficial, pelo tempo de seis anos, com declaração de lhe dar o dito Francisco da Silva logo ao fazer deste escrito duas moedas e no fim dos sitos seis anos outras duas moedas pelo ensino do sito seu filho José Martins e declara ele, dito Gaspar Martins, entalhador, que o dito Francisco da Silva se obriga a sustentar seu filho de comer e beber, vestir e calçar e todas as vezes que o dito José Martins faltar da tenda do seu mestre obriga o dito seu pai a dar conta dele e todas as vezes que qualquer, digo que o dito Francisco da Silva faltar a qualquer destas cláusulas não poderá o dito Gaspar Martins a dar ensinado o dito seu filho e a mesma declaração se fez sobre o dito Gaspar Martins, entalhador, que faltando a qualquer das obrigações acima declaradas não poderá o dito Francisco da Silva ser obrigado com obrigação alguma e em fé e testemunho de verdade assim o outorgaram e aceitaram, sendo a tudo testemunhas presentes Manuel Correia, oficial de carpinteiro e Manuel Neto, solteiro, todos moradores nesta cidade de Faro e eu, José Baptista, tabelião de notas o escrevi (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião José Baptista, 1722, fls. 21 vº a 22 vº; LAMEIRA, 2000, pp. 384 e 385).*

### Documento 33

1726. Escritura para a execução do retábulo das Almas e as imagens de Santa Bárbara e São Gregório para a igreja matriz de Estoi.

*Obrigação e contrato que faz o recebedor da confraria das Almas da igreja de São Martinho do lugar de Estoi com Gaspar Martins, imaginário desta cidade.*

*Saibam quantos este público instrumento de contrato e ajuste e obrigação virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1726 anos, sendo aos 21 dias do mês de janeiro do dito ano, nesta cidade de Faro e pousadas de mim tabelião, ao diante nomeado, aonde foram presentes Francisco Viegas, morador na freguesia de Estoi, sítio da Amendoeira, recebedor da confraria das Almas, sita na igreja matriz de São Martinho de Estoi e isto de uma parte e da outra foi presente Gaspar Martins, imaginário, morador nesta cidade, pessoas que eu tabelião conheço e dou fé serem os próprios aqui nomeados e logo pelo recebedor Francisco Viegas foi dito, na presença das testemunhas, que ele havia ajustado e contratado com o dito Gaspar Martins, imaginário, para este fazer um retábulo para a dita confraria das Almas, cujo ajuste e contrato e obrigação é pela maneira seguinte: que o dito Gaspar Martins será obrigado a fazer o dito retábulo para a dita capela e dá-lo feito e acabado até o dia de São João Batista deste presente ano, cujo retábulo será feito pela ordem da planta que pára em poder do dito Gaspar Martins, sem diminuição alguma do que consta da dita planta e demais a mais do que contém a dita planta fazer o dito Gaspar Martins duas imagens, uma de Santa Bárbara e outra de São Gregório, do tamanho que se possam as ditas imagens acomodar no dito retábulo, o qual será feito e acabado como dito fica até o dia de São João Batista com toda a perfeição e arte do dito officio e se lhe dará logo ao dito Gaspar Martins à entrada da dita obra 35\$000 e no fim dela o resto que falta para a quantia de 75\$000, preço por que se havia ajustado o dito retábulo com o dito Gaspar Martins, em caso que a esta lhe seja necessário algum dinheiro até do que agora recebe, no tempo vindouro em que estiver fazendo a dita obra se lhe dará, sem falta alguma, dando este recibo do que for recebendo para se lhe abater no fim da obra quando se lhe fizer entrega do resto que se lhe deve, cuja quantia dos 35\$000, logo o dito Gaspar Martins recebeu da mão e poder do dito recebedor, na presença das mesmas testemunhas, em dinheiro de contado, boa moeda, corrente neste Reino de Portugal e que outrossim findo e acabado o dito retábulo e pronto para se assentar na dita capela, fica ele, dito recebedor, obrigado dar escápulas e mais petrechos necessários para se assentar o dito retábulo ao dito Gaspar Martins, o que será por conta da dita confraria e que outrossim no caso que o dito Gaspar Martins não dê a dita obra acabada no fim do tempo determinado até o dia de São João Batista que lhe será necessário para o acabar mais quinze ou*

*dezasseis dias para o poder pôr corrente se lha haverá respeito a estes e no caso que a esta obrigação falte o dito Gaspar Martins ficará este obrigado a satisfazer e repor a dita quantia de 35\$000 que de presente recebeu como também o mais dinheiro que tiver recebido e constar por recibos seus e que por esta maneira ele, dito recebedor, faz este ajuste e contrato na forma que fica dito na presença das mesmas testemunhas, que ele aceitava esta escritura e todo o mencionado nela e queria e era contente estar por todas as cláusulas e condições nelas mencionadas e que se obriga por sua pessoa e todos seus bens, móveis e de raiz, havidos e por haver, a dar cumprimento a esta escritura e tudo o mencionado nela, sem falta alguma e logo confessou ele, dito Gaspar Martins, se dava por entregue os ditos 35\$000 que recebeu da mão do dito recebedor e que se obriga fazer o dito retábulo na forma que da planta consta, sem diminuição alguma e outrossim fazer as ditas duas imagens na forma que atrás nessa se declara e assim por esta maneira disseram eles partes, uns e outros, querem e são contentes que em tudo esta escritura se cumpra e guarde como nela se contém e outrossim declarou ele, dito Gaspar Martins, que a dita Confraria será obrigada ao carreto e condução do dito retábulo desta cidade para o dito lugar de Estoi ao que tudo foram testemunhas presentes João Correia da Gama, furriel-mor do Regimento desta praça e Francisco Rodrigues Rascão, juiz da freguesia de Estoi, que todos assinaram e eu, Inácio Martins da Palma, que o escrevi. (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Inácio Martins da Palma, 1726 fls. 68 a 69; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 145 e 146).*

### Documento 34

1728. Duas posturas camarárias respeitantes aos oficiais mecânicos de Faro.

*Título das posturas dos oficiais mecânicos desta cidade*

*Título das posturas que nenhum oficial de ofício mecânico não possa pôr tenda de seu ofício nem trabalhar nele por si só, sem primeiro ser examinado pelos juizes de seu ofício, de que tirarão carta de examinação da Câmara, assinada pelo juiz ou vereadores do termo, sob pena de qualquer que o contrário, fizer pagar por cada vez quinhentos réis, a metade para quem acusar e a outra metade para o Concelho e eu, Simão Fernandes Durão, escrivão da Câmara, que o subscrevi. (Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Faro, Livro das Posturas de Faro, de 1728 a 1816, 1728, fl. 6; LAMEIRA, 2000, p. 385).*

### Documento 35

1730. Ajuste do retábulo de Nossa Senhora do Carmo, na igreja conventual dos eremitas

de São Paulo, em Tavira.

*Contrato que fizeram os irmãos da Mesa de Nossa Senhora do Carmo com Gaspar Martins, para fazer o seu retábulo para a capela.*

*Saibam quantos este público instrumento de contrato virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus de 1730 anos, sendo aos 30 dias do mês de julho do dito ano, nesta cidade de Tavira e casas de morada de mim, tabelião, ao diante nomeado, estando aí presente Gaspar Martins, morador na cidade de Faro, ora assente nesta cidade, escultor e entalhador de madeira e isto de uma parte e de outra os irmãos do Monte do Carmo, sita no convento de São Paulo desta cidade, que são as pessoas seguintes, a saber, o doutor José Faleiro do Ó, prior e o reverendo padre doutor Miguel da Silva Correia, subprior; André Fialho Frei, definidor, digo Freire, definidor; Vicente Neto, definidor; Manuel Reis de Sousa, definidor e o reverendo padre João André Mourato, secretário; José Correia, procurador da dita ordem terceira, moradores nesta dita cidade, os quais todos, uns e outros, eu, tabelião, muito bem conheço, que dou fé serem os próprios aqui declarados, logo pelos ditos irmãos da mesa da dita Senhora do Monte do Carmo, acima declarados, que presentes estavam, foi dito e outorgado a mim, tabelião, em presença das testemunhas ao diante assinadas que era verdade, que eles tinham ajustado com o dito Gaspar Martins, que presente estava, para que este faça o retábulo da capela, a tribuna dela, de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na forma e risco, digo na forma da planta e risco, que há de ser triangular, feito com toda a obra levantada, a talha e as colunas serão feitas ao salomónico, com cachos de uvas, com seus meninos e o arco da dita capela será entalhado com sua guarnição por cima dele e por cima da dita guarnição terá cimalha de talha da qual dela de canto um menino, como também no meio do vértice da dita obra, com seus atributos da Senhora e a tribuna será pelo fundo dela, de todas as três partes, aparelhado de talha, exceto aonde não aparecer o dito aparelhado, a qual obra será feita de madeira de castanho e bordo, sem no dito retábulo lhe meter outra alguma madeira, com a condição de que assim se faça e sendo caso que a dita madeira tenha salgado ficará ele, dito mestre, obrigado a fazer a dita obra da dita madeira, livre do salgado e será o que a segunda vez se fizer por sua conta, por causa do dito salgado, a dita obra e será obrigado a fazer no trono da dita Senhora, nos lados dela duas peanhas para o Senhor São Joaquim e a Senhora Santa Ana e no centro delas, das colunas do retábulo fará duas pirâmides para os santos patronos da ordem do Carmo na forma do risco, esta dita obra acima declarada será obrigado o dito mestre dar feita e acabada ao fim de maio de 1731 anos, com condição que será obrigado ele, dito mestre, a dar feito e assentado o que pertence ao triangular e o todo o mais retábulo e tribuna, exceto o arco de fora até Natal deste presente ano e sendo caso que falte nos ditos*

com a obra que está repartida como não seja algum contratempo que não está na mão dos homens evitá-lo, será obrigado a fazer à sua custa duas imagens, uma de Santo Elias e outra de Santa Teresa, que tenham seis palmos cada uma, de madeira de castanho, no que convieram por modo de pena e como sinal por, digo, para que sem falência alguma tenha cumprimento este contrato para cujo efeito obriga a dita venerável ordem a dar e pagar a ele, dito mestre, 240\$000 réis e ao assinar desta escritura recebeu logo vinte moedas de ouro de 4\$800 réis cada uma da mão do reverendo padre Martinho Correia da Silva, tesoureiro da dita ordem, quando ele, dito mestre assentar a dita obra triangular acima referida pelo Natal deste presente ano se lhe dará dez moedas de ouro de 4\$800 réis cada uma e as últimas vinte moedas de ouro com que se perfaz o preço da dita obra lhe serão satisfeitos quando finalizar toda a obra e com todas estas condições hão de por bem os ditos irmãos da dita mesa da dita ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de darem a dita obra acima referida ao dito mestre pelo dito preço de 240\$000 réis e eles se obrigam a satisfazer ao dito mestre, o qual sendo presente foi dito e outorgado a mim, tabelião, em presença das testemunhas que ele tomará e assistirá a dita obra nesta escritura declarada pelos ditos 240\$000 réis nesta escritura declarados e a dar cumprimento a todas as condições nesta escritura declaradas para o que obrigou sua pessoa, digo sua pessoa e todos os seus bens, assim móveis como de raiz e de todos os seus herdeiros sem a nada ter dúvida nem embargo algum e mais firmemente não se arrependerem, ele e cada um deles partes outorgantes, de quanto aqui fica dito nesta escritura, sob pena de que qualquer deles fazendo o contrário deve pagar com todos os custos, gastos, despesas, perdas e danos que sobre tal caso que qualquer deles fizerem, tiverem e receberem, sendo prejuízo e todavia eles e cada uma delas, partes outorgantes, pela parte que cada um deles esta escritura cumprirem, sem que com efeito e em tudo e por tudo, assim e da maneira que nele se contém, sem a nada terem dúvida nem embargo algum e em testemunho de fé e em verdade de tudo, assim outorgaram e mandaram ser feito este público instrumento de contrato para eles todos, partes outorgantes, outorgado e assinado e em tudo assistida aquela escritura, assim e na maneira que nela se contém e eu, tabelião, em presença das mesmas testemunhas li a estas partes contraentes que disseram estar feita a sua vontade, testemunhas que presentes estavam Domingos Vaz Listão e Manuel Fernandes, aprendizes de carpinteiro, moradores nesta cidade e eu, Agostinho de Andrade Pestana, tabelião de notas, que o escrevi (Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Tavira, Livro do tabelião Agostinho de Andrade Pestana, 1730, fls. 25 vº a 27; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 255 a 257).

## Documento 36

1734. Contrato para a feitura do retábulo do Santíssimo na igreja matriz de São Pedro, em Faro.

*Escritura de obrigação e contrato que fazem a confraria do Santíssimo da matriz de São Pedro de Faro com o mestre entalhador Gaspar Martins.*

*Saibam quantos este público instrumento de contrato e obrigação virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1734 anos, em os 15 dias do mês de fevereiro do dito ano, nesta cidade de Faro e igreja de São Pedro, donde eu, tabelião, ao diante nomeado fui e aí estavam presentes o sargento-mor desta praça Francisco Martins da Costa como juiz da confraria do Santíssimo Sacramento da dita igreja de São Pedro, o escrivão Gabriel Pires, mercador e o recebedor ajudante Sebastião Dionísio e bem assim estava presente Gaspar Martins, entalhador, todos moradores em esta dita cidade, pessoas todas conhecidas de mim, tabelião, que dou fé serem as mesmas aqui nomeadas e logo pelos ditos juiz, escrivão e recebedor foi dito a mim, tabelião, em presença das testemunhas no fim desta nomeadas e assinadas, que eles têm ajustado e contratado com o dito Gaspar Martins, que presente estava, de este lhe fazer um retábulo com seu sacrário para a capela do Santíssimo Sacramento da dita igreja de São Pedro na forma do risco, o qual fica em poder dele, dito Gaspar Martins, com os sinais dos ditos juiz, escrivão e recebedor nas costas do dito risco, correndo por conta dele, dito Gaspar Martins, toda a ferragem e mais petrechos necessários para o assento do dito retábulo, o qual da mesma sorte correrá por sua conta, o qual este contrato é por preço e quantia certa de 505\$000 e logo ao fazer desta recebeu em presença de mim, tabelião e três recebeu, digo, de mim, tabelião, 110\$000, tudo em dinheiro de contado, boa moeda, corrente neste Reino de Portugal, sem quebra ou diminuição alguma, da mão do dito recebedor, de cuja quantia se dava por pago, entregue e satisfeito para que em dinheiro todo o tempo se abata da dita quantia e se obriga dar o dito retábulo findo e assentado na dita capela com toda a perfeição devida e sendo caso que ele, dito Gaspar Martins, não faça o dito retábulo na forma do risco e de mais valentia podendo ser, perderá a quantia de trinta moedas de ouro de 4\$800 cada uma, as quais se abaterão em a dita quantia, preço do retábulo e se mandará fazer e aperfeiçoar o que faltar por conta dele, dito Gaspar Martins e sendo presente foi dito que ele aceitava esta escritura de ajuste e obrigação com todas as cláusulas e condições nela contidas e tudo o mencionado nela, obriga sua pessoa e bens, móveis e de raiz, presentes e futuros, sem que em tempo algum por si nem por outra qualquer pessoa possa encontrar o que dito tem, com qualquer*

*qualidade de embargos ainda que de receber seja, sem que o primeiro deposite a dita quantia de 505\$000 em mão dos oficiais da dita confraria e desta maneira e com estas cláusulas e condições querem eles, partes, que esta escritura em tudo se cumpra e guarde como nela se contém e na melhor forma que em direito se possa e lugar haja para sua validade a que tudo eu, tabelião, fiz em companhia dos oficiais da dita confraria que no fim desta vão assinados, estando em mesa juntamente com o dito Gaspar Martins, que também assinou e declarou que o preço do ajuste é 550\$000 e em fé e testemunho de verdade assim o outorgaram, aceitaram e assinaram, sendo testemunhas presentes o padre Pedro Gomes Santos e o muito reverendo beneficiado Pedro José Pereira, todos desta cidade e eu, Baltazar Rodrigues Santos, tabelião de notas em esta cidade, que o escrevi. (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Baltazar Rodrigues Santos, 1734 fls. 30 vº a 31 vº; LAMEIRA, 2001 -2002, pp. 156 e 157).*

### Documento 37

1734 - 1735. Pagamento pela execução de dois santos para a ordem terceira de São Francisco de Faro.

*Despesa que fizeram os santos novos.*

*Com Gaspar Martins, por dois (santos) e madeira (Arquivo da ordem terceira de São Francisco de Faro, Livro da receita e da despesa de São Francisco, 1715 a 1761, fl. 78).*

### Documento 38

1735. Pagamento pela feitura do risco do retábulo-mor da igreja da ordem terceira do Carmo.

*Despendeu mais nosso irmão tesoureiro do dinheiro (...) 4\$800 réis que satisfez a nosso irmão Gaspar Martins, mestre imaginário pelo risco que fez para a obra do retábulo desta nossa igreja e consta da portaria e recibo junto do que vai no mesmo maço deste ano (...) maio em mesa de 9 de fevereiro de 1735 (Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, Livro da receita e da despesa da venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo desta cidade de Faro, 1720 a 1735, fl. 191 vº).*

### Documento 39

De 1736 a 1738. Termo de contas relativas à execução do retábulo da capela do Santíssimo da igreja matriz de São Pedro de Faro.

*Termo de contas que se faz com Gaspar Martins, oficial de entalhador desta cidade do que havia recebido desta confraria da mão dos recebedores Sebastião Dionísio e Manuel Jorge à conta do retábulo que está fazendo para a capela do Santíssimo desta igreja até hoje 9 de dezembro de 1736 na sacristia da irmandade do Santíssimo de São Pedro, estando aí nela o juiz e mais irmãos da dita irmandade e bem assim Gaspar Martins, oficial de entalhador desta cidade, em razão deste haver recebido algum dinheiro por conta do retábulo que fazia para a capela do Santíssimo, por parcelas, foram vistos seus recibos em a dita mesa e (...) por eles assinados e assinado pelo dito Gaspar Martins haver este recebido pelo recebedor Sebastião Dionísio pelos, digo, nos anos de seu recebimento 224.710\$, cuja quantia vai lançada no livro das contas que deu o dito recebedor e consta outrossim haver o dito Gaspar Martins recebido por conta da dita obra e retábulo do recebedor Manuel Jorge 136\$000 réis e o dito Gaspar Martins confessa haver recebido dos ditos dois recebedores, que tudo importa soma em 360\$710 réis, por conta tudo da dita obra tem recebido e de como assim é e confessou assinou este termo com o juiz e mais irmãos da dita confraria e eu o sobredito que o escrevi, Matias de Sousa da Costa que o escrevi por falta do escrivão da confraria Manuel Borges Lopes e declaro que os recibos do dito Gaspar Martins de cujas verbas e parcelas se liquidou à conta do que recebeu do recebedor Sebastião Dionísio lbe foram entregues os ditos recibos ao dito Gaspar Martins, menos os recibos do recebedor Manuel Jorge, que lbe ficam em seu poder para ajuste de suas contas com a confraria, eu o sobredito que o escrevi, Matias de Sousa da Costa. (Arquivo paroquial de São Pedro de Faro, Livro de Acórdãos da confraria do Santíssimo Sacramento de São Pedro de Faro, de 1728 a 1807, fls. 9 e 9 vº; LAMEIRA, 1987, p. 54).*

*Termo da mesa feito em 28 de outubro de 1738.*

*Aos 28 dias do mês de outubro de 1738 anos nesta igreja de São Pedro e sacristia da confraria do Santíssimo Sacramento aí estando presentes os irmãos da mesa o atual recebedor e mais irmãos dela em ausência do juiz da dita confraria por estar impedido, se assentou em mesa que o entalhador Gaspar Martins assentasse o retábulo da capela do dito Senhor à face da mesma capela porque fica mais livre das humidades que podia receber da parede, ficando metido na parede, ao que ele não tem dúvidas fazer, dando-lhe paus e pregos para pregar e segurar o dito retábulo e se assentou na dita mesa que o recebedor atual comprasse os paus que fossem necessários para os ditos (...) e que se faça (...) e segurasse direito e que o dito entalhador daria direção ao pedreiro para o que havia de fazer na dita capela para se entrar no assento do dito retábulo, de que fiz este termo, que todos assinaram e convieram no que estava determinado, eu, Manuel Borges Guedes, escrivão da dita confraria que o escrevi (Arquivo paroquial de São Pedro de Faro, Livro de Acórdãos da confraria do Santíssimo Sacramento de São Pedro de Faro, de 1728 a 1807, fls. 12 vº e 13; LAMEIRA, 1987, p. 54).*

## Documento 40

1740. Ajuste do retábulo da ermida de São Roque de Faro.

*Escritura de ajuste e contrato que fazem o juiz e mais oficiais do Senhor São Roque com Gaspar Martins, entalhador desta cidade.*

*Em nome de Deus, amém. Saibam quantos este público instrumento de ajuste e contrato virem que, no ano de nascimento de Nosso senhor Jesus Cristo de 1740 anos, sendo aos 9 dias do mês de agosto do dito ano, nesta cidade de Faro e ermida do Senhor São Roque, extramuros desta cidade, onde eu, tabelião, ao diante nomeado fui, por me ser esta distribuída e aí estavam em mesa o juiz e mais oficiais dela, no fim desta assinados e bem assim estava Manuel Martins, mestre entalhador, digo Gaspar Martins, mestre entalhador, morador na mesma cidade, pessoas todas conhecidas de mim, tabelião, que dou fé serem os próprios aqui conteúdos e declarados e logo ditos juiz e mais oficiais da dita mesa foi dito a mim, tabelião, presentes as testemunhas no fim da mesma nomeadas e assinadas, que eles têm ajustado e contratado com o dito Gaspar Martins a lhe fazer o retábulo para a capela do dito Santo, o qual há de ser feito todo de madeira de castanho, de talha crespá, bem relevante e com fundos donde o pedir a obra, na forma do risco que apresentou, que fica em poder dos oficiais da mesma Mesa e os nichos que traz o dito risco em forma de pavilhão não querem eles sejam assim senão que sejam feitos de boa talha e escultura e o do Senhor São Roque há de levar ao pé do banco do retábulo em forma de trono, de sorte que o dito retábulo há de o dito Gaspar Martins tê-lo feito e assentado de todo no dia do Santo, na era que vem de 1741 e não o tendo assentado como dito fica mandarão os ditos oficiais da Mesa acabá-lo à sua custa por oficiais do dito ofício, isto se entende à custa do dito Gaspar Martins, cujo retábulo ajustaram com o mesmo Gaspar Martins, de sua livre e espontânea vontade, sem constrangimento algum em 274\$000, cujo dinheiro se lhe há de satisfazer em três pagamentos, recebendo o primeiro quando der princípio ao dito retábulo e o segundo quando estiver meio assentado na dita capela e o terceiro e último pagamento quando estiver de todo feito, findo e acabado o dito retábulo, obrigando-se os ditos oficiais a pagarem as madeiras que vierem de Monchique para a fábrica dele, descontando-se a quantia que derem dos ditos 274\$000 que ajustaram o dito retábulo, cuja quantia da importância das ditas madeiras como a de sessenta e tantos mil réis de que o dito Gaspar Martins paga foro à dita irmandade como melhor constará de sua escritura hão de ser somadas e divididas então em três partes, as quais há de entrar nos ditos três pagamentos, ficando desta sorte somente para ele, dito Gaspar Martins, o líquido da quantia principal e a dita Mesa se ir enchendo até de todo ficar satisfeita assim do principal e juros como do que despenderem com as madeiras e logo sendo presente o dito Gaspar Martins por ele foi dito,*

*presente as mesmas testemunhas, que ele aceitava esta escritura de contrato e obrigação na forma que nela se contém e declara, ao seu cumprimento obrigava sua pessoa e bens, móveis e de raiz, onde quer que forem havidos e achados e pelo melhor parado de todos eles, sem que a este contrato e ajuste possa pôr dúvida alguma e pondo-a não será ouvido em juízo, sem primeiro depositar em juízo toda a dita quantia que tiver recebido, cuja cláusula depositaria para eu, tabelião, a pedimento dele, dito Gaspar Martins e da mesma sorte se obriga o dito juiz e mais oficiais a fazer-lhes bons os ditos pagamentos pelos bens e rendas da dita irmandade na forma que nesta escritura se contem, em fé e testemunho de verdade assim o outorgaram e assinaram e aceitaram sendo a tudo testemunhas presentes José da Silva, Manuel Rodrigues Marques e Silvestre de Brito, todos sargentos do regimento e eu, Baltasar Rodrigues Santos, tabelião, que o escrevi, por impedimento do tabelião, João Franco. (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião João Franco, 1740 fl. 17 e vº; LAMEIRA, 2001-2002, pp. 191 a 193).*

### Documento 41

1742. Ajuste da remodelação do retábulo da ordem terceira de São Francisco de Tavira.

*Obrigação e contrato que faz Gaspar Martins, imaginário, com o ministro e mais irmãos da Mesa da Venerável Ordem Terceira de Nosso Padre São Francisco de Tavira.*

*Saibam quantos este público instrumento de obrigação e contrato virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1742 anos, em os 16 dias do mês de dezembro do dito ano, nesta cidade de Faro e casas do reverendo Guilberme Parker, cônego na santa sé desta dita cidade onde eu, tabelião, ao diante nomeado fui para a presente escritura, aí estava presente como procurador que mostrou ser por sua procuração do reverendo doutor Henrique Correia Gama, morador na cidade de Tavira, ministro atual da venerável ordem terceira da Penitência do Seráfico Padre São Francisco da dita cidade de Tavira, cuja procuração neste instrumento irá incerta e da outra parte o dito, digo instrumento de (...) irá incerta e bem assim estava aí presente Gaspar Martins, mestre escultor e morador nesta dita cidade, pessoas que eu, tabelião, bem conheço serem as próprias aqui conteúdas e logo pelo dito reverendo procurador foi dito a mim, tabelião, perante as testemunhas em o fim desta nomeadas e assinadas que em virtude do poder da sua procuração tem ajustado com o dito Gaspar Martins celebrarem o presente instrumento com as cláusulas e obrigações que há de observar inteiramente na manufatura da obra do suplemento do retábulo da capela dos Terceiros da cidade de Tavira que são as mesmas com que ajustou a dita obra pessoalmente com o dito seu constituinte e mais irmãos da Mesa da dita Venerável Ordem,*

as quais em nome do seu constituinte houver, tudo de sua procuração e outorga e são as seguintes: primeiramente disse ele, dito reverendo procurador, que será obrigado o dito Gaspar Martins fazer a dita obra do suplemento do retábulo na mesma forma que tem ajustado, que é na forma de seu debuxo, sendo o nicho ou trono que há de fazer à decisão do dito seu constituinte e mais irmãos da Mesa pela melhor forma que por eles lhe for determinado e bem assim quatro anjos de três palmos e meio cada um, para cima da tribuna e a talha que fizer há de, digo que for no dito suplemento há de ser como a outra que já se acha feita de sorte que não faça divisão e pareça remendo, sendo tudo de pinho de Flandres, que será feita e acabada por todo o mês de abril que embora vier do ano de 1743, cujo fim será obrigado ir-lhe dar à mesma capela na dita cidade de Tavira para que à vista do dito seu constituinte e mais irmãos finde a dita obra à satisfação de todos na forma que eles determinarem, como dito fica e não acabada a dita obra para o referido tempo poderá o dito seu constituinte e mais irmãos meter oficiais à sua custa pelo preço que se ache até findar a dita obra e haver todo o custo dos bens dele, dito Gaspar Martins, sem que possa alegar contra esta determinação coisa alguma e bem assim a todas as que mais que por eles lhe forem determinadas em ordem e boa direção da dita obra, como ajuste tem celebrado o dito Gaspar Martins com os ditos seus constituintes na mesma forma que vão expressados neste dito instrumento por preço e quantia certa de 120\$000, cuja quantia se obrigam os ditos seus constituintes entregar-lhe pela forma seguinte: ao fazer deste instrumento 48\$000 que logo recebeu o dito Gaspar Martins, perante mim, tabelião e das testemunhas, em dinheiro de contado, moeda corrente neste Reino e senhorios de Portugal, ao resto que há de recebê-lo no fim da dita obra ao que não poderão pôr dúvida alguma, não havendo dúvida da parte do dito Gaspar Martins, o qual sendo presente disse ante as mesmas testemunhas que ele aceitava todo o conteúdo neste instrumento e se sujeitava às mesmas condições e cláusulas outorgadas pelo dito reverendo procurador por serem as mesmas com que ele havia ajustado a dita obra e que em nenhuma delas faltaria nem poderia alegar ignorância de alguma porquanto na realidade todo o estipulado é o mesmo que tem ajustado e que à segurança dos ditos 48\$000 que já tem recebido e recebeu o tal sinal desta, obriga e hipoteca uma morada de casas em que vive na Rua dos Capuchos deste dita cidade, que constavam de duas casas dianteiras, térreas e uma câmara, dois sobrados, quintais e poço, que partem com casas de Bartolomeu dos Santos, entalhador e casa de Manuel de Sousa, trabalhador e com quem mais devam (?) casas de partir (?), livres e isentas, sem foro ou isenção alguma nem hipoteca delas e bem assim mais obriga e hipoteca aos ditos 48\$000 outra morada de casas que possui na Rua do Zambujeiro desta dita cidade que constam de dois altos e dois baixos que foram somente \$750 e não tem mais foro ou pensão cujas hipotecas quer ele, dito Gaspar Martins, fiquem obrigados à segurança dos ditos 48\$000 e bem assim de alguma parte mais que for recebendo de

*acaso lhe derem, sem embargo deste (...) neste instrumento, cuja obriga faz ele e sua mulher Catarina Maria Beles, a qual tomei eu, tabelião, sua outorga para a presente escritura e disse estava por tudo o que o dito seu marido fiasse e obrigasse neste instrumento para a segurança da dita obra e quantia já recebida, nesta forma querem elas, partes, se cumpra o dito instrumento como nele se contém e na melhor forma e via de direito em o qual consultei (?) eu, tabelião a procuração seguinte: Pela presente faço meus bastantes procuradores do reverendo cónego Guilherme Parker e D. Samuel Pitts para por mim e em meu nome, como ministro que sou da Venerável Ordem da Penitência desta cidade de Tavira, para que qualquer destes ditos senhorios assinar e aceitar fiança na escritura de contrato feita com Gaspar Martins para efeito de fazer este suplemento do retábulo e o mais necessário na capela da dita Ordem por preço de 120\$000 com as mais cláusulas e condições que por qualquer dos ditos senhores forem postas na mesma escritura e tudo pelos ditos senhores feito a dou por firme sob obrigação de meus bens da dita Ordem. Tavira a 7 de setembro de 1742. Henrique Nunes Leal Gama. Não consta mais nada da dita procuração a que me reporto, a qual recebeu o dito procurador que se assinou de como a recebeu comigo, tabelião e as ditas testemunhas que foram Alexandre de Mendonça e Francisco Martins, trabalhadores e João Avendo (?) caixeiro da casa de D. Samuel Pitts, todos desta cidade e eu, Clemente Velho de Sarre, tabelião, que o escrevi e declaro eu, dito Clemente Velho Sarre, abono ao dito Gaspar Martins e fico por seu fiador e principal pagador à dita quantia referida de 48\$000 além da obrigação acima declarada ao que não poderão pôr dúvida alguma e me obrigo ao referido na melhor forma em via de direito, cuja cláusula de fiança e de direito (?) eu, tabelião, presentes as mesmas testemunhas, eu Clemente Velho Sarre, que obrigo à dita satisfação minha pessoa e bens, sobredito o escrevi. (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião Clemente Velho de Sarre, 1742 fls. 178 vº a 180, LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 246 a 248).*

## Documento 42

1747. Ajuste de contas entre a viúva de Gaspar Martins e o seu compadre João Baptista.

*Escritura de ajuste de contas e paga que fazem Catarina Maria, viúva de Gaspar Martins, entalhador e João Batista, do mesmo ofício, todos desta cidade.*

*Saibam quantos este público instrumento de escritura e ajuste de contas e paga ou como em direito melhor se possa para sua validade, virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1747 anos, sendo aos 12 dias do mês de junho do dito ano, nesta cidade de Faro e casas de morada de*

*Catarina Maria, viúva de Gaspar Martins, oficial de entalhador e morador nesta cidade, onde eu, tabelião, ao diante nomeado vim e aí sendo ela, presente estava também João Batista, entalhador e morador nesta cidade, pessoas conhecidas de mim, tabelião, que dou fé serem as próprias aqui conteúdas e logo pela dita Catarina Maria foi dito a mim, tabelião, na presença das testemunhas no fim desta nomeadas e assinadas, que depois da morte do dito seu marido, tinha ela, outorgante, ajustado com o dito João Batista, seu compadre, o compor este suas dívidas e despesas que se fizeram no funeral e enterro do dito seu marido e para estas despesas e paga das dívidas tinha dito seu compadre recebido o seguinte: do produto da venda das casas ao padre Cipriano Lopes 175\$600, da posse de outras casas e umas vinhas 36\$000, de uma obra que o dito seu marido tinha feito em Albufeira que se lhe devia 12\$000, de madeira que o dito seu compadre lhe comprou 18\$800, que tudo soma 242\$400: por esta conta despendeu o dito seu compadre o seguinte; com dez oficiais e madeira para a obra de São Roque e para findar a que o dito seu marido estava obrigado 55\$110, com os juros que se hão de pagar 23\$586, da obra de Alcantarilha, que o dito seu marido ficou devendo 20\$000, que tudo soma 98\$686, a abater mais da obra de Albufeira que o dito seu compadre ficou obrigado fazer 103\$000, recebendo o dito seu compadre por várias parcelas 36\$950, que ajustada a receita com a despesa resta dever-lhe o dito seu compadre 3\$764, recebeu mais 1\$180 e lhe fica restando 544 réis, que logo recebeu, com os quais fica pago da sobredita quantia de 242\$400 que o dito seu compadre tinha recebido, os quais despendeu pela sobredita forma e por assim ser disseram eles, outorgantes, se davam por pagos um ao outro, tanto pelo que cada um deles tinha recebido como despendido, para que de hoje em diante um nem outro possa poder reclamar ou duvidar neste ajuste porquanto muito de suas livres vontades o fazem e dão as ditas contas por ajustadas para que jamais nem eles, outorgantes, nem seus herdeiros, possam por morte alguma duvidar nem pedir coisa alguma pertencente a este ajuste, dando-se cada um por pago, entregue e satisfeito das sobreditas quantias e lhe servirá esta para que façam plenária do dito recebimento e desta sorte disseram eles, partes, querem e são contentes que esta em tudo se cumpra e guarde como nela se contem e declaro eu, como em direito melhor lugar haja para sua validade e logo eu, tabelião, li este instrumento aos contraentes e disseram conforme ajustado tinham, em fé e testemunho de verdade assim outorgaram, assinaram e aceitaram, sendo a tudo testemunhas presentes João dos Santos e João Dias, mareante desta cidade, e eu, António da Cruz Silva, tabelião, que o escrevi. (Arquivo Notarial de Faro, Cartório Notarial de Faro, Livro do tabelião António da Cruz Silva, 1747 fls. 83 vº; LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 193 a 196).*

F I M.



*Breve encontro: a igreja de Santo António do Alto*

*Fui ao teu encontro, de cal branca caiada.*

*Atrás ficara  
o sagrado canto do mar.*

*Amante  
eternamente aprisionado  
no murmúrio dos búzios  
cornucópias celestiais  
de tempos imemoriais.*

*Encontrei-te  
singela  
despida.  
Com despretensiosa nudez  
me olhaste.*

*Num arrebatado de Fé  
adentrei em tuas entranhas.*

*Fé  
Não sei em quê!  
Não sei em quem!  
Em ti e em mim, qual Spartacus?*

*Porque tu és mais que tu.*

*És excesso de ti*

*Fé  
das gastas mãos que te fizeram.*

*Fé  
dos penitentes sonhos que te inventaram.*

*Fé  
de quem te amou  
delicada, minuciosa  
preciosidade envergonhada.*

*Sim!*

*Fé em ti e em mim  
na dimensão divina  
da frágil humanidade  
que a ti me levou  
ainda que me abandone  
no desencontro da esquina  
que de ti me levou.*

Faro. Ermida de Santo António do Alto.  
Pormenor do retábulo-mor. Representação escultórica da Fé.  
Foto Marco Pedro.



